UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MARCELA DE ANDRADE RUFATO

Imigração e Relações Raciais na Cidade Moderna:

a teoria social de Louis Wirth

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Imigração e Relações Raciais na Cidade Moderna: a teoria social de Louis Wirth

MARCELA DE ANDRADE RUFATO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Mário Antonio Eufrasio

São Paulo
2010

Para meus pais, meu irmão e minha irmã com carinho e gratidão pela compreensão e pela confiança inabaláveis e pelo suporte incansável.

Para meus alunos, passados, atuais e futuros, como incentivo.

Agradecimentos

A meu pai Adilson, minha mãe Ana Maria, meu irmão Matheus e minha irmã Ana Carolina, cada um do seu jeito, pelo suporte, carinho, compreensão e incentivo ao longo de toda esta jornada. Durante esse período nos dispersamos de diferentes maneiras por cidades e países diferentes, mas vocês mais uma vez me provaram que distância física nenhuma é capaz de abalar o carinho, o cuidado e o comprometimento que temos um pelos outros. A realização desta dissertação não teria sido possível nem teria sentido algum se não pudesse compartilha-la com vocês.

A toda minha família estendida; em especial, a meus (tios) avós Benedito e Célia, pelas incansáveis demonstrações de afeto; as minhas tias Zezé, meu modelo de professora; e Rosangela, quem inaugurou a família na universidade pública e no mestrado; a minha madrinha Anésia, quem encontrou forças para me desejar sucesso mesmo quando sua situação pessoal e familiar não favorecia; e a memória de minha avó Sebastiana, quem perdi durante esta trajetória.

A Iolanda, Carlinhos, Matheus, Flávia e Diogo, minha segunda família, por opção e convívio, que nunca entenderam bem o que faço, mas que nem por isso foram menos compreensivos com minhas ausências e sempre me demonstraram grande admiração, carinho, apoio e incentivo. Esses são sentimentos recíprocos.

Aos amigos de quem me afastei mais do devia nessa jornada, mas que sempre se mostraram compreensivos e grandes incentivadores: Marcia, André, Rita, Glaucia, Karen, Priscila, Eduardo, Fabiana, Vânya, Rafael, Chim (quem primeiro me inspirou em tentar entender o imigrante na cidade moderna) e outros que certamente estou esquecendo agora. Também a meus amigos na Alemanha que, como imigrantes, me demonstraram na prática questões que eu só estava vendo na teoria: Thais, Mauricio, Roberta, Orlando, Rose, Marcos, Camila, Arthur e Eva.

Aos profissionais, Francisco, Ana Lúcia e Maria Cecília, que me ajudaram a sair do "buraco" em que me enfiei no final do ano passado, e me acompanharam, sempre incentivadores, durante toda a conclusão desta trajetória.

Aos meus colegas de trabalho na EMEFM Prof. Derville Allegretti, que compartilham cotidianamente comigo a difícil tarefa de desenvolver uma educação de qualidade, nas limitadas condições da rede pública, e que se mostraram prestativos nos momentos mais críticos desta reta final: a diretora Regina Maria, a coordenadora Márcia, os inspetores Emily, Pedro e Jaciara; e os professores Alessandra, Bete, Marcelo, Mário, Débora (e Júlio), Camila, Raquel, Maíra, Josceli, Laís e Nicolau (com quem dividi as aulas, as dificuldades e os êxitos do ensino de sociologia; e que também pratica o malabarismo de dividir o cotidiano de sala de aula com as atividades de mestrado). Ingressei no Derville com uma convocação inesperada, num momento em que me

encontrava completamente desiludida tanto com a carreira acadêmica, quanto com a docente. Mas a escola me surpreendeu positivamente de diferentes maneiras. Por isso, não tenho como deixar de agradecer outro personagem fundamental desta realidade que são os alunos. Não agradeço nenhum em especial, mas ao conjunto, tanto de meus alunos oficiais quanto daqueles que só conheci como substituta. Foi com vocês, no cotidiano de sala de aula, que consegui me lembrar dos motivos para minha escolha pela sociologia. Tivemos nossas dificuldades, mas foi resolvendo-as que resignifiquei minha trajetória profissional e, por tabela, na minha formação acadêmica. Foi só com esse impulso, dado por vocês, que acredito ter conseguido concluir esta dissertação.

A meus colegas de turma do mestrado: Matheus, Eduardo, Rogério, Max, Danilo, Nelson, Fred, Guilherme, Jonas, Jefferson, Gustavo, Maurício; uma turma composta por apenas quatro mulheres, três além de mim: Bruna, Carla e Denise, que se mostraram amigas verdadeiras e prestativas nos melhores e nos piores momentos deste processo.

Aos meus colegas no grupo de estudos do SocioUrb/Ceru, do qual me afastei no meio desta trajetória, mas que foram personagens importantes no início dela: as prof^{as}. Maria Christina e Célia; Giorgio, Alexandre, Henrique, Kleber, Branca, Lucimara, Gisele, Juliana, Cristina e Barbara.

À prof^{a}. Vera Telles pela leitura e pelas sugestões ao meu projeto na disciplina de Seminários; e à prof^{a}. Fraya Frehse, que aceitou parte dessa dissertação com trabalho final de sua disciplina “Sociologia da Cidade”, e me devolveu com marcas de uma leitura cuidadosa e com comentários pertinentes. Aos profs. Alexandre Massela e José Jeremias que aceitaram participar da minha banca de qualificação em data desfavorável e fizeram indicações e sugestões positivas para conclusão desta dissertação.

Aos funcionários da pós-graduação do depto de Sociologia/FFLCH/USP, Angela e Vicente, que sempre se colocaram a disposição para resolver minhas dificuldades.

A CAPES e ao CNPq pela concessão da bolsa de mestrado que tornaram a realização desta pesquisa financeiramente menos onerosa.

Por fim, a meu orientador, prof. Mario Eufrasio, a quem sinto que nenhum conjunto de palavras será suficiente para expressar minha gratidão, porque, desses já oito anos de orientação, teve paciência em aceitar meu ritmo de trabalho e de amadurecimento e, nos momentos mais críticos desta trajetória, me dirigiu palavras sábias e sóbrias de incentivo e compreensão. Realmente considero que a pesquisadora e a professora que sou hoje se devem em grande parte a sua orientação.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo principal a reconstrução conceitual e teórica dos estudos de imigração de Louis Wirth, sociólogo de origem alemã, naturalizado norte-americano, associado à tradição da Escola Sociológica de Chicago. A análise centrou-se em seus escritos de formação: *Culture Conflict in the Immigrante Family* (1925), sua dissertação de mestrado, e *The Ghetto* (1928), a publicação de sua tese de doutorado, complementados por alguns artigos. Os principais elementos reconstruídos foram, não necessariamente nessa ordem: a condição do imigrante de desorganização e reorganização pessoal e de grupo; a teoria da assimilação; os conflitos culturais e a delinquência entre a segunda geração de imigrantes; a psicologia social do imigrante e seus tipos sociais e de personalidade; a possibilidade de aplicação do conhecimento sociológico para intervenção na realidade social; e, o conceito de gueto, na interpretação do isolamento espacial, cultural e social. Esses elementos foram analisados não apenas nas formulações do autor, mas também pelas influências que sofreu de William I. Thomas, Robert E. Park e Ernest W. Burgess. Quanto ao conceito de gueto, especificamente, foi realizado também o exame de sua incorporação na sociologia e nos estudos raciais norte-americanos, posteriores ao autor, na reavaliação e crítica elaborada por Loïc Wacquant.

Palavras-chave: Louis Wirth, Escola Sociológica de Chicago, imigração, assimilação, gueto.

Abstract

This thesis has as main purpose the conceptual and theoretical reconstruction of the studies of immigration from Louis Wirth, sociologist of German origin, naturalized American, associated with the tradition of the Chicago School of Sociology. The analysis focused on the author's formation writings: *Culture Conflict in the Immigrant Familiy* (1925), his master thesis, and *The Ghetto* (1928), the publication of his doctoral thesis, supplemented by some articles. The main reconstructed elements were, not necessarily in this order: the immigrant condition of individual and group disorganization and reorganization; the assimilation theory; cultural conflicts and delinquency in the second generation of immigrants; the social psychology of the immigrant and its social and personality types; the possibility of applying sociological knowledge to change social reality; and the concept of ghetto for the interpretation of spatial, cultural and social isolation. These elements were analyzed not only in the author's formulations but also in the influences that he had suffered from William I. Thomas, Robert E. Park and Ernest W. Burgess. Regarding the concept of ghetto, specifically, it was also examined its development in American sociology and racial studies, later to the author, in the review and critique elaborated by Loïc Wacquant.

Keywords: Louis Wirth; Chicago School of Sociology; immigration; assimilation; ghetto.

Sumário

Considerações Iniciais 10

1. Louis Wirth, sua Obra e a Escola de Chicago de Sociologia 12
   Apontamentos biográficos de Louis Wirth 12
   A obra de Louis Wirth e seus temas principais 18
      1. Relações raciais 19
      2. Ecologia humana e estudo da comunidade 20
      3. Sociologia como disciplina científica e sociologia do conhecimento 20
      4. Cidade, modo de vida urbano e cultura urbana 21
      5. Planejamento 22
   Louis Wirth e a Escola de Chicago de Sociologia 24

2. A Condição do Imigrante: conflitos culturais e delinquência 34
   Culture Conflicts in the Immigrant Family (1925) 35
   O paradigma da desorganização social 36
   Famílias de judeus ortodoxos em Chicago 39
   Delinquência e conflitos culturais 41
   A vida familiar 43
   Assimilação do imigrante 44
   Conflitos culturais na família de imigrantes judeus ortodoxos 48
      Conflitos de linguagem 50
      Conflitos de religião 54
      Conflitos de mores 57
   Conflito cultural, delinquência e seu tratamento 67
   “Culture conflict and Delinquency” (1931) 71

3. O Serviço Social e a Sociologia nos EUA 77
   As “narrativas” das relações entre o serviço social e a sociologia 78
   A sociologia prática e a ciência social na “Nota Metodológica” de Thomas & Znaniecki (1918) 83
   Os programas e práticas de bem-estar e a sociologia em *Introduction to the Science of Sociology* de Park & Burgess (1921) 89

4. *The Ghetto*: conceituando isolamento racial e cultural na cidade moderna 93
História natural do gueto 94
O gueto na Idade Média..... 95
O gueto de Chicago 97
O gueto na cidade moderna 104

5. Re-significando o "Gueto": a crítica de Loïc Wacquant ao conceito de Louis Wirth..... 111
Críticas aos usos do termo gueto 112
O conceito relacional de gueto 114
As funções sociais do gueto..... 118
O estigma do gueto 119
As diferenças entre gueto e pobreza, segregação e aglomeração étnica 120

Considerações Finais 123

Bibliografia de Louis Wirth..... 126

Bibliografia..... 136

Considerações Iniciais

A presente dissertação tem como objetivo principal a reconstrução conceitual e teórica de parte da obra de Louis Wirth, sociólogo de origem alemã naturalizado norte-americano, associado à tradição da Escola de Chicago de Sociologia.

Apesar de mais conhecido na Sociologia Urbana, por seu famoso artigo "Urbanismo como modo de vida" (1938), Wirth possui contribuições em diferentes áreas, tais como: imigração, raça, comunidade e ecologia humana, conhecimento, educação etc. Dada sua intensa atuação social, que se fez presente ao longo de toda sua carreira, mas especialmente após a Segunda Guerra Mundial, deixou também importantes contribuições na área de planejamento social.

Toda essa diversidade não seria adequadamente abordada se pretendêssemos aqui o tratamento do conjunto da obra de Wirth como um todo. Por isso, faremos uma leitura direcionada ao tema da imigração, que se concentra em seus escritos de formação, sobre os imigrantes judeus de Chicago. Esses se inserem na discussão mais geral do autor sobre o tema das relações raciais[1] na sociedade moderna, que, posteriormente, dada sua participação no projeto de pesquisa de Gunnar Myrdal, foi direcionada para o estudo dos negros na sociedade norte-americana, e, mais tarde, em meio a sua atuação política e social, para abordagem das minorias sociais.

Em termos mais específicos, portanto, a proposta que aqui se delineia corresponde à reconstrução dos conceitos e teorias que formulou – e, quando possível, das metodologias que utilizou – no início de sua trajetória acadêmica, profissional e de atuação social. Para tanto, será de grande importância identificar as influências que sofreu; em especial, a dos demais professores e pesquisadores associados à Escola de Chicago. Assim, será possível examinar a originalidade do autor e suas contribuições para as formulações dessa escola, bem como avaliar sua influência e o desdobramento de suas elaborações na Sociologia norte-americana.

Com isso, nos inserimos no projeto mais geral de estudo da Escola Sociológica de Chicago, já há algum tempo, pensado, articulado e realizado pelo prof. Mário A. Eufrasio (depto de Sociologia/FFLCH/USP), e esperamos contribuir para a divulgação de parte da produção sociológica desse autor que, para além de seu artigo de 1938, é pouco conhecido no Brasil. Ao mesmo tempo, acreditamos que a reconstrução desta parte específica da obra do

[1] Optamos utilizar nesta dissertação o termo "relações raciais" por ser aquele utilizado pelo próprio autor. Ressaltamos, entretanto, que o uso que o autor faz do termo, longe do determinismo biológico que possa aparentar, aproxima-se do politicamente correto atual: "relações étnicas".

autor também poderá contribuir para a reconstrução histórica dos estudos raciais e da Sociologia da Imigração no contexto norte-americano.

Em termos mais pessoais, considero essa dissertação um desdobramento da pesquisa de iniciação científica, que realizei entre agosto de 2002 e julho de 2005, sobre o bairro do Bom Retiro em São Paulo, visando seu entendimento na estrutura urbana da cidade de São Paulo por meio do estudo, num primeiro momento, da concentração de imigrantes judeus nele e, num segundo momento, da mobilidade dos diferentes grupos de imigrantes que passaram e passam por ele. Naquele momento, já sob a orientação do professor Mário A. Eufrasio, tive meu primeiro contato com a obra de Louis Wirth, por *The Ghetto*, que me servia de base para comparar a realidade de um bairro de imigrantes judeus de Chicago com o de São Paulo. Evidentemente, o que desenvolvi ali estava muito aquém do que busquei abordar nesta dissertação. Ao mesmo tempo, o que pude desenvolver aqui se mostrou pequeno diante da diversidade e fertilidade que o conjunto da obra do autor possui; mas, um já é começo.

Capítulo 1

Louis Wirth, sua Obra e a Escola de Chicago de Sociologia

Apontamentos biográficos de Louis Wirth[2]

Louis Wirth nasceu em 28 de agosto de 1897, em Gemünden, uma pequena vila de 900 habitantes localizada no distrito Hunsrück, no estado da Renânia-Palatinado, na Alemanha. Foi o segundo filho, primeiro homem, de uma tradicional família judaica de comerciantes e fazendeiros.

A comunidade judaica na vila era pequena, não ultrapassava vinte famílias. Por isso, não possuía escola de ensino regular na tradição religiosa. As crianças da comunidade frequentavam a *Evangelische Volksschule*[3] da vila para o ensino básico, complementado pela escola religiosa aos domingos. A vila também não possuía *Gymnasium*. E, após os oito anos de ensino obrigatório, era raro que algum deles fosse enviado para alguma outra cidade para continuar os estudos e ingressar na Universidade.

Entretanto, a mãe de Wirth, Rosalie Lorig Wirth, tinha aspirações de ensino superior para seus filhos. Primeiro, convenceu seu marido, Joseph Wirth, a providenciar um tutor. Pouco depois, no verão de 1911, cedeu ao convite de seu irmão gêmeo, Isaac, de levar Louis e Flora, sua irmã mais velha, aos Estados Unidos para prosseguirem os estudos.

Assim, aos quatorze anos, Louis Wirth chegou a Omaha, Nebraska, para morar com outro tio materno, Emanuel Lorig. Lá, frequentou escola pública e recebeu aulas particulares de inglês que lhe permitiram uma rápida fluência tanto na redação quanto na pronúncia da língua inglesa. Quando completou os estudos secundários, era esperado que Wirth, assim como os demais filhos de Emanuel, assumisse parte do comércio de mercearia da família, onde havia trabalhado durante todo esse período. Wirth, porém, tinha outros planos. Muito

---

[2] Exceto quando houver indicação diferente, as informações biográficas de Louis Wirth foram retiradas de Salerno 1983 e Wirth Marvick 1964.

[3] Literalmente, *Evangelische Volksschule* corresponde a "escola popular protestante". Pelo atual sistema educacional alemão, organizado a partir de 1950, a *Volksschule* corresponderia à soma da *Grundschle*, que corresponde ao ensino primário de quatro anos, com a *Hauptschule*, que é o mais curto dos quatro tipos de ensino secundário do sistema educacional e visa a preparação dos alunos para o ensino profissionalizante. Desde o século XIX, o outro tipo de ensino secundário possível era o *Gymnasium*, que corresponde ao ensino preparatório para o universitário. A reforma educacional da década de 1960 criou mais dois tipos de ensino secundário: a *Realschule*, como um ensino intermediário entre as propostas da *Hauptschule* e do *Gymnasium*; e a *Gesamtschule*, como um tipo de ensino alternativo aos outros três, que permite a entrada para tanto no ensino profissionalizante quanto no universitário.

influenciado e incentivado por seu professor de história na escola, concorreu e conquistou uma bolsa de estudos para Universidade de Chicago.

Em 1916, Louis Wirth entrou na Universidade como estudante de medicina. Como parte de sua grade de cursos opcionais, frequentou disciplinas de sociologia e tomou contato com os professores Albion Small, Willian Thomas, Robert Park e Ernest Burgess. Seu interesse pela área foi tão grande que abandonou a recém-iniciada carreira médica:

> Comecei como estudante da área médica na Universidade de Chicago e no decorrer de minha de graduação, como parte de meus cursos opcionais, fiz alguns cursos da sociologia. Isto me colocou em contato com Park, Burgess, Thomas e Small, e uma vez que fui exposto a eles logo descobri que esse era o campo em que eu queria trabalhar. Eu era entusiasmado e radical naqueles dias, de modo que acreditava que uma ciência do comportamento humano era não apenas possível, mas indispensável. O que li ao longo dos meus estudos me impressionou de modo decepcionante. Pela inspiração e ajuda dos professores que mencionei acima, fui incentivado a continuar e fazer o pouco que poderia para tornar nosso conhecimento nesse campo talvez um pouco menos decepcionante para os outros. (Wirth *apud* Odum 1951, p. 228, tradução minha)

Já naquele momento, o que o inspirava era a possibilidade de atuação social. Assim, participou dos protestos contra a Primeira Guerra Mundial, envolveu-se com as atividades dos grupos marxistas do *campus*, frequentou a *Hull House* e se intrigou com o espírito reformista de Jane Addams.

Em 1917, em crise com sua identidade alemã e judaica, juntou-se ao clube alemão da universidade. Lá conheceu Mary Bolton, filha de uma tradicional família batista de Kentucky, que, em 1923, tornou-se sua esposa.

Por influência de Bolton, após concluir o bacharelado em 1919, Louis Wirth iniciou sua carreira no serviço social. Seu primeiro emprego foi no *Jewish Charities* de Chicago, no escritório de serviços pessoais, onde fazia estudos de casos com famílias de judeus recém-imigrados. Em 1922, quando deixou a instituição, era diretor da divisão para jovens delinquentes. Essa experiência lhe permitiu fazer algumas economias e viajar por alguns meses para Alemanha, pela primeira vez desde 1911.

Logo que retornou de viagem, voltou ao departamento de Sociologia da Universidade de Chicago como aluno de pós-graduação. Para sua dissertação de mestrado, aproveitou toda experiência adquirida e os dados coletados ao longo dos três anos que trabalhou no *Jewish Charities*. Em 1925, defendeu a dissertação *Cultural Conflicts in the Immigrant Family*, na qual analisou a desorganização social de famílias de imigrantes judeus ortodoxos, muito inspirado pelo tratamento e pela interpretação que Thomas e Znaniecki (1918-20) deram a condição do camponês polonês na América.

Nesse período também, Wirth foi convidado por Park e Burgess para pesquisar e elaborar a bibliografia de uma coletânea de textos que estavam elaborando sobre a cidade. O empenho de Wirth para a publicação foi tão grande que preencheu 68 das 228 páginas do volume *The City*, publicado em 1925. Nela, não apenas listou títulos de obras pertinentes como as organizou por temas gerais e fez comentários individualizados. Não por acaso, foi frequentemente reconhecida, na época, como uma das mais completas, exaustivas e abrangentes bibliografias na área de pesquisas acadêmicas sobre a cidade.

Essa experiência certamente intensificou o envolvimento de Wirth com as propostas teóricas e metodológicas de seus orientadores. Sua tese de doutorado, *The Ghetto*, parece ser a confirmação disso. Ela representou a continuidade de sua dissertação de mestrado pelo objeto de estudo, então ampliado para as comunidades de imigrantes judeus de Chicago como um todo. Entretanto, a inspiração principal já não era o estudo de Thomas e Znaniecki (1918-20), mas a concepção de ecologia humana de Park e a teoria da estrutura urbana de Burgess.

Naquela coletânea, Park e Burgess identificaram a colônia de imigrantes judeus em Chicago, popularmente chamada de "gueto", como uma área natural da zona de transição da cidade. Ao final do capítulo 2, no artigo de Burgess "O Crescimento da Cidade", no qual apresentou pela primeira vez a ideia de estrutura da cidade em círculos concêntricos, havia a seguinte passagem:

> O projeto, entretanto, em que estou diretamente empenhado, é uma tentativa de aplicar esses métodos de investigação a um corte transversal da cidade – colocar esta área, por assim dizer, sob o microscópio, e assim estudar mais detalhadamente e com maior controle e precisão os processo que foram descritos aqui em linhas gerais. Para este fim foi selecionada a comunidade judaica do *West Side*. Esta comunidade inclui o assim chamado *Ghetto*, ou área de primeira fixação de imigrantes, e *Lawndale*, a assim chamada *Deutschland*, ou área de segunda fixação. Esta área tem certas vantagens evidentes para este estudo, do ponto de vista de expansão, do metabolismo e da mobilidade. Exemplifica a tendência para expansão, do centro comercial da cidade. Constitui agora um grupo cultural relativamente homogêneo. *Lawndale* é, em si mesma, uma área em fluxo, com a maré de migrantes ainda afluindo do *Gueto* e em constante egresso para as regiões mais desejáveis da zona residencial. Nesta área, igualmente, é também possível estudar como o esperado resultado dessa alta taxa de mobilidade na desorganização social e pessoal é contrabalançada em grande medida pela eficiente organização comunal da comunidade judaica" (Burgess 1925 *in* Pierson 1970a, p. 368).

Burgess nunca concretizou tal projeto. Passou-o a Wirth, talvez inclusive pela qualidade da dissertação de mestrado que apresentou, porque são os processos e questões que Burgess apresentou nesse projeto que Wirth abordou e discutiu em sua tese de doutorado, *The Ghetto*, defendida em 1926 e publicada em 1928, pela editora da Universidade de Chicago.

Ainda como doutorando, no outono de 1925, Wirth iniciou sua carreira docente com disciplinas introdutórias do departamento de Sociologia na Universidade de Chicago e na *YMCA Central College* (atualmente Universidade Roosevelt). Em 1928, sem conseguir subir

ao cargo de professor permanente na Universidade de Chicago[4], Wirth aceitou uma proposta da Universidade Tulane, em Nova Orleães. Entretanto, o afastamento de Chicago, da esposa e da filha pequena, não perdurou por muito tempo. Depois de dois anos em Tulane, Wirth não teve seu contrato renovado porque as posições que defendia, em especial com relação ao controle de natalidade e aos negros, foram entendidas pela Universidade como demasiado "inapropriadas":

> A doutora Elizabeth Marvick, filha de Wirth, sugeriu que parte do motivo para a não recontratação de Wirth em Tulane estava relacionado ao seu papel como consultor de uma agência de orientação infantil e seus discursos inflamados feitos a grupos particulares sobre a necessidade de controle de natalidade. O Sul, naquele período, ainda estava sob controle político e ideológico segregacionista. A posição integracionista de Wirth sobre raça e sua ideologia completamente liberal não foram aprovadas pela Igreja Católica localmente influente e pela ideologia conservadora do Sul. Nem, obviamente, suas visões agradaram os administradores da Universidade. Com relação a isso, Philip Houser [que foi aluno de Wirth] recentemente comentou: "Ele (Wirth) foi a Nova Orleães e teve de voltar ou eles teriam o executado em um trilho. Sabe, ele era muito radical para eles. Ele acreditava em tais coisas absolutamente radicais e extremas como a de que os negros eram seres humanos". (Salerno 1983, p. 59, tradução minha)

De volta a Chicago, Wirth ganhou uma bolsa de estudos do *Social Science Research Council* para pesquisa em sociologia do conhecimento na Europa. Entre 1930 e 1931, viajou para França e para a Alemanha e entrou em contato com autores como Werner Sombart, Leopold Von Wiese e, principalmente, Karl Mannheim, de quem acompanhou a publicação de seu livro *Ideologia e Utopia* e boa parte das discussões que ele causou nos círculos acadêmicos alemães.

O encontro com Mannheim teve impacto significativo no pensamento e na obra de Wirth. Por algum tempo manteve correspondência com o autor, que resultou na publicação da tradução, realizada com Edward Shils (na época, um de seus assistentes de pesquisa), daquela obra à língua inglesa, em 1936. Para tal publicação, Wirth também escreveu uma introdução

---

[4] Salerno (1983) e Miller (1992) interpretaram esse episódio como um exemplo do anti-semitismo presente nas Universidades norte-americanas naquele período. A suspeita foi levantada pelo fato de um dos colegas de pós-graduação de Wirth, Herbert Blumer, ter conseguido tal posição antes, sendo que, na época, acabara de defender o doutorado, sem publicá-lo. Nas palavras de Salerno (1983): "Quando Wirth completou seu doutorado em 1926, o corpo docente do Departamento era composto por Robert Park, Ernest Burgess e Faris Ellsworth. Albion Small tinha falecido na aposentadoria naquele ano. William Ogburn foi contratado fora pela Universidade de Columbia em 1927. Embora parecesse provável que Wirth receberia um cargo de professor permanente em tempo integral, isso não se concretizou. Ele permaneceu como instrutor até 1928, dois anos depois de ter recebido seu doutorado. Há controvérsias quanto ao grau de anti-semitismo na Universidade nesse momento. Seguramente, Faris não gostava de Wirth. Se esses sentimentos eram preconceituosos ou de natureza pessoal não é sabido com certeza. Aparentemente, Faris impediu, ou ajudou a impedir, a nomeação de Wirth para uma posição de professor assistente em tempo integral por alguma razão. Ao invés, Blumer (calouro de Wirth e não-judeu) recebeu a nomeação professor assistente permanente" (Salerno 1983, pp. 58-9, tradução minha). Contra a suspeita, pesa o fato de Blumer ter sido contratado pela Universidade para assumir as aulas de George Mead, na área de filosofia e psicologia social, que eram as áreas de pesquisa com as quais já trabalhava.

que ficou famosa e passou a integrar as demais traduções da obra e, posteriormente, as novas edições do original em alemão.

Durante o período em que Wirth esteve na Europa, Robert Park ganhou espaço dentro do departamento de Chicago e pode lhe oferecer uma vaga de professor assistente para assim que retornasse de viagem. O convite foi prontamente aceito e Wirth permaneceu vinculado ao departamento de sociologia de Chicago até sua morte precoce em 1952; sendo que, em 1940, foi finalmente promovido a professor permanente.

De volta a Chicago, Louis Wirth passou a conciliar sua atividade docente com outras, tais como uma posição de secretário e tesoureiro na *American Sociological Association*, de editor no *American Journal of Sociology* e de pesquisador no *Social Science Research Commitee*. Além disso, participou da elaboração de manuais didáticos para o ensino de Sociologia e de conferências e debates sobre educação e formulação de currículos. Como parte disso, inclusive, ganhou na primavera de 1932, um prêmio da Universidade de excelência no ensino. A partir de 1933, somou-se a isso a luta por retirar seus familiares da Alemanha já tomada pelos nazistas. O esforço perdurou até 1936 devido à resistência dos pais de Wirth em deixar o país onde nasceram e construíram família.

Não sabemos ao certo em que medida todas essas atividades "extras" prejudicaram a docência de Wirth. Algumas particularidades de sua didática lembradas por alguns de seus ex-alunos dão alguns indícios disso. Howard Becker, por exemplo, fez o seguinte relato:

> Wirth nasceu na Alemanha e falava alemão fluentemente. Ensinava história da sociologia, era um professor muito preguiçoso e costumava fazer uma coisa terrível conosco: às vezes lia para nós textos em alemão sem traduzir. Lia Simmel e só traduzia quando queria. Dizia: "Esta passagem é tão bonita em alemão! Vou ler". E lia em alemão durante 15 minutos, e ninguém entendia nada! (Becker *apud* Velho 1990, p. 122)

Relatou semelhante foi dado por Shils:

> Eu não vi Louis Wirth novamente até janeiro de 1933, quando comecei a frequentar o seu curso – às 08h00 três manhãs por semana – sobre a história da sociologia, ou a história da sociologia alemã, não me lembro. O curso foi um dos mais singulares que já frequentei. Os textos para a aula eram os três pequenos volumes de capa verde de Franz Oppenheimer e Gottfried Salomon, *Soziologische Lesestücke*. Wirth ia para uma sala do edifício do *Social Science Research* que tinha uma grande mesa oval, e fazia alguns comentários desconexos; então, na maioria dos dias, ele começava a ler trechos de um dos pequenos volumes – em alemão. Às vezes, ele lia uma página inteira, às vezes mais. Ele fazia isso durante toda a aula. Deve ter havido alguns dias em que ele falou em sua própria língua na maior parte da aula, mas não me lembro de nenhum deles. Ele ocasionalmente fazia comentários muito bons, vinculando a passagem lida com o trabalho de algum outro sociólogo. Acho que eu era provavelmente o único membro da classe que lia em alemão fluentemente, e eu também tinha a vantagem de ter o texto na minha frente enquanto ele estava sendo lido. Contudo, os alunos adoraram Wirth e pelo menos pela sua leitura em alemão para eles, mesmo que eles não conseguissem entender o que ele estava lendo. Eles achavam que ele era um verdadeiro erudito. De fato, muitas vezes ele disse algumas coisas inteligentes e aprendi algo sobre *Volksgeist* desse curso. (Shils, 1981, p. 187, tradução minha)

Ao relatar o período em que auxiliou Wirth a traduzir a obra de Mannheim, Shils salientou outra característica do autor:

> Sua sala era a 317, e eu chegava às nove da manhã, e ele entrava por essa hora e trabalhávamos muito, muito lentamente, porque éramos constantemente interrompidos. Ele sempre mantinha a porta aberta. Isso era impressionante porque ele realmente sempre queria estar em contato com as pessoas. E eu fechava a porta e ele a abria... [5] (Shils *apud* Salerno, 1983, p. 65, tradução minha)

No entanto, o envolvimento de Wirth com atividades extra-universitárias durante a década de 1930 foi apenas o início de sua notável atuação social. Nessa década, o autor ainda conseguiu conciliar bem suas atividades e fez importantes publicações. Entre elas, o artigo pelo qual é mais conhecido: "Urbanismo como modo de vida", publicado em 1938. No período durante e após a Segunda Guerra Mundial, Wirth intensificou seu envolvimento com instituições públicas e privadas de atuação e planejamento urbanos e sociais, consolidando uma das características pela qual sempre foi muito lembrado. Burgess registrou a seguinte passagem, num obituário de Wirth:

> Louis Wirth com sucesso exemplificou em sua carreira a rara habilidade de combinar o papel do cientista social com o de engenheiro social. Ele fez contribuições excepcionais para o bem-estar público. Foi consultor, do *National Resources Planning Board*, em 1935-194; diretor de planejamento, da Comissão de Planejamento Pós-Guerra do Illinois, em 1944; e presidente por 1948-51 do Conselho Americano de Relações Raciais. Sob a sua orientação a Primeira Conferência Nacional de Relações Intergrupos foi marcada para Chicago, em novembro de 1947. Desta Conferência saiu a *Association of Intergroup Relations Officials*. Ele assumiu papel importante na vida cívica de Chicago e Illinois e era constantemente consultado por funcionários da cidade e do estado e por chefes de organizações em questões de planejamento da cidade, crime, habitação, tensão inter-racial, movimentos populacionais, redistribuição de escolas, e remoção de cortiços. Ele tinha uma forte crença no valor das descobertas de pesquisa para o delineamento de políticas e programas sociais. (Burgess 1952, p. 499, tradução minha).

Mas, todo esse envolvimento teve consequências para sua produção acadêmico-científica, como destacou sua filha, Elizabeth Wirth Marvick:

> Wirth esteve adiantado em ver que o final da Segunda Guerra Mundial permitiria um "reflorescimento de consciência" e aumentaria a militância e o poder de grupos minoritários. Ele esperava uma aceleração da demanda por reforma nas condições de vida urbana e nos direitos das minorias. Seus interesses e energias estavam quase inteiramente absorvidos por esforços concretos em promover essas mudanças. [...] Wirth foi conselheiro formal e informal de muitos grupos dedicados à ação social. Depois 1945, ele raramente escreveu algum artigo que não fosse para ser apresentado diante de um grupo particular em uma ocasião específica. (Marvick Wirth, 1964: 339-40, tradução minha).

Tendo em vista a grande discussão e polêmica que seu artigo "Urbanismo como Modo de Vida" havia causado, Louis Wirth planejou, durante esse período, escrever uma densa e completa obra de seu pensamento sobre a cidade. Para tanto, selecionou uma grande quantidade de material e rascunhou alguns capítulos. Entretanto, os mais diversos

---

[5] Apesar de indicar dificuldade com o estilo de trabalho de Wirth, Shils voltou a trabalhar com Wirth num relatório sobre as condições da vida urbana, para o *National Resources Commitee*, publicado em 1938.

compromissos que assumiu não o permitiram passar disso; porque, em 3 de maio de 1952, minutos após sua apresentação em uma conferência sobre relações de comunidade, em Buffalo (Nova Iorque), Wirth sofreu um ataque fatal do coração.

A obra de Louis Wirth e seus temas principais

Por volta de 1948, a pedido de Howard W. Odum para a realização de sua obra *American Sociology*, Louis Wirth fez um balanço de sua carreira.[6] Nele, Wirth situou seu trabalho teórico nos campos da Teoria e História da Sociologia. Entretanto, enfatizou que não considera a teoria como um corpo de conhecimento separado da pesquisa e da prática, mas um aspecto de tudo que faz.

Assim, junto à preocupação com a elaboração teórica, identificou quatro áreas principais para as quais acredita ter contribuído:

[1] a ecologia humana e o estudo da comunidade, na qual inclui o levantamento bibliográfico para a coletânea *The City* de Park e Burgess (1925), a obra *The Ghetto* (1928) e o artigo "Urbanismo como modo de Vida" (1938);

[2] a sociologia do conhecimento – ou sociologia da vida intelectual, como preferia –, para qual reconhece que a exceção do prefácio a *Ideologia e Utopia* de Mannheim (1936), possui poucos escritos;

[3] as relações raciais e os problemas das minorias, que identificou como a área de interesse com a qual tinha maior afeto naquele momento, e na qual incluiu a monografia que escreveu para o Social Science Research Council, "The Effect of War on American Minorities" (1943), sua participação no projeto de Gunnar Myrdal (1944) e o capítulo "The Problem of Minority Groups" da coletânea de Ralph Linton de 1945;

[4] por fim, habitação e planejamento, para qual reconhece uma contribuição modesta, porém embasada na ideia de que o planejamento é uma das vias pelas quais manteremos uma sociedade democrática.

Esse relato de Wirth sobre sua própria obra nos auxiliou a pensar numa organização temática de seus escritos em cinco grandes temas. Esses foram suscitados por alguns de seus escritos mais importantes e famosos. Entretanto, mostraram-se como preocupações presentes por toda a carreira do autor, sem se limitar ao período em que foram escritos. Apresentar a

[6] A obra de Odum foi publicada em 1951. Sabemos, entretanto, que o relato de Wirth é de 1948 pela listagem elaborada por Vortkamp (2003) dos materiais inéditos do autor, arquivados na biblioteca da Universidade de Chicago; na qual consta a carta a Odum com data de 27 de abril de 1948.

obra do autor nesses termos se mostrou mais oportuno porque uma das propostas que nos colocamos aqui é a de examinar o amadurecimento do autor nas questões com as quais trabalhou.

Assim, os cinco temas principais que identificamos no conjunto da obra de Louis Wirth foram: [1] relações raciais; [2] ecologia humana e estudo da comunidade; [3] Sociologia como disciplina científica e sociologia do conhecimento; [4] cidade, modo de vida urbano e cultura urbana; e, [5] planejamento.

1. Relações raciais

Esse tema foi suscitado pela obra *The Ghetto*, que corresponde à tese de doutoramento de Wirth defendida em 1926 (quando incluía o subtítulo: "a study in isolation") e publicada em 1928. Entretanto, não se pode dizer que esse tema se limita a essa obra, nem que esse é o único tema nela desenvolvido.

O tema das relações raciais foi inicialmente tratado por Wirth em sua dissertação de mestrado, *Culture Conflict in the Immigrant Family*. Junto a *The Ghetto*, correspondem as obras do autor nas quais ele trata o tema pela discussão da condição do imigrante, tendo como base a interpretação das características e configurações sociais, culturais e materiais das comunidades de imigrantes judeus em Chicago.

A partir de suas obras de formação até o início da Segunda Guerra Mundial, Wirth generalizou sua abordagem do tema. Seu tratamento aos elementos relativos à condição do imigrante na grande cidade moderna já não se limitava às questões especificas dos imigrantes judeus[7], mas aos imigrantes de uma forma geral. Nesse mesmo período, tratou também do tema das relações raciais de uma forma mais direta. Contribuiu para as discussões sobre a ideia de raça e suas relações com o nacionalismo e participou do projeto de estudo de Gunnar Myrdal, com financiamento da Fundação Carnegie de Nova Iorque, sobre o negro na

[7] Depois de *The Ghetto*, Wirth volta a escrever especificamente sobre os imigrantes judeus em três trabalhos: no artigo "Education for Survival: The Jews" (1943a), num relatório de pesquisa realizado em 1944, para a instituição na qual começou sua carreira como assistente social, o *Jewish Charities of Chicago*, intitulado "Survey of the South Side Jewish Community" (ao qual infelizmente não tivemos acesso), e no artigo "The problem of minority groups" (1945a). Além disso, pronunciou-se sobre o grupo em duas *University of Chicago Round Table Radio*: "The Jews", em 28 de janeiro de 1940, com John Wilson e Malcolm Willey; e "Anti-Semitism: A Threat to America", em 5 de outubro de 1941, com A. Comptom e R. Redfield; e em três resenhas: "Review of *The Jews in the Christian Era from the First to the Eighteenth Century and Their Contributions to Its Civilization*, by Laurie Magnus, New York 1930" [In: *American Journal of Sociology*, vol. 36, nº. 5, March 1931, p. 851]; "Review of *Jewish Family Solidarity: Myth or Fact?*, by Stanley R. Brav, Vicksburg 1940" [In: *Jewish Social Studies*, vol. 5, nº. 1, January 1943, p. 80-1]; "Review of *The Jewish Community: Its History and Structure to the American Revolution*, bv Salo W. Baron. Philadelphia 1942" [In: *Historia Judaica*, vol. 6, nº. 1, April 1944, pp.83-6]. Pelas listagens de Vortkamp (2003), há ainda um material inédito e sem data nos arquivos do autor na biblioteca da Universidade de Chicago, intitulado "Minorities – Jews", que parecem corresponder a "trechos literários" (o termo utilizado por Vortkamp foi "Literaturexzerpte") sobre o tema.

sociedade norte-americana. O resultado dessa participação foi uma monografia elaborada com Herbert Goldhamer, e publicada na coletânea *Caracteristcs of the American Negro* de Otto Klineberg (1944), sobre a questão do híbrido e da miscigenação nos EUA. Nesse momento, Wirth já dava indicações de uma abordagem do tema com relação à questão das minorias. Mas, foi a partir da Segunda Guerra Mundial que se focalizou em tal questão, associando-a a preocupações com planejamento democrático e com políticas públicas de integração social.

2. Ecologia humana e estudo da comunidade

Poderia-se assumir que esse tema também foi suscitado pela obra *The Ghetto*, mas vale destacar dois outros artigos de Wirth: "The Scope and Problems of the Community" (1932), "Human Ecology" (1945). Com eles, evidenciamos a preocupação do autor com temas importantes desenvolvidos pela Escola de Chicago tais como a ecologia humana, a questão da comunidade – e seu correlato: a sociedade –, as diferenças e continuidades entre o rural e o urbano e o estudo das "áreas naturais" e das bases espaciais, temporais, físicas e tecnológicas da vida social.

A distância de publicação entre os dois artigos destacados já denota que não se trata de uma temática restrita a uma fase de produção do autor, mas que se desenvolveu ao longo de toda sua carreira. Ainda que se possa reconhecer que, ao final de sua produção, o autor se distanciou das discussões e das terminologias da Ecologia Humana, a preocupação com a comunidade se manteve fortemente presente.

3. Sociologia como disciplina científica e sociologia do conhecimento

Esse tema foi suscitado pelo prefácio que o autor escreveu para a tradução que realizou da obra *Ideologia e Utopia* de Karl Mannheim, em 1936. Nele, a preocupação principal de Wirth são as discussões relativas ao campo da sociologia do conhecimento ou, como preferia chamar, sociologia da vida intelectual, em especial na questão da objetividade do pensamento social. Essa discussão depois assumiu em sua obra a preocupação com relação aos valores na construção do conhecimento sociológico (Wirth 1949b) e a preocupação com relação à responsabilidade das Ciências Sociais (Wirth 1947b).

Pensando o campo da Sociologia do Conhecimento de forma mais restrita, o autor possui, como o próprio assumiu, poucos escritos na área. Mas, a discussão que fez neles esteve, de certa forma, associada a sua preocupação com a definição da Sociologia como disciplina científica, no sentido de identificar e delimitar seus campos de pesquisa e métodos

de estudo. Por essa preocupação, podemos ampliar o tema e incluir um conjunto de escritos do autor relativamente volumoso.

Mais no início de sua carreira, Wirth realizou essa discussão por uma abordagem relativa à Sociologia da Educação, mas com particular interesse no ensino superior e no ensino de Sociologia[8], tanto para aqueles que ingressavam especificamente na carreira de ciências sociais quanto para outras áreas[9].

Soma-se a esses, os escritos do autor no qual se preocupou em identificar os campos de pesquisa da Sociologia. Isso pode ser identificado desde sua dissertação de mestrado, nos momentos em que discute as diferenças entre os campos e os métodos de estudo da Sociologia com os do serviço social, que em muitos elementos lembram as discussões metodológicas de Thomas e Znaniecki em *The Polish Peasant*. Mas, se prolongou por toda obra do autor, na grande maioria das vezes, associada aos demais temas e elementos que discutiu. Assim, procurou identificar os campos de estudo sociológico de comunidades, de planejamento, do urbanismo, de habitação, de relações raciais e de raça e relações culturais.[10]

4. Cidade, modo de vida urbano e cultura urbana

Esse corresponde ao tema suscitado pelo mais famoso artigo publicado por Louis Wirth que é o "Urbanismo como modo de vida", de 1938. Nos termos específicos desse tema, o autor publicou poucos artigos. Entretanto, é possível identificar elementos para sua discussão e reconstrução na maioria dos escritos sobre comunidade do autor.

Nesse sentido, seria de se questionar por que não incluí-lo no tema da Ecologia Humana; ou no tema do planejamento urbano, tendo em vista que esse é um elemento importante discutido por Wirth no artigo, ainda que de modo mais tímido que em "The Urban

---

[8] O que incluiu a participação de Wirth na elaboração de manuais de Sociologia para nível superior e para professores de estudos sociais (Wirth 1931a e Wirth 1931b).

[9] Wirth possui um interessante, ainda que curto, artigo sobre o ensino de Sociologia para a carreira de enfermagem (Wirth 1928d), no qual é possível identificar elementos de suas concepções sobre a Sociologia. Pela listagem de Vortkamp (2003), o autor escreveu ainda um panfleto sobre sociologia que era parte de um guia vocacional da Universidade de Chicago ["Sociology: vocations for those interested in it". In: Woellner, Robert C. (org.), *Vocational Guidance Series*. nº. 1, Chicago: Board of Vocational Guidance of the University of Chicago]e um artigo sobre educação para negócios ["Biases in education for business". In: Business Education for What? (Proceedings of the University of Chicago Conference on Business Education.), Chicago: University of Chicago Press, pp. 1-11], aos quais infelizmente não tivemos acesso.

[10] Como já foi colocado, a definição de campos de pesquisa sociológica é algo identificável em muitos dos escritos do autor, mesmo quando esse não parecia ser seu objeto. Entretanto, para fazer essa enumeração de temas baseamo-nos nos artigos em que o autor trata a questão de forma mais direta. São eles: "The Scope and Problems of the Community" (1933); "The Prospects of Regional Research in Relation to Social Planning" (1935); "Urbanism as a Way of Life" (1938); "Housing as a Field of Sociological Research" (1947d); "Research in Racial and Cultural Relations" (1948d) e "Problems and Orientations of Research in Race Relations in the United States" (1950a).

Mode of Life", comunicação apresentada pelo autor na conferência da *American Society of Planning Officials*, em 1937, que parece ter originado o artigo de 1938[11].

Entendemos, entretanto, que as repercussões e o debate que o artigo rendeu justificam sua organização num tema específico. Isso, porque o artigo não apenas representa uma releitura do projeto de pesquisa "The City" de Park (1915 e 1925), mas propõe uma nova agenda de pesquisa sobre a cidade, que gerou um conjunto diverso de debates e linhas de pesquisa, entre elas: as buscas por um conceito de cidade; as discussões sobre as *subcultures*, na qual nomes importantes são o de Claude Fischer (Universidade da Califórnia, Berkeley) e, pela crítica, o de Herbert Gans (Universidade de Columbia, Nova Iorque); e, as discussões sobre o planejamento urbano.

5. Planejamento

Esse tema foi suscitado pelo conjunto de escritos do autor a partir da segunda guerra mundial. Mas, como é possível inferir das menções feitas em alguns dos temas anteriores, é uma temática constante na obra do autor devido a sua ativa atuação social. De uma maneira geral, podemos identificar neles duas direções principais: (1) a de políticas raciais, no qual a questão das minorias é um elemento importante, e (2) a de planejamento urbano e social.

Quanto à primeira direção, um artigo a se destacar é: "The Problem of Minority Groups", publicado na coletânea *The Science of Man in the World Crisis* de Ralph Linton, em 1945, no qual o autor faz uma tipologia das minorias com frequência retomada no debate sobre o tema. Mas, o autor possui outros artigos, menos famosos, nos quais trata a questão das relações raciais e do planejamento de forma mais direta. Entre eles: "Race and Public Policy" (1944d) e "Domestic Ethinic and Racial Tensions and American Foreign Policy" (1950b).

Quanto à segunda direção, a identificação de um escrito principal ou mais citado foi mais difícil, porque essa foi uma temática desenvolvida pelo autor em diferentes pequenos artigos. Destacamos, entretanto, o trecho escrito pelo autor na obra *Community Planning for Peacetime Living*, de 1946. Não é propriamente um texto famoso, mas como identifica Miller

[11] Essa percepção foi levantada pela leitura comparativa dos dois artigos. Não encontramos registros históricos ou depoimentos que a confirmem, mas Miller (1992) expressa entendimento semelhante: "Na avaliação do ensaio sobre o urbanismo também é útil lembrar que Wirth falava a sociólogos e os incitava a abandonar as teorias grandes e utópicas em favor de contribuir para a solução de problemas particulares. (...) Aqueles céticos dessa leitura do ensaio sobre o urbanismo devem consultar um ensaio menos famoso de Wirth preparado quase ao mesmo tempo como um discurso para o *American Planning and Civic Association*. Intitulado 'O Modo de Vida Urbano', abrangia o mesmo terreno que a peça mais famosa. Mas Wirth o concluiu comentando sobre a diversidade desconcertante da vida urbana como uma virtude, uma fonte de coerência democrática pluralista" (Miller, 1992, p. 265, tradução minha).

(1992, p. 278, nota 46) é aquele em que a visão do autor sobre planejamento aparece de forma mais completa.

Em ambas as direções, um elemento importante, que certamente permite um melhor entendimento da influência de Mannheim sobre sua obra, é a preocupação com o planejamento democrático.

Como já apresentamos anteriormente, esta dissertação tem como objetivo principal a reconstrução de uma parte do primeiro tema: os estudos de imigração de Louis Wirth que se inserem em sua discussão mais geral sobre as relações raciais na sociedade moderna. Isso não significa, entretanto, que os demais temas não serão abordados. Sempre que se mostrarem importantes para a exposição e a reconstrução dos conceitos e teorias em questão, serão discutidos; uma vez que, com frequência, aparecem nos escritos do autor imbricados entre si. Entretanto, a análise que aqui se realizará está focalizada nos escritos de formação do autor: *Culture Conflict in the Immigrante Family* (1925) e *The Ghetto* (1928). Os principais elementos que queremos reconstruir a partir desses escritos, não necessariamente nessa ordem, são: (1) a condição do imigrante de desorganização e reorganização pessoal e de grupo; (2) a teoria da assimilação; (3) os conflitos culturais, o controle social e a delinquência entre a segunda geração de imigrantes; (4) a psicologia social do imigrante e seus tipos sociais e de personalidade; (5) a possibilidade de aplicação do conhecimento sociológico para intervenção na realidade social; e, (6) o conceito de gueto para análise do isolamento espacial, cultural e social. Esses seis elementos serão analisados não apenas pelas formulações do autor, mas também pelas influências de Thomas, Park e Burgess que eles demonstrarem. Especificamente com relação ao último elemento, o conceito de gueto, empreenderemos também o exame de sua incorporação na sociologia e nos estudos raciais norte-americanos posteriores ao autor, na reavaliação e crítica elaborada por Loïc Wacquant[12].

[12] Associamos Loïc Wacquant à sociologia norte-americana sem ignorar o fato de que ele é francês e está direta e assumidamente ligado à sociologia francesa de Pierre Bourdieu. Entretanto, o autor realizou parte de sua formação nos EUA, mais especificamente em Chicago, onde obteve seu Ph. D., e atualmente é professor no departamento de Sociologia do campus de Berkeley da Universidade da Califórnia. Soma-se a isso a questão de que quando discute o conceito de gueto, sua referência é a sociedade norte-americana. Inclusive, o autor argumenta que conceito não seria adequado para analisar a segregação espacial e racial na Europa ou mesmo na América Latina. Sobre isso, ver: Wacquant [2001] 2005 e Wacquant 2008.

Antes de seguirmos essa trajetória, cabem algumas palavras sobre o contexto histórico e acadêmico no qual Louis Wirth se inseriu; especialmente no que diz respeito à Escola de Chicago de Sociologia.

Louis Wirth e a Escola de Chicago de Sociologia

Desenvolvida principalmente no período entre as duas grandes guerras mundiais, a Escola de Chicago constituiu-se como a primeira corrente de pesquisa e teoria sociológicas institucionalizada nos Estados Unidos.

A Sociologia, como disciplina científica, começou a se desenvolver nos Estados Unidos em meados do século XIX e início do século XX, em certa medida, em resposta a uma realidade de profundas transformações. Nesse período, a sociedade norte-americana vivenciava o fim da Guerra Civil (ou guerra secessão) entre os estados do sul e do norte. Economicamente, passava por um intenso processo de industrialização que marcou a passagem de sua condição de país pequeno e agrícola para a de principal potência industrial do mundo, visto que sua produção havia superado a da Alemanha e concentrado cerca de trinta por cento da produção da época. Como parte desse processo, incluiu-se também a explosão demográfica, a rápida urbanização e a expansão para Oeste. Socialmente, as novidades e consequências dessas transformações foram profundamente sentidas, e colocaram uma série de novos “problemas” ou “males” que demandavam estudo e reflexão para serem solucionados.

Hinkle & Hinkle (1954) relacionaram pelo menos quatro evidências que comprovam o desenvolvimento da Sociologia nos Estados Unidos como resposta a esse contexto de industrialização e urbanização do período pós- Guerra Civil:

Primeiro, os antecedentes sociais dos primeiros sociólogos norte-americanos. Esses eram, em sua grande maioria, provenientes de ambientes rurais e religiosos, poucos tiveram a experiência de uma infância tipicamente urbana. Isso lhes propiciou um olhar mais crítico e uma maior sensibilidade aos efeitos da industrialização e da urbanização, o que, por sua vez, facilitou o engajamento com os movimentos reformistas.

Segundo, o cenário acadêmico. A Sociologia desenvolveu-se primeiramente em instituições novas, pois essas ofereciam uma maior liberdade curricular. Na época, essas instituições localizavam-se principalmente no Meio-Oeste. Como a região era tida como uma frente pioneira de expansão da urbanização e da economia industrial, tornou-se impossível que a nascente disciplina se posicionasse alheia a tais questões.

Terceiro, a existência de um amplo movimento intelectual comprometido com o melhoramento das condições urbanas. Em 1840, foi fundado o *Social Science Moviment* [Movimento da Ciência Social] que, depois da Guerra Civil desdobrou-se em inúmeras iniciativas e atividades. Com a ampliação do ensino superior que se deu nessa época formaram-se diversas entidades profissionais, inclusive nas ciências sociais, como por exemplo, a *American Sociological Society* [Sociedade Americana de Sociologia], criada em 1905. Em todas as suas fases, o comprometimento do *Social Science Moviment* era com a ciência e com a reforma social, simultaneamente. Mesmo quando o movimento fez da ciência seu interesse exclusivo, justificou tal ato como uma forma de melhor compreender e acompanhar a urbanização e a industrialização e, com isso, melhor contribuir para com a reforma.

Quarto e último, a natureza do conteúdo da ciência social. Os primeiros estudos empreendidos e os cursos de Sociologia oferecidos nas universidades e faculdades norte-americanas tratavam predominantemente de problemas sociais, principalmente das condições e assuntos ligados à pobreza urbana, isto é, temas correspondentes às preocupações do movimento de reforma.

O componente mais significativo dessa nascente Sociologia norte-americana parece ser o indicado por Lewis Coser (1980): o envolvimento com certa "paixão evangélica e retórica moralista". De modo que o desenvolvimento inicial da disciplina se deu principalmente numa tentativa de conciliar um espírito reformista com uma ética de investigação científica, que foi em grande parte absorvida do positivismo de Auguste Comte e do evolucionismo de Herbert Spencer.

Nesse contexto, é preciso destacar pelo menos seis nomes, que são considerados os "pais fundadores" da Sociologia americana: William Graham Sumner, Lester Ward, Albion Woodbury Small, Flanklin Henry Giddings, Charles Horton Cooley e Edward Alsworth Ross. Além desses, também são frequentemente lembrados: Thorstein Veblen, George Hebert Mead e Charles Colby.

Apesar da diversidade e da peculiaridade dos escritos de cada um desses autores, é possível dizer que a Sociologia desenvolvida por eles estava fundamentada em pressupostos como o da crença em leis naturais da sociedade, do progresso, do melhorismo e do individualismo. E, isso foi ratificado pelo artigo apresentado por Albion Small no primeiro encontro oficial da *American Sociologial Society*, em 1906: "Points of Agreement Among Sociologist". Esse nasceu da sistematização de uma pequena pesquisa realizada pelo autor com os sociólogos da época, na qual lhes solicitava diagnósticos sobre a Sociologia nos EUA.

Assim, Small afirmou que aos sociólogos cabia a tarefa de buscar e identificar as leis naturais e invariantes do comportamento humano e social. Apesar de as principais expressões desse comportamento serem os grupos sociais e a sociedade, esses não são mais que uma pluralidade, uma soma de indivíduos. Portanto, a Sociologia deve ater-se ao estudo do indivíduo, em sobreposição ao da sociedade. Segundo o autor, a interação e associação entre homens são a fonte última da mudança social, que se dá de forma evolutiva em direção a uma sociedade melhor. Em outras palavras, os homens estão fadados ao progresso, e cabe aos sociólogos identificar e apreender os mecanismos desse processo de forma que se permita, por meio de uma intervenção melhorista, acelerá-lo. Apesar dos numerosos comentários e debates, o artigo e os pressupostos foram um consenso na Sociologia norte-americana pelo menos por toda a sua fase inicial, que se estendeu até aproximadamente 1918. (Hinkle & Hinkle 1954)

É possível dizer, portanto, que a Sociologia norte-americana, durante sua fase inicial, assumiu um duplo caráter. À medida que a disciplina procurava explicar a realidade social global por meio de categorias gerais do conhecimento, ela se configurava numa ciência sistemática. Entretanto, configurava-se também numa ciência prática, à medida que se posicionava como uma disciplina engajada e voltada para ação e que se preocupava com a reforma social e com a solução, ou pelo menos atenuação, dos “problemas sociais” – tais como a recuperação de “desencaminhados”, o saneamento, a caridade pública, as condições de habitação, a economia doméstica, a delinquência e vários outros temas que, em geral, não estavam incluídos nas disciplinas mais tradicionais (Eufrasio 1999, p.26). Esse pragmatismo fez com que inicialmente a Sociologia, nos Estados Unidos, se confundisse com o Filantropismo e com a Assistência Social.

Essa característica só começou a mudar de fato com o desenvolvimento da Sociologia em Chicago e, mais especificamente, com William I. Thomas e Robert E. Park. Bulmer (1984) traz uma importante dica para compreensão dessa mudança na medida em que diferencia essa primeira sociologia da de Chicago pela ênfase na pesquisa empírica. O autor chama a atenção de como os primeiros sociólogos baseavam seus estudos em trabalho de biblioteca e, assim, formulavam seus conceitos e teorias pela reflexão filosófica, teórica e histórica. E, entre as originalidades das formulações de Thomas e Park estava, portanto, a fundamentação de seus conceitos e teorias, com alcances amplos, gerais e universais, em dados empíricos de primeira mão.

Quando foi fundado, em 1892, o departamento de Sociologia[13] da Universidade de Chicago e a disciplina que nele era desenvolvida e oferecida não eram diferentes da atmosfera social e intelectual da época. A Universidade era, na realidade, uma fundação batista que recebia apoio financeiro da contribuição filantrópica do magnata do petróleo John Rockefeller. O departamento foi idealizado por um dos fundadores da Sociologia norte-americana, Albion Small, que o presidiu até 1925. A Sociologia que nele se desenvolveu preocupava-se principalmente com o estudo e a pesquisa empírica da realidade social da cidade de Chicago e dos problemas sociais e urbanos que ela enfrentava.

Essa perspectiva foi predominante no departamento até o início do século XX. Ela começou a ser superada com a publicação das obras de William I. Thomas *Sex and Society* (1907) e *A Source Book for Social Origins* (1909) e a consequente divulgação de seu programa e método de pesquisa que buscava, pioneiramente na Sociologia norte-americana, unir a elaboração da teoria científica à pesquisa de campo. Com a entrada para o departamento de Robert E. Park, em 1913, e de Ernest W. Burgess, em 1916, e com a publicação da obra de Thomas: *The Polish Peasant in Europe and America* (1918-20), configurou-se definitivamente no departamento e na Sociologia norte-americana uma nova perspectiva de abordagem sociológica. O principal objeto de pesquisa permanecia sendo a cidade e a preocupação com os fenômenos urbanos que ela representava. Entretanto, ela passava a ser abordada por uma linha de pesquisa científica empírica e preocupada com a formulação de teorias e conceitos amplos, gerais e universais.

Assim, ao longo do período de 1915 e 1930, Park, Burgess e outros professores, alunos e pesquisadores do departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, entre eles Louis Wirth, concentraram todos seus esforços em pensar e definir como se dava a organização espacial, econômica, cultural e social da cidade. O resultado de todo esse esforço, que se expressa num amplo programa de investigação e num variado conjunto de pesquisas, linhas de interesses e orientações teóricas e metodológicas, é o que hoje se identifica por Escola Sociológica de Chicago.

Por vezes, entretanto, o uso do termo “Escola de Chicago” pode ser mais vago que esclarecedor. Com frequência, encontramos na literatura especializada certa confusão entre a Escola de Chicago e o departamento de Sociologia da Universidade de Chicago. De modo que, com muito pouco rigor, se inclui na nomenclatura eventos e personagens muito distantes da realidade que a criou. Como parte do entendimento da produção de Wirth, em qualquer um

[13] Até 1929, o departamento foi, na realidade, de Sociologia e Antropologia, porém, poucos foram os antropólogos que dele fizeram parte.

dos temas no qual se debruçou, passa pelo entendimento dessa escola, parece-nos necessário esclarecer em qual sentido utilizamos o termo "Escola de Chicago" e de que modo Louis Wirth se encontra a ele vinculado.

A primeira menção dos trabalhos de Chicago como uma escola parece ter sido feita em 1930, por Luther Lee Bernard em seu artigo, "*Schools of Sociology*". Nele, Bernard não faz uma discussão prolongada sobre o que entende pelo termo "escola", utiliza-o sem muito rigor no sentido de corrente de pensamento. Assim, identificou escolas sociológicas desde o início da filosofia grega, reconhecendo que as primeiras não podiam ser propriamente classificadas de sociológica num sentido científico, tratando-se de escolas metafísicas de filosofia social. Identificou escolas sociológicas em termos gerais: a Biológica, a Cultural, a Psicológica etc. Ao final de sua discussão, chama a atenção para o fato de que o termo "escola" por vezes é utilizado com outra significação: a dos desenvolvimentos seguidos por um homem em particular. Mesmo reconhecendo que esse tipo de escola é mais comum na Europa que na América, identifica os trabalhos de Sumner em Yale e de Park em Chicago como os exemplos americanos mais próximos dessa concepção de escola. Esse breve comentário de Bernard parece ter sido o pontapé inicial para o uso do termo em diferentes sentidos. Na década de 1930, ainda, podemos encontrar um uso mais estereotipado realizado por seus críticos, quase como sinônimo de doutrinação. Um exemplo está na obra *Social Ecology*, de Mila Aïssa Alihan, de 1938, na qual identifica "o ponto de vista ecológico" como "uma das mais definidas e influentes escolas na sociologia americana" (*apud* Park 1939, p. 265, tradução minha).

O termo ganhou contornos mais específicos, primeiramente, com James Carey (1975), quando juntou uma série de dados, por meio de entrevistas e de pesquisa em arquivos, que o permitiram discutir a ideia de que os sociólogos de Chicago, em especial na década de 1920, formavam uma comunidade científica. O passo seguinte foi formulado por Martin Bulmer, de modo menos sistemático em sua obra *The Chicago School of Sociology: institutionalization, diversity, and rise of sociological research*, de 1984, e com grande rigor em seu artigo "A Escola de Chicago de Sociologia: o que a tornou uma escola?", de 1985.

Nesse artigo, Bulmer inicia a discussão pela problematização da própria ideia de escola científica. Assim, rejeitou os dois principais e mais comuns usos do termo "escola" em ciências ao afirmar que ele não se resume a uma corrente de pensamento, nem a uma referência aos seguidores póstumos de um sociólogo em particular. Para Bulmer, uma escola "se refere a uma coletividade existente na mesma época e lugar que a figura dominante, usualmente envolvendo um alto grau de contato face a face e laços pessoais entre os membros

do grupo" (Bulmer 1985 *in* Eufrasio 2004, p.59). Acrescenta que, nas Ciências Sociais, ela tem características próprias: uma Escola de Ciências Sociais possui um fundador-líder – cuja personalidade é dominante e articula um conjunto de ideias, crenças e disposições normativas que unem seus seguidores –, busca renovar ou modernizar a disciplina e aparece em cenários de afiliação acadêmica – isto é, em locais acadêmicos de excelência, frequentemente situados em grandes áreas metropolitanas. Por isso, são fenômenos suficientemente raros, principalmente aquelas comprometidas com a investigação empírica e sistemática.

Essa definição de Bulmer foi realizada no sentido de construção de um tipo-ideal. Baseado nas semelhanças existentes em três exemplos empíricos clássicos − a Escola Durkheimiana na França, a escola associada a Bronislaw Malinowski em Londres e a escola associada a Max Glukman na Rodésia do Norte e em Manchester −, o autor relaciona nove características típico-ideais de uma escola de Ciências Sociais, sendo que todas elas podem ser encontradas na Escola Sociológica de Chicago.

Primeiro, uma escola de ciência social deve possuir uma figura central em torno da quem ela se organiza. Isto é, uma escola precisa de um líder. No caso de Chicago, essa liderança foi conjunta por Willian I. Thomas, Robert E. Park e Ernest W. Burgess. A contribuição e o intelecto dominantes eram de Park, no entanto, Thomas foi o progenitor intelectual da investigação empírica e Burgess quem principalmente a facilitou e apoiou.

Segundo, as escolas são fenômenos do mundo acadêmico, isto é, subsistem em universidades e, por isso, exigem estudiosos como parte necessária e integral de sua atividade. Quanto a isso, Chicago teve uma localização propícia para incentivar a atividade intelectual séria. Desde sua fundação, em 1892, a universidade enfatizou de forma particular o desempenho de pesquisas e de padrões de atividade acadêmica, estimulou a publicação e desenvolveu uma "ecologia" da vida acadêmica – na medida em que a grande maioria dos membros da universidade morava no próprio campus ou próximo dele e os sociólogos compartilhavam os mesmos prédios para ensino e pesquisa.

Terceiro, uma escola deve desenvolver uma relação próxima com a sociedade. Com essa característica, Bulmer lembra que uma universidade não pode se isolar da cidade que a abriga; e o caso de Chicago é emblemático. A comunidade local foi foco de quase toda a pesquisa dos departamentos de Sociologia e de Ciência Política durante a década de 1920. O próprio Park e alguns outros professores estiveram envolvidos em diversas organizações e instituições governamentais e não governamentais preocupadas com o estudo da cidade e de seus problemas, tais como a *Chicago Urban Leage* [Liga Urbana de Chicago] e a *Race Riot Commission* [Comissão do Conflito Racial].

Quarto, uma escola exige uma figura chave de personalidade dominadora. Entretanto, ressalta Bulmer, essa dominância "deve infundir respeito e afeição sem", no entanto, "espantar a originalidade e a criatividade intelectuais em seus estudantes e protegidos" (Bulmer 1985 *in* Eufrasio 2004, p.64). O departamento de Sociologia da Universidade de Chicago teve professores inspiradores e eficientes. Park, em particular, inspirava admiração e lealdade pessoal de seus colegas e estudantes, e isso, em grande parte, sustentava a integração no interior do departamento não permitindo que ele se cindisse.

Quinto, uma escola precisa que seu líder tenha clara visão intelectual e impulso missionário. Bulmer entende que uma visão intelectual clara se constitui por meio de um esquema intelectual coerente e distinguível, que pode ser proporcionado por uma nova teoria ou novos métodos de pesquisa e um forte comprometimento com um tipo particular de investigação empírica. O impulso missionário se configurou na busca pela renovação da disciplina, isto é, uma escola deve reivindicar sua originalidade nas ideias ou na abordagem que adota. Em Chicago, a Sociologia, e em certa medida a Ciência Política, tinha uma teoria geral implícita − tal como a ideia de Ecologia Humana de Park e a teoria da Estrutura Urbana de Burgess − e uma clara visão intelectual que lhe garantia coerência em estudos de ambientes tão variados e diferentes como, por exemplo, sobre a *Gold Cost* [um bairro nobre de Chicago] e o *Slum* [o cortiço].

Sexto, uma escola para se organizar depende de uma relação intensa e séria entre líder e seguidores. Ou seja, aos estudantes, deve-se proporcionar a capacidade de entender, aplicar e desenvolver ainda mais os pontos de vista centrais da escola de maneira original. Isso pode ser feito principalmente de duas maneiras: por seminários, nos quais as ideias e abordagens são desenvolvidas e aplicadas e pela disponibilidade de meios para a publicação dos trabalhos da escola. Em Chicago esses dois elementos estavam presentes. Quanto aos seminários, além daqueles oferecidos por Park e Burgess sobre estudos de campo, a partir de 1918, existiam associações, tais como a *Society for Social Research* [Sociedade de Pesquisa Social], a *Local Community Research Committee* [Comissão de Pesquisa da Comunidade Local], as Sociedades de Letras Gregas e o Clube de Sociologia, que contribuíam para o contato e o debate das ideias e abordagens da escola. Quanto a veículos de publicação, a Universidade de Chicago contava com o *American Journal of Sociology*, o principal periódico de Sociologia da época nos Estados Unidos, e com a *University of Chicago Sociological Series*.

Sétimo, uma escola precisa de uma infraestrutura adequada que a suporte, isto é, precisa de recursos para suas pesquisas e de apoio financeiro externo. Chicago obtinha recursos através das publicações do *American Journal of Sociology*, da *University of Chicago*

Press, do *Local Community Research Committee* e de instituições complementares tais como o *Institute for Juvenile Research* [Instituto para a Pesquisa da Juventude], a *Juvenile Protective Association* [Associação de Proteção à Juventude] e a *Chicago Crime Commission* [Comissão dos Crimes de Chicago]. Apoio financeiro externo, a universidade recebia principalmente de *Laura Spelman Rockfeller Memorial*.

Oitavo, uma escola não ultrapassa a geração de seus fundadores, isto é, ela não sobrevive ao afastamento, aposentadoria ou morte de seu líder. O declínio da Escola de Chicago de Sociologia iniciou-se no começo da década de 1930, pouco antes da aposentadoria de Park; quando, a partir de então, acredita Bulmer, Park pouco fez para assegurar a sobrevivência dela, pois a maioria de seus alunos, conforme se formavam, saíam para lecionar em outras posições acadêmicas e em outros lugares.

Nono, as escolas nas Ciências Sociais devem estar abertas para ideias e influências de outras disciplinas, isto é, devem desenvolver um programa interdisciplinar. Diz Bulmer que "as disciplinas acadêmicas têm tendência a se olharem de dentro. É uma hipótese que a fertilidade de certas escolas se deveu à sua capacidade de superar essa tendência" (Bulmer 1985 *in* Eufrasio 2004, p. 72). No caso de Chicago isso é bastante expressivo. As teorias e os estudos desenvolvidos sempre recorriam a ideias da biologia, da economia, da literatura e da antropologia.

Em linhas gerais, a definição de Bulmer para escola é uma tentativa bem-sucedida de unir o sentido conotativo do termo ao seu denotativo de instituição física e concreta de ensino, aprendizado e elaboração de conhecimento. Assim, definiu o termo como o conjunto de atividades de ensino e pesquisa realizados no departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, sob a liderança de William I. Thomas, Robert E. Park e Ernest W. Burgess, com a preocupação de melhor compreender a cidade que o abrigava e de formular conceitos, teorias e categorias gerais de conhecimento que revolucionaram a perspectiva de abordagem da Sociologia norte-americana e resultaram na "primeira linha de pesquisa contínua e consistente" (Eufrasio 2008, p.13) de sociologia urbana e abordagem do imigrante e das relações sociais da história da sociologia.

Eufrasio (2008) complementou a discussão de Bulmer chamando a atenção para uma décima característica típico-ideal, a qual Bulmer se remete em diversos momentos de seu artigo, mas, não explicita: a necessidade de existência de um programa ou agenda comum de pesquisa e investigação. Os dois pares de liderança em Chicago resultaram também num duplo programa de investigação. Por um lado, temos um programa proposto por Thomas, em

1912, em seu artigo “Race Psychology” e, por outro, um programa proposto por Park, em 1915 (ampliado em 1925), em seu artigo “The City”.

O programa de Thomas tinha como tema principal a abordagem da condição do negro e do imigrante na sociedade norte-americana, de modo a compreender a “questão da capacidade mental” das raças, isto é, como uma raça se assimila ou se integra a uma nova cultura. Como método, propunha enfaticamente a produção de dados primários pelo próprio sociólogo por meio de observação participante e de utilização de registros planejados (como a história, a etnologia e o folclore) e não planejados (tais como cartas, diários, jornais, registros de diferentes instituições, etc.). Somava-se a essa questão do método, o preenchimento de um longo questionário de 58 questões propostas pelo autor, com o intuito de mapear preliminarmente os problemas a serem abordados e as tarefas de pesquisa empírica a serem realizadas. Por fim, o programa dá pistas de um esquema teórico-conceitual para a interpretação dos dados coletados que, de início, centraram-se nas concepções de atenção, hábitos e crise, que se remetiam também às concepções de “imitação e inibição”. As obras posteriores de Thomas, entretanto, nos permitem identificar esse esquema como o ciclo de organização – desorganização – reorganização.

O programa de Park apropria-se de algumas das questões colocadas por Thomas, entretanto, coloca como tema principal de pesquisa a cidade em suas dimensões estrutural (isto é, física) e cultural (isto é, econômica, moral e psicológica). Como método, reforça a ênfase na realização de pesquisa empírica pelo sociólogo de modo a responder as questões colocadas ao fim de cada subseção do artigo. Como esquema teórico-conceitual para a interpretação dos dados empíricos, Park, na versão de 1925 do artigo, dá pistas da concepção de “ecologia humana” e da teoria “ecológica” da estrutura urbana em círculos concêntricos que foi formulada por Burgess em seus artigos de 1922 e de 1929.

Apesar de complementares, esses dois programas fundaram duas perspectivas de análise diferentes dentro da Escola de Chicago: por um lado, o programa de Thomas direcionou o desenvolvimento de uma sociologia do imigrante, das relações étnicas e da condição do negro na sociedade norte-americana que mais tarde será reconhecida como uma Psicologia Social Sociológica e, por outro, o programa de Park guiou o desenvolvimento de uma sociologia urbana.

Em virtude de seu famoso artigo, “O Urbanismo como Modo de Vida”, Louis Wirth é frequentemente reconhecido e lembrado por sua inserção no programa direcionado por Park. Entretanto, uma análise mais atenta de sua obra nos permitiu identificar que suas contribuições perpassam as duas perspectivas desenvolvidas em Chicago.

No entanto, como pretendemos demonstrar com mais detalhe nos capítulos seguintes, essa inserção de Wirth nos dois projetos desenvolvidos pela Escola de Chicago não é passiva ou de caráter dogmático. A própria ideia de Escola tal como exposta por Bulmer e Eufrasio já indicaram que as formulações de Thomas, Park e Burgess não eram impostas aos demais membros da Escola nem eram estáticas, mas, com frequência, amadurecidas e reelaboradas por todos.

Assim, é especialmente nesse sentido que aqui entendemos a obra de Louis Wirth inserida na sociologia da Escola de Chicago e buscamos identificar suas contribuições. Louis Wirth não apenas reproduziu formulações conceituais, teóricas e mesmo metodológicas de Park, Thomas e Burgess, mas as reelaborou, apresentou interpretações e sínteses próprias e formulou questões e posições originais. Isso pode ser identificado mesmo na obra em que o autor está mais envolvido nas formulações de seus orientadores que é sua tese de doutorado *The Ghetto*. Mesmo tendo sido resultado de um projeto de pesquisa que não era propriamente seu, mas recebido de Burgess, o autor apresenta nela formulações originais e pessoais sobre a organização, distribuição e assimilação do grupo de imigrantes judeus de Chicago, do qual, de alguma forma, era parte. Essa originalidade pode ser também percebida no artigo, "Urbanismo como Modo de Vida", no qual, além de apresentar sua própria interpretação sobre o esquema conceitual e de pesquisa formulado por Park em 1915 e 1925 com uma teoria do urbanismo, formulou uma agenda própria de pesquisa sobre a cidade[14]. Sua contribuição é, particularmente, original no que diz respeito à fase final de sua produção, quando teve importante atuação social e seus escritos se concentraram em questões relativas a planejamento urbano e social. Não que isso não possa ser identificado em outros membros da Escola de Chicago. Carey (1975) demonstrou o envolvimento político e social dos professores e pesquisadores de Chicago, principalmente, em assuntos públicos relativos à reforma e à transformação social. Entretanto, o envolvimento de Wirth parece ter constituído uma realidade à parte.

[14] Esse aspecto pode ser inferido, em especial, pela ultima parte do artigo na qual o autor relaciona a teoria sobre o urbanismo que então desenvolveu com a pesquisa social. Entretanto, a maioria de seus comentadores não aborda o artigo sob essa perspectiva. Dentre as exceções, destaco: Fischer, Claude S. 1972. "'Urbanism as a Way of Life': a review and an agenda". In: *Sociological Methods & Research*, vol. 1, nº. 2, pp. 187-242.

Capitulo 2

A Condição do Imigrante: conflitos culturais e delinquência

O primeiro momento da abordagem de Louis Wirth sobre o tema da imigração corresponde a sua dissertação de mestrado, *Culture Conflicts in the Immigrant Family*, defendida em junho de 1925[15], na qual o autor discute a condição de famílias de imigrantes judeus ortodoxos em Chicago. Ela resultou, principalmente, da experiência de três anos que Wirth teve na instituição de assistência social *Jewish Charities*, onde trabalhou no Escritório de Serviço Pessoal, como diretor da divisão de meninos delinquentes (Wirth Marvick 1964, p. 334). Como parte de sua função, realizou conversas e entrevistas, em sua maioria em iídiche, com famílias de judeus recém-chegados aos Estados Unidos (Salerno 1983, p.49), que aproveitou como conjunto de dados de primeira-mão para sua dissertação, na tentativa de elucidar dois aspectos do processo de assimilação (ou americanização, como muito se usou na época) de grupos de imigrantes nas grandes cidades: a natureza e características principais de seus conflitos culturais e a questão da delinquência na segunda geração.

De acordo com Salerno (1983), o mestrado de Wirth possui também um sentido mais pessoal:

> Ver essa dissertação de mestrado como simplesmente um estudo acadêmico de mudança e conflito cultural na comunidade judaica seria uma grande simplificação. O estudo de Wirth parece ser um documento com significado de autoconhecimento. Muitos dos comentários contidos nesse documento refletem tanto os conflitos pessoais singulares de Wirth quanto os culturais. (Salerno 1983, p. 49, tradução minha)

De fato, alguns momentos de sua dissertação soam como uma tentativa de entender e elucidar questões referentes não apenas a experiência dos imigrantes com quem Wirth conversou, mas também sua própria história de vida. Ainda que não encontremos nela relatos de vinculação a ortodoxia religiosa judaica ou de delinquência juvenil, Wirth, como um imigrante judeu em Chicago, certamente vivenciou alguns dos aspectos do processo de assimilação que descreveu e interpretou.

---

[15] A dissertação de Wirth nunca chegou a ser publicada. Atualmente, está disponível para download em arquivo pdf na base de dados *ProQuest - UMI Dissertation Services*. Conforme indicado na capa de apresentação do arquivo, trata-se da digitalização do volume original da dissertação. Entretanto, não contém as páginas de assinatura da banca de defesa, nem as de agradecimentos e de bibliografia final. Quanto a esses dois últimos, é possível que não fizessem parte do volume original porque também não estão indicados no sumário.

Entretanto, *Culture Conflicts in the Immigrant Family* é também um dos primeiros escritos acadêmicos do autor[16]. As formulações conceituais e teóricas que nela apresentou eram ainda incipientes e fortemente baseadas na discussão bibliográfica do que até então havia sido elaborado por seus professores e orientadores[17]. Sua principal originalidade estava, propriamente, na tentativa de aplicar tais formulações à interpretação de uma comunidade específica e com a qual possuía grande proximidade.

De qualquer forma, ela correspondeu a uma primeira contribuição de Wirth aos estudos de comunidades de imigrantes e às interpretações do processo de assimilação e americanização que marcaram a Escola de Chicago. Apesar de suas limitações, contém elementos importantes para compreendermos a entrada do autor na carreira acadêmica e de sociólogo, o grau de influência de seus professores, em especial Thomas, Park e Burgess, e alguns elementos importantes de abordagem do imigrante judeu em Chicago que seriam mais bem desenvolvidos em sua tese de doutorado, *The Ghetto*[18].

Culture Conflicts in the Immigrant Family (1925)

Se o título da dissertação de Wirth dá a entender que sua preocupação principal eram os conflitos culturais vividos por famílias de imigrantes, o capítulo introdutório sugere que o foco da análise se localiza na questão da delinquência e da criminalidade entre imigrantes, em especial, da segunda geração. A apresentação do autor, logo, esclarece que seu interesse está nos dois fenômenos, porque ambos se inserem no processo mais geral das transformações que ocorrem nas famílias de imigrantes nas grandes cidades modernas; onde, configurações e valores culturais se alteram significativamente, por meio de conflitos culturais que enfraquecem o controle social do grupo, favorecendo a delinquência juvenil na segunda geração.

Esse processo, entretanto, não foi primeiramente percebido por Wirth. Corresponde, em grande medida, a uma incorporação das discussões, pesquisas e formulações até aquele

---

[16] De acordo com a listagem de publicações de Wirth levantada por Vortkamp (2003), antes da dissertação de mestrado, Wirth publicou, em 1919, dois artigos na revista *Cosmopolitan Student*: "Patriotism: True or False" (vol. 9, nº. 5, pp. 15-6) e "An Inquiry into Immanuel Kant´s Political Ideas" (vol. 9, n° 5, pp. 23-7); além da biografia comentada para a coletânea *The City* de Park, Burgess e McKenzie, publicada em 1925.

[17] Esse, talvez, seja o motivo pelo qual a maioria dos comentadores de Wirth dedicam pouca atenção a sua dissertação.

[18] A curta distância entre a defesa da dissertação de mestrado (junho de 1925) e a defesa da tese de doutorado (1926) sugeriu-nos que talvez partes delas tenham sido escritas concomitantemente ou que partes da tese de doutorado tenham sido escritas originalmente como parte da dissertação de mestrado; ainda que o texto de *The Ghetto* se mostre com formulações melhor amadurecidas. De qualquer forma, não encontramos registros ou relatos sobre isso.

momento elaboradas por seus professores sobre a condição do imigrante na grande cidade, realidade que àquele momento estava cada vez mais presente no cotidiano de Chicago. Como o próprio autor cita no início do capítulo IV, sua discussão se soma à obra de Thomas e Znaniecki, *The Polish Peasant*, aos estudos sobre americanização da Corporação Carnegie, dos quais fazem parte *The Immigrant Press and Its Control* de Robert Park (1922) e *Old World Traits Transplanted* de Thomas [Park e Miller] (1921), e ao conjunto de estudos até então produzidos sobre os diferentes grupos de imigrantes de Chicago. Quanto à discussão sobre delinquência, especificamente, sua principal influência era o artigo "The study of the delinquent as a person" de Burgess (1923a).

Com relação às obras de Thomas, sua influência se deu inclusive pela abordagem e apresentação do tema. A dissertação de Wirth, assim como *The Polish Peasant*, apresentou uma caracterização da situação social e cultural do grupo estudado antes de emigrarem para América e está permeada por longas citações literais de seus principais dados de pesquisa que, além das entrevistas realizadas no *Jewish Charities*, incluía documentos pessoais dos imigrantes (ainda que muito pouco citados).

O paradigma da desorganização social

Tanto na obra de Thomas e Znaniecki quanto nos estudos da Corporação Carnegie, uma das ideias principais para a caracterização da condição do imigrante na grande cidade moderna norte-americana era a do processo de desorganização social, que, como sugere Carey (1975, pp. 95-120), pode ser entendido como um dos paradigmas da Escola de Chicago; ou, como sugere Pereira (2001, pp. 64-8), constitui um dos axiomas gerais do esquema conceitual de Thomas, que é incorporado por Park , Burgess e demais autores da Escola, do qual deriva tanto considerações a respeito da evolução do processo social quanto elementos do campo da psicologia social.

Apesar de já ser mencionada nos primeiros escritos de Thomas, a ideia de desorganização social só foi conceitualmente formalizada pelo autor em *The Polish Peasant*, como um processo no qual há "uma diminuição da influência das regras sociais de comportamento existentes sobre os membros individuais do grupo" (Thomas & Znaniecki 1918-20, vol. IV, p. 2, tradução de Mário A. Eufrasio, apostilado). Entretanto, salienta os autores, é um processo que se refere fundamentalmente às instituições sociais e, apenas, secundariamente aos homens: dado que a organização social não coincide exatamente com a

organização de vida do indivíduo, a desorganização social não necessariamente corresponde à desorganização individual.

O conceito de desorganização social possui semelhanças com o conceito de anomia formulado por Émile Durkheim (Carey 1975, pp. 117-9; Madge 1962, p. 80; Coulon 1995, p. 35). Ambos referem-se à discussão sobre controle social, mais especificamente sobre o domínio das instituições sociais, e das regras sociais que elas representam, sobre seus membros diante das transformações sociais trazidas pela industrialização e pela urbanização. Nesse sentido, inserem-se numa discussão mais geral sobre o surgimento e as características da sociedade moderna. Da mesma maneira que Ferdinand Tönnies, na Alemanha, interpretou tais processos pela distinção entre comunidade e sociedade, ou *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*; Durkheim, na França, o pensou pela distinção entre solidariedade mecânica e solidariedade orgânica; e os autores da Escola de Chicago, pela distinção entre grupos primários e grupos secundários. (Carey 1975, p. 99)

A ideia de grupos primários, e sua correspondente: relações primárias, foi inicialmente sugerida por Charles Horton Cooley em sua obra *Social Organization* de 1909. Era a formulação de um tipo ideal para grupos baseados em relações de sentimento, como a família, os grupos de amizade, a vizinhança e a comunidade. Nas próprias palavras do autor, os grupos primários correspondem

> àqueles caracterizados por associação e cooperação íntimas face a face. Eles são em vários sentidos primários, mas principalmente no de que são fundamentais na formação da natureza social e dos ideais de cada indivíduo. Psicologicamente, o resultado da associação íntima é uma certa fusão de individualidades em um todo comum, de tal forma que o próprio ser individual, pelo menos para muitos fins, é a vida e o propósito comuns do grupo. Talvez a mais simples forma de se descrever essa totalidade é dizer que é um "nós"; ela envolve esse tipo de simpatia e identificação mútua para as quais "nós" é a expressão natural. Cada um vive no sentimento do todo e encontra os objetivos primordiais de sua vontade nesse sentimento. (Cooley 1909 *apud* Park 1925 *in* Velho 1967, p. 51)

O conceito de Cooley foi largamente incorporado por Thomas, Park e os demais autores de Chicago que por correlação passaram a utilizar as ideias de grupo e relações secundárias para caracterizar a cidade grande e as relações sociais nela desenvolvidas por seus habitantes.

> Os métodos modernos de transporte e comunicação urbanos − o trem elétrico, o automóvel, o telefone e o rádio − têm mudado rápida e silenciosamente nos últimos anos a organização social e industrial da cidade moderna. Multiplicando os subúrbios residenciais e tornando possíveis grandes magazines, eles têm sido os meios de concentração do comércio em determinadas zonas, tem mudado todo o caráter do comércio varejista. Essas mudanças na organização industrial e na distribuição da população têm sido acompanhadas pelas mudanças correspondentes nos hábitos, sentimentos e caráter da população urbana.

> A natureza geral dessas mudanças é indicada pelo fato de que o crescimento das cidades foi acompanhado pela substituição de relações diretas, face a face, "primárias", por relações indiretas, "secundárias", nas associações de indivíduos na comunidade. (Park 1925 *in* Velho 1967, pp. 50-1)

Nessas formulações, os grupos primários representam os valores e a organização social da sociedade tradicional, enquanto os grupos secundários representam os valores e a organização social predominante da sociedade moderna. A cidade grande, por sua vez, aparece como palco da transição da organização social tradicional para a moderna.

Desse modo, a desorganização social foi entendida como a realização dessa transição nas instituições sociais tradicionais e nas regras sociais que elas representavam. Isso porque, as transformações sociais trazidas pela sociedade moderna abalaram o sentido e o significado que as instituições sociais tinham para seus membros e, consequentemente, fizeram com que essas perdessem a capacidade de regular e sancionar comportamentos. Entretanto, como a própria ideia de transição já sugere, essa não era uma situação social permanente. Ao contrário. Assim como a noção de anomia de Durkheim, a desorganização social tem caráter provisório e é indicativo da necessidade ou do próprio processo de reajustamento das instituições às novas condições sociais. Assim, associado ao conceito de desorganização social, os autores formulam o de reorganização social que, entre outros exemplos, incluía a organização da lei positiva em substituição ao controle social pelos costumes, ou como preferiam os autores, por *mores*.

Os processos de desorganização e reorganização social não são vividos sem consequências para os indivíduos. Evitando formulações deterministas, os autores ressaltam que não há como associar regular e inequivocadamente a desorganização social à desorganização individual, que foi denominada por eles de desmoralização:

> as diferenças entre os indivíduos respondem pelo fato de que mesmo diante de uma rápida desorganização, muitos membros do grupo ainda são capazes de preservar uma antiga organização de vida ou criar uma nova por si próprios; e mesmo em meio a uma intensa reconstrução, muitos membros são contudo incapazes de adaptar sua organização de vida às novas demandas sociais e permanecem ou se tornam desmoralizados. Além disso, os efeitos da desorganização social e da reconstrução social sobre a moralidade do indivíduo dependem da superioridade relativa do novo sistema sobre o antigo como um instrumento de controle do indivíduo pela sociedade, ou *vice-versa*. (Thomas & Znaniecki 1918-1920, vol. V, pp. 165-6, tradução de minha e de Mário A. Eufrásio, apostilado)

Entretanto, reconhecem que a desorganização social torna mais propícios o desvio, o vício e a criminalidade entre os indivíduos.

O conceito de desorganização social definido dessa maneira permite-nos inferir que ele não se restringe a situação vivida pelo imigrante. De fato. Park, em seu artigo "The City" (1915 e 1925), discute a desorganização e a necessidade de reajustamento por que passam, na cidade grande, instituições tradicionais como a família, a escola e a igreja. Os pontos e

questões que levantou, inclusive, inspiraram importantes trabalhos desenvolvidos na Escola de Chicago, entre eles os próprios estudos de formação de Wirth.

Entretanto, nos estudos de imigrantes, parece haver uma sugestão geral de que a desorganização social desses grupos consiste num processo mais evidente no cotidiano da cidade dado que para além das transformações de relações primárias e secundárias que suas instituições vivenciam, há as transformações culturais trazidas pelo contato com um meio amplamente novo e diferente. Além disso, e esse ponto parece ter especialmente influenciado Wirth, as diferentes gerações de imigrantes vivenciam e/ou contribuem para desorganização social de seus grupos de modos diferentes.

É, basicamente, com esses conceitos e discussões em mente que Louis Wirth procura entender as transformações e os conflitos vividos pelas famílias de imigrantes judeus ortodoxos em Chicago. Tanto que, a certo ponto de sua dissertação, o autor apresenta suas preocupações nos seguintes termos:

> Nessa investigação, estamos particularmente interessados em traçar as afiliações do imigrante de sua qualidade de membro no grupo primário da comunidade camponesa do Velho Mundo, ou como no caso de nosso grupo, do gueto europeu ou do *pale* [zonas de assentamento para judeus na Rússia Imperial, entre 1791 a 1917], para os grupos secundários que tomaram seu lugar na América. Esse processo de transição constitui uma crise na vida do imigrante [...]. Do nosso ponto de vista, essa crise na vida do imigrante é significativa porque resulta na substituição de uma forma de controle por outra. (Wirth 1925a, pp. 33-4, tradução minha)

Famílias de judeus ortodoxos em Chicago

Wirth selecionou para seu estudo um grupo homogêneo: famílias de judeus vinculados à ortodoxia religiosa. Dessas, a maioria era oriunda do leste e do sudeste europeu (Rússia, Polônia, Áustria-Hungria e Romênia) e quando não eram todos os membros da família nascidos na Europa, pelo menos um dos pais era imigrante. Poucos eram os casos de casamentos mistos, e aqueles presentes eram formados pelo pai judeu e a mãe não judia[19]. A maioria habitava a região administrativa do *Near West Side*, próxima ao *Loop* de Chicago, conhecida como gueto, que era a principal área de estabelecimento dos imigrantes recém-chegados. Pela formulação de áreas naturais da estrutura urbana de Chicago proposta por Burgess em 1924, essa região pertencia à área de *slum*, caracterizada pela densidade

[19] O que é curioso, tendo em vista que a linearidade étnica na ortodoxia judaica é, normalmente, dada pela mãe (sendo judeu o filho de ventre judaico). Entretanto, esse ponto não é explorado nem abordado pelo Wirth.

populacional e pela deterioração física e moral[20]. Um número menor de famílias habitava a região do *Northwest Side* ou *Lawndale*, onde predominava grupos de imigrantes de segunda geração. Uma parcela ainda menor era de habitantes de regiões mais prósperas, em meio à comunidade predominantemente nativa.

Ao localizar o grupo estudado no território de Chicago, Wirth observa alguns elementos que melhor desenvolveria em sua tese de doutorado:

> A localidade na qual encontramos a família é importante do ponto de vista do conflito cultural, pois ela, com frequência, é indicativa do estágio no processo de assimilação que a família atingiu. Sabemos, por exemplo, que os traços do Velho Mundo tendem a persistir na área de primeira ocupação quase em sua totalidade. A sinagoga, a qual é o centro da vida judaica na comunidade do Velho Mundo, tende a continuar a funcionar com essa capacidade determinante na área de primeira ocupação. A densidade, a homogeneidade e a organização comunal fechada da população nessa área junto com o influxo contínuo de imigrantes do Velho Mundo agem como influências de conservação sobre os traços culturais do grupo. O contraste entre os traços do Velho Mundo e os do Novo Mundo experimentados pelos habitantes dessa área é, consequentemente, surpreendente. (Wirth 1952a, pp. 10-1, tradução minha)

A questão da homogeneidade do grupo estudado foi reforçada por uma breve comparação com casos relatados por agências sociais que tratavam de outros grupos de imigrantes e do próprio grupo de nativos. Segundo Wirth, os pais de famílias judaicas tendem a vivenciar qualquer desobediência ou desrespeito por parte dos filhos com maior intensidade quando comparado com outros grupos de imigrantes. Isso, em parte, se explica porque "a típica família judaica ortodoxa tem em grau acentuado todos os traços que se positivam na família altamente integrada", para utilizar os termos de Burgess (1926 *in* Pierson 1970b, p. 546) que certamente influenciaram Wirth[21]. Ou seja, os judeus ortodoxos possuem um alto grau de organização comunal, estreitos laços familiares e um código social altamente integrado que se manteve relativamente inalterado por diferentes gerações. Esse código se expressa em diferentes regras, em geral associadas a preceitos religiosos, que permeiam mesmo as pequenas ações cotidianas do grupo. Assim, funciona como uma espécie de alarme para as gerações mais velhas, pois mesmo as menores transgressões das gerações mais novas são averiguadas pelo grupo. Como a imigração para a América intensificou a frequência dessas transgressões, não é possível encontrar comunidade judaica, independente de seu tamanho, que não possua alguma agência especial para lidar com a questão da delinquência e

---

[20] A discussão sobre *slum* também está diretamente relacionada ao conceito de desorganização social e foi melhor desenvolvida por Burgess em 1929 e por alguns de seus alunos, entre eles: H. Zorbaugh (1929), R. Faris e W. Dunham (1939) e J. Quinn (1950).

[21] O artigo de Burgess em questão corresponde a uma conferência que o autor pronunciou numa reunião da seção sobre Família, da *American Sociological Society*, em Nova Iorque, em 29 de janeiro de 1926. Ainda que o artigo tenha sido proferido e publicado após a dissertação de Wirth, parte do que discute corresponde aos encaminhamentos dados pelo autor no curso sobre família que ministrava em Chicago desde 1917 e o qual Wirth provavelmente frequentou.

da desorganização familiar. Essa era uma importante peculiaridade dos grupos de imigrantes judeus dado que, em comparação com outros grupos de imigrantes e com os próprios nativos, eles se anteciparam a lidar com essas questões; inclusive atendendo em suas agências casos de outros grupos de imigrantes.

A persistência de casos de delinquência e de desorganização mesmo nessa comunidade altamente organizada e relativamente homogênea é um dos elementos, segundo Wirth, que torna seu estudo especialmente interessante para compreender o desenvolvimento desses processos entre imigrantes na cidade grande.

Delinquência e conflitos culturais

De acordo com Wirth, a compreensão da delinquência deve levar em consideração, para além de fatores econômicos e psicológicos, fatores culturais. Isso porque o delinquente, em especial no caso do imigrante, é um indivíduo que vive num ambiente cultural dual e conflitante.

Como colocou o autor, logo no início de sua dissertação, esse ponto de vista estava embasado nas discussões de Burgess (1923a) sobre o delinquente como pessoa, ou seja, como um indivíduo com um papel e um status em um grupo. Essa interpretação de Burgess buscava ser uma alternativa aos dois extremos das teorias criminalistas da época, representados: por um lado, por Lombroso, que entendia o criminoso como uma variedade biológica distinta, e, por outro lado, por Gabriel Tarde, que o entendia como um produto social. Burgess formulou uma interpretação intermediária à qual Wirth agregou elementos da Psicologia Social do imigrante tal como desenvolvida por Thomas em *The Polish Peasant* e em *Old World Traits Transplanted*.

Ao mesmo tempo, a interpretação de Wirth com relação à delinquência juvenil estava diretamente relacionada a seu conjunto de casos levantados no *Jewish Charities* e a sua experiência como assistente social; tanto que o autor defende que sua posição poderia representar também o ponto de vista de muitos assistentes sociais. Isso porque os assistentes sociais não apenas descrevem os casos que lhe são relatados ou observados, mas, com frequência, formulam interpretações próprias sobre as causas e os significados dos problemas que lhes são apresentados. Por isso, Wirth apresentou sua trajetória de interpretação, assemelhando-se a de um assistente social.

Colocou o autor que, num primeiro momento, os casos de delinquência pareciam sugerir as desvantagens econômicas como o ponto central para seu entendimento, dado que

essa era uma característica comum à maioria dos relatos. Entretanto, essa era uma interpretação com limitações porque os relatos e dados estatísticos demonstravam que a delinquência e o crime não se encontravam exclusivamente entre os pobres.

A psicologia e a psiquiatria clínicas poderiam sugerir uma segunda explicação: a de que o comportamento estranho do delinquente teria explicações em termos de deficiências mentais e de personalidade. Entretanto, os resultados de testes psicológicos em instituições penais e de correção provavam o contrário.

A ampla presença de imigrantes e seus filhos entre os casos de delinquência seria, então, a chave para uma terceira interpretação:

> Lançado novamente a seus próprios recursos, o assistente social procurará alhures por pistas sobre o comportamento desconcertante de seus tutelados, cujas dificuldades não podem ser plenamente explicadas em termos de desvantagens econômicas, quociente de inteligência ou doença mental. Se sua clientela é formada em grande parte por imigrantes e por filhos de imigrantes, como é o caso das agências sociais de nossas cidades grandes americanas, cedo ou tarde chegará à compreensão de que muito do estranho no comportamento do delinquente ou da pessoa desajustada desaparece se ela é pensada como um individuo vivendo num *milieu* cultural dual. As histórias de vida desses pais e filhos imigrantes tornam-se inteligíveis apenas se considerarmos o fato de que na família de imigrantes encontramos não um corpo homogêneo de sentimentos, tradições e práticas, mas correntes conflitantes de cultura e códigos sociais divergentes concorrendo pela participação e fidelidade de seus membros. (Wirth 1925a, p. 6, tradução minha)

Essa interpretação era reforçada por dados estatísticos que indicavam uma maior incidência da delinquência entre grupos de imigrantes de segunda geração, em especial, entre filhos de casamento misto[22].

Apesar de mais evidente entre os imigrantes, Wirth ressaltou que o entendimento do delinquente como um indivíduo com inserções culturais conflitantes servia também para análise da delinquência entre a comunidade nativa. Isso se explicava, em parte, pelo abrangente conceito de cultura no qual o autor se baseou para tais discussões, que é o de "cultura como um corpo de práticas e tradições, sentimentos e atitudes comuns entre um grupo social dado, que distingue esse grupo de outros". (Wirth 1925a, p.8, tradução minha). Com esse amplo conceito de cultura, era possível entender não apenas os grupos de imigrantes e a comunidade nativa como grupos culturais diferentes, como também perceber a família, as gangues, os grupos de amizade, os vocacionais e os religiosos como grupos com características e valores culturais específicos.

Nesse sentido, Wirth define a vida em sociedade, em especial, na cidade grande porque essa se caracteriza por uma grande diversidade de grupos culturais, permeada por

---

[22] Wirth faz referência aos dados estatísticos presentes na obra de E. H. Sutherland, *Criminology*, de 1924. Dados semelhantes estão presentes no artigo de Park (1915 e 1925), com base nos *Reports of the United States Immigration Commission*.

inúmeros tipos de conflitos culturais. Os que lhe interessavam, em sua dissertação e com relação ao grupo de imigrantes judeus ortodoxos, eram aqueles vividos no interior da família.

Em termos mais gerais, Wirth justifica essa escolha de interesse pelo fato de que a questão dos conflitos entre grupos culturais distintos é frequente na literatura sociológica, pelos estudos sobre raças, nacionalidades, classes, seitas etc. Entretanto, o mesmo não podia ser dito sobre a análise dos conflitos internos aos grupos culturais. Os estudos sobre a família eram um exemplo disso. Embasado nos estudos de Park e Burgess (1921), Wirth evidenciou que a família como um grupo social nunca havia sido descrita em termos sociológicos quanto a seus conflitos culturais, fosse na relação entre marido e esposa, ou na relação entre pais e filhos. Era numa dessas lacunas, portanto, que Wirth pretendia inserir sua dissertação, com o estudo dos conflitos culturais entre pais e filhos imigrantes.

Para o autor, isso o permitiria lançar luz sobre, pelo menos, duas questões principais: (1) os mecanismos da vida familiar em geral e (2) o processo de assimilação.

A vida familiar

No que diz respeito aos mecanismos da vida familiar em geral, o principal era seu entendimento como um grupo primário, tal qual Cooley o definiu. Entretanto, Wirth reforçou que a família possuía outras características específicas que a distinguia dos demais tipos de grupos primários e a atribuía uma posição singular como uma forma de interação social. Essas características eram:

[1] a natureza da relação entre seus membros e de suas formas de contato marcada pela interdependência e cooperação biológica;

[2] a natureza espontânea e emocional de seus mecanismos de controle marcados, entre outros, pelo contato físico;

[3] o desenvolvimento do que Thomas chamou de “unanimidade emocional”; Levy-Bruhl, de “representações coletivas”; e Cooley, de “consciência pública” ou “consciência social”, ou seja, uma certa homogeneidade nos traços pessoais e nos modos de pensar e sentir;

[4] a satisfação de alguns dos desejos fundamentais do homem, tal como definido por Thomas (1921), como o desejo por resposta − que corresponderia ao anseio por contatos face a face e por intimidade e afeição com outras pessoas − e o desejo por segurança − na medida em que o círculo familiar é comumente encarado como o porto-seguro e refúgio do indivíduo;

[5] por fim, e essa era para Wirth a principal característica da família, é ela quem fornece status ao indivíduo, quem o transforma em pessoa.

Para Wirth, a desorganização familiar, processo que inclui a situação de conflitos no interior da família, surge quando a família deixa de cumprir essas características. Há diferentes condições para que isso ocorra. Entretanto, a que parecia mais central para o autor era a passagem de uma sociedade baseada em relações primárias para uma baseada em relações secundárias como é a cidade. A desorganização familiar, portanto, era uma expressão da desorganização social conforme elaborada por Thomas; e, nesse sentido, uma realidade vivida pelos grupos de imigrantes, mas também pela população nativa.

Para o grupo de judeus estudado por Wirth, porém, a imigração para a cidade não constituía uma mudança tão radical, porque a maioria já era habitante de cidades na Europa. Ainda que se possa argumentar que as cidades europeias nunca atingiram as proporções e tamanho das cidades norte-americanas, esse fato colocava outra questão para o autor: a de que os conflitos nas famílias de imigrantes não podiam ser compreendidos apenas pela tendência a desorganização da cidade, mas deveria levar em consideração também o processo de assimilação do imigrante. Isso porque o ajustamento a uma cultura estranha também pode ser entendido como uma condição para a desorganização familiar entre os imigrantes.

Assimilação do imigrante[23]

Wirth utilizou o conceito de assimilação tal como proposto por Park e Burgess (1921), ou seja, como:

> um processo de interpenetração e fusão na qual as pessoas e grupos adquirem as memórias, sentimentos e atitudes de outras pessoas ou grupos e, ao compartilharem de sua experiência e história, são incorporados a eles numa vida cultural comum. Na medida em que a assimilação denota esse compartilhar de tradição, essa íntima participação nas experiências comuns, a assimilação é central nos processo históricos e culturais. (Park & Burgess 1921, pp. 735-6, tradução de Mário A. Eufrasio, apostilado)

Tal como os autores, o diferenciou do processo de acomodação que correspondia à ideia de ajustamento, ou a

[23] Salientamos que esse foi o primeiro momento da discussão de Wirth sobre a assimilação do imigrante e foi realizada sob grande influência das formulações de seus professores. Entretanto, mesmo entre esses a definição do processo ainda se encontrava em discussão e elaboração teórica. Uma importante referência para Wirth na discussão desse processo era um artigo de Park de 1914, “Racial assimilation in secondary groups with particular reference to the negro”, no qual o próprio reconheceu suas incertezas quanto à delimitação do fenômeno, tanto que ideias como as de americanização e integração social eram assumidas como sinônimos para assimilação. No caso de Wirth, foi mais ao final de sua obra, quando envolvido com a discussão sobre minorias, que lhe pareceu importante diferenciar esses termos.

> uma organização das relações e atitudes sociais para prevenir ou reduzir o conflito, para controlar a competição e para manter uma base de segurança na ordem social para as pessoas e grupos de interesses e tipos divergentes para realizarem juntos suas variadas atividades de vida. A acomodação no sentido da composição do conflito é invariavelmente a meta do processo político. (Park & Burgess 1921, p. 735, tradução de Mário A. Eufrasio, apostilado)

Apesar de poderem fazer referências aos imigrantes, tanto o processo de assimilação quanto o de acomodação foram pensados por Park e Burgess (1921) em termos mais gerais: compunham os processos básicos e fundamentais da interação social em termos econômicos, políticos e/ou culturais[24]. Por isso, para pensar a situação vivenciada pelos grupos de imigrantes nas grandes cidades norte-americanas, especificamente, Wirth somou a essas definições outros elementos, percebidos, tal como propunham seus professores, em especial Thomas, em obras de ficção, autobiografias e documentos pessoais.

Assim, Wirth entendeu a assimilação e a acomodação como resultados da imigração, pensada como a transição de indivíduos e grupos de um grupo cultural a outro e de uma afiliação a outra. Essa transição envolve pelo menos dois mecanismos específicos que podem ser identificados em basicamente qualquer grupo de imigrante e que podem dificultar o processo de assimilação do imigrante.

Primeiro, cada grupo de imigrantes possui um estoques de heranças culturais. Essa era uma característica que já havia sido levantada por Thomas (1921), que, por herança, entendia o fundo de valores e a atitudes que um grupo de imigrantes carrega consigo ao imigrar. Seus estoques, seja de um grupo de imigrantes em relação a outro ou em relação à população nativa, se expressariam, por exemplo, no fato desses grupos atribuírem "valores a diferentes coisas e diferentes valores à mesma coisa" (Thomas 1921, p. 3, tradução de Mário A. Eufrasio, apostilado). O mesmo vale para as atitudes: o papel de uma dada atitude na cultura americana raramente é igual ao papel que desempenhava na comunidade de origem do imigrante. Com o processo de assimilação, o imigrante tende a substituir seus valores pelo do novo grupo cultural, entretanto, as atitudes podem permanecer associadas ao valor original. Wirth cita como exemplo disso "casos de judeus na América que obtêm seus status por meio da aquisição de riqueza, como um substituto para o status que conquistavam no Velho Mundo por meio da distinção pela erudição" (Wirth 1925a, p. 50, tradução minha).

Segundo, os imigrantes tendem a se isolarem da comunidade nativa em colônias, que se constituem em organizações sociais relativamente independentes, onde os hábitos, os

---

[24] Somado aos processos de acomodação e assimilação, Park e Burgess (1921) definiram os processos de competição e conflito como os quatro processos básicos e fundamentais da interação social, que serviam de base para a concepção de ecologia humana.

costumes e os ritos do Velho Mundo são mantidos. Esse isolamento dificulta o contato e a adesão à cultura do Novo Mundo.

Sobre as maneiras como a cultura americana adentra a organização social do imigrante e são por eles assimilados, Wirth chamou a atenção para dois aspectos:

Primeiro, os traços culturais americanos são absorvidos pelos imigrantes de maneira e em velocidades diferentes. Em geral, aspectos culturais materiais são mais rapidamente absorvidos que instituições sociais. O mesmo se passa com relação à substituição de *folkways* e *mores*[25]:

> o imigrante acha mais fácil desistir dos *folkways* do grupo do Velho Mundo e trocá-los pelos do novo grupo que desistir dos *mores* de seu grupo nativo e adotar os dos americanos, porque as práticas dos últimos são envolvidas por tabus, sanções, memórias, sentimentos e tradições do grupo do qual eles originalmente pertencem. É somente após sua fidelidade ao seu grupo ser de alguma forma enfraquecida que o imigrante está pronto para fazer qualquer mudança fundamental em sua organização de vida. (Wirth 1925a, p. 53, tradução minha)

Entretanto, esse enfraquecimento da lealdade do indivíduo com relação ao seu grupo de origem, ao mesmo tempo em que corresponde a uma etapa necessária para a assimilação, com frequência leva a desorganização pessoal.

O segundo aspecto, e esse era o mais importante para os objetivos de Wirth de entendimento dos conflitos culturais na família de imigrante, diz respeito ao fato de as crianças serem os principais agentes do processo de assimilação. Elas são o principal meio

---

[25] *Folkways* e *mores* são termos formulados por William Graham Sumner, em sua obra *Folkways*, de 1906. Assim como o conceito de grupo primário de Cooley, os termos de Sumner foram largamente incorporados pelos autores de Chicago, que por vezes deles se utilizaram sem nem se preocupar em defini-los. O próprio Wirth, em sua dissertação, utiliza-os com certa frequência desde o início de seu texto, problematizando-os e definindo-os apenas no penúltimo capítulo, ou seja, adiante desta discussão que abordamos agora.

Para Sumner, *folkways* e *mores* correspondem a comportamentos específicos que cada grupo social estabelece ao longo de sua própria história. Os *folkways* dizem respeito aos comportamentos mais costumeiros e habituais, desenvolvidos para satisfação das necessidades mais imediatas pelo método de "tentativa e erro"; são, em geral, transmitidos pela tradição e pela imitação e sua incorporação é tão arraigada que chegam a parecer ações ou comportamentos "naturais". Os *mores*, por sua vez, são elaborações dos *folkways* tendo em vista o bem-social geral. Nos próprios termos do autor: "they are the ways of doing things which are current in a society to satisfy human needs and desires, together with the faiths, notions, codes, and standards of well living which inhere in those ways, having a genetic connection with them. (…) They pervade and control the ways of thinking in all the exigencies of life, returning from the world of abstractions to the world of action, to give guidance and to win revivification" (Sumner 1906, p. 59). Eles correspondem, portanto, aos comportamentos de *folkways* que são envolvidos por sentimentos do grupo, cujo desvio, ou não cumprimento, é acompanhado por algum tipo de sansão.

Como indicaram Park e Burgess, na obra de 1921, *folkways* e *mores* inserem-se na discussão mais geral sobre natureza humana e vida social, porque são elementos para discussão sobre os limites instintivos (biológicos) e culturais (sociais) da ação humana e estão diretamente relacionados a discussão sobre socialização e controle social. É, especialmente, por sua relação com a discussão sobre controle social que os conceitos de *folkways* e *mores* interessam a Wirth.

Os termos *folkways* e *mores* foram, por vezes, traduzidos no Brasil por normas e leis, respectivamente, o que se mostra problemático dado que o autor também discute os termos *rules* e *law*; por isso e pela especificidade dos termos os utilizo aqui na grafia original.

pelo qual os pais imigrantes tomam contato com a vida americana. Há pelo menos quatro razões para isso:

[1] as crianças, especialmente aquelas nascidas na América, estão menos ligada aos *folkways* e aos *mores* do Velho Mundo;

[2] isso, somado ao fato de ainda estarem num estágio formativo de personalidade, faz com que elas sejam mais plásticas e impressionáveis às influências da cultura americana;

[3] ao mesmo tempo, elas são mais móveis e estabelecem mais contatos com a população nativa que seus pais que, entre outras coisas, lidam com barreiras linguísticas;

[4] consequentemente, as crianças se incorporam, com maior frequência, às instituições e aos grupos primários da comunidade nativa mais ampla que seus pais.

Com todas essas características o autor evidenciou que pais e filhos imigrantes se relacionam com o Novo Mundo de modos diferentes e, consequentemente, vivenciam a assimilação de maneiras diferentes. O quadro geral era o de que os pais, pelo isolamento em colônias de imigrantes, mantêm relações primárias com o Velho Mundo e estabelecem apenas relações secundárias com o Novo Mundo. Os filhos, por sua vez, estabelecem relações primárias com o Novo Mundo e mantêm relações secundárias com o Velho Mundo. Em termos mais amplos, tem-se, portanto, que os pais vivenciavam um processo de acomodação à cultura americana, enquanto aos filhos abre-se a possibilidade de se assimilarem a ela. Isso tudo teria importantes consequências para a vida familiar, principalmente no sentido da desorganização, porque essa divergência na forma de se relacionar com a nova cultura seris uma importante fonte de conflitos entre pais e filhos nas famílias de imigrantes.

Em termos de formulação de teórica, a identificação e problematização dessa divergência entre pais e filhos no processo de assimilação parece-nos ser o ponto central da dissertação de Wirth. Foi em torno dessa ideia que Wirth prosseguiu sua dissertação com a distinção e caracterização dos diferentes tipos de conflitos na família de imigrantes judeus em Chicago. De modo que, esse foi o momento a partir do qual o autor se distanciou um pouco das formulações de seus professores em prol de formulações mais próprias e originais, em torno do estudo dos casos que coletou.

Conflitos culturais na família de imigrantes judeus ortodoxos

A partir dos casos coletados de famílias de imigrantes judeus ortodoxos, Wirth identificou neles três tipos principais de conflitos culturais: os de linguagem[26], os de religião e os de mores. Não por acaso, três elementos tradicionalmente identificados como fatores fundamentais para a vida do grupo e para a solidariedade entre seus membros. Para o autor, esses tipos de conflito isoladamente não explicariam a relação entre conflito cultural e delinquência. Entretanto, cada um a sua maneira exerceriam influências desintegradoras as famílias de imigrantes, gerando uma situação social de desorganização na qual a delinquência juvenil torna-se mais propícia.

Ao concluir a discussão sobre os conflitos de linguagem, que faremos a seguir, Wirth sintetizou aquilo que seria os mecanismos básicos desse tipo de conflito:

> O mecanismo do conflito cultural tal como se desdobra nos conflitos de linguagem nas famílias de imigrantes é típico dos conflitos culturais em geral: um dialeto [*folk-speech*] comum que todos os membros do grupo compartilham e usam para se comunicar um com os outros é um dos laços essenciais na preservação da integridade do grupo. Esse traço cultural, com a imigração, entra em competição com o traço correspondente do grupo dominante, nativo. Os pais, sendo menos plásticos devido à idade, fortemente ligados aos velhos costumes e com menor mobilidade, e estabelecendo menos, se algum, contatos primários fora do lar ou do assentamento estrangeiro imediato, raramente adquirem o conhecimento da língua que vem relativamente fácil para as crianças. As crianças tornam-se os importadores do traço cultural novo e por meio da língua outros traços culturais inevitavelmente se seguem. No decorrer da aquisição desses traços, as crianças frequentemente encontram a resistência e a oposição dos pais. Tensões aparecem. Essas podem ceder lugar à acomodação de natureza temporária, mas no fim resultam ou em conflito aberto ou em assimilação. O novo traço cultural torna-se uma fonte de status e poder por parte da criança, e os pais imigrantes são despojados de parte do prestigio e do controle sobre suas crianças que, no Velho Mundo, estavam acostumados a desfrutar. Isso resulta na desorganização da vida familiar tradicional e pode levar a várias formas de desorganização pessoal. Grupos exclusivos e facções podem aparecer, repressão e isolamento social dos membros da família podem acontecer, ou delinquência pode deixar seu rastro. (Wirth 1925a, pp. 72-3, tradução minha)

A partir dessa síntese, podemos perceber que Wirth definiu os mecanismos básicos dos conflitos culturais como um todo composto por seis etapas progressivas:

[1] Cada grupo cultural possui **traços comuns** que garantem a integridade e solidariedade do grupo.

[26] No original, "*language*", que poderia ser traduzido também por "língua" ou "idioma". Optamos por linguagem, por se o termo mais geral, mas, quando coube, usamos os outros termos como sinônimos para evitar repetições.

[2] A imigração gera o contato entre grupos culturais diferentes com traços culturais diferentes, que quando correspondentes tendem a colocar o grupo imigrante num processo de **competição**[27].

[3] Esse processo de competição é vivido distintamente entre os membros mais novos e mais velhos do grupo de imigrantes. De uma maneira mais simplória, poderíamos dizer que ele possui "vencedores" diferentes entre as gerações do grupo: entre os mais velhos "vence" os traços culturais do grupo de origem, dado que eles tendem a permanecer mais vinculados à tradição. Diferentes fatores estão associados a isso, o mais importante, entretanto, parece ser a idade que os torna menos plásticos e menos ágeis ou móveis e tende a lhes fornecer um alto grau de conexão com os valores de seu grupo de origem. Os mais novos, em contrapartida, recebem os novos traços culturais de modo mais aberto, inclusive pelos contatos, via escola e círculo de amizade, que estabelecem na nova sociedade. De modo que se pode dizer que para as crianças os traços culturais "vencedores" na maior parte das vezes são os traços do novo grupo cultural. Uma vez que a criança assimila um novo traço cultural, esse é trazido para o ambiente doméstico e para realidade do grupo de imigrantes, e a tendência é que isso se repita com outros traços culturais. Isso pode ser metaforicamente pensado pela ideia de ponte: a criança, ao percorrer os dois grupos sociais, faz a ponte entre um e outro. Entretanto, a maneira como Wirth conduz a discussão, quer nos parecer que se trata de uma ponte de mão única; tendo em vista que a criança em geral traz para comunidade elementos culturais do Novo Mundo, entretanto não leva para esse, com possibilidade de assimilação, traços do Velho Mundo. Antecipando um pouco a discussão que Wirth realizou em *The Ghetto*, outra metáfora que nos parece conveniente é a de pensar a comunidade de imigrantes como uma cidade murada na qual a criança abre uma porta ou fenda para a entrada de novos traços culturais. Cotidianamente, ela mantém essa porta ou fenda aberta ou progressivamente abre outras, até o momento em que o grupo já não tem mais controle sobre os traços culturais que entram.

[4] A divergência resultante desse processo de competição não é vivida pacificamente dentro da família: a aquisição de novos traços culturais pela criança esbarra na resistência e na oposição dos pais que não querem ver seus costumes ameaçados. Ou

[27] É preciso notar, entretanto, que pelos termos do autor essa competição ocorre apenas para o grupo imigrante. Nesse momento, os autores da Escola de Chicago como um todo, e Wirth não era diferente disso, pareciam entender as transformações culturais geradas pela imigração como um processo unilateral, sofrido apenas pelo imigrante. Daí o uso dos termos americanização e aculturação. A ideia geral parecia ser a de que nesse contato cultural apenas o imigrante se transforma, enquanto a comunidade nativa permanece estável.

seja, dentro da família, o processo de competição entre grupos e seus traços culturais tende a evoluir em conflitos entre pais e filhos. Ao discutir os conflitos religiosos, Wirth acrescenta mais alguns aspectos a essa etapa: o de que uma vez que algum traço cultural torna-se objeto de conflito, a tendência é que o individuo generalize o conflito para a cultura do grupo como um todo. Isso tende a ocorrer com os traços culturais que são mais idiossincráticos do grupo de origem – e, portanto, mais distantes, incompatíveis e inconsistentes com o novo grupo – e cuja obediência tende a se tornar uma tarefa dispendiosa no cotidiano do Novo Mundo.

[5] Ao mesmo tempo, a relação assimétrica de autoridade entre pais e filhos tende a se inverter ou deixar de existir, isso porque os filhos ao se assimilarem, passam a ter mais status e poder no novo grupo que seus pais, de modo que deixam de prestigiar e reconhecer o controle desses.

[6] A consequência certa desse processo é a desorganização do grupo social imigrante, no caso a família, abrindo espaço para a desmoralização, ou seja, a desorganização do indivíduo que pode ser vivenciada, de diferentes maneiras, entre as quais: pela delinquência.

Na sequência, Wirth identificou alguns fatores que, no caso da assimilação de uma nova língua, poderiam radicalizar ou amenizar a gênese e o desenvolvimento de conflitos. Eram eles: a plasticidade da organização da família tradicional; a idade dos pais no momento da imigração; a história da família e suas ligações sentimentais aos velhos padrões de vida; a educação dos pais e sua relativa estabilidade ou mobilidade; a intimidade das relações com a colônia de imigrantes; a idade das crianças no momento da imigração; o local de nascimento; a natureza e a velocidade das novas associações que estabeleceram na América; etc. Como veremos pela discussão a seguir, aqui, mais uma vez, o que Wirth identificou para os conflitos de linguagem pode ser generalizados para os demais tipos de conflitos.

Tendo esclarecido em linhas gerais a problemática central dos conflitos culturais na família de imigrantes para Wirth, gostaríamos de destacar alguns elementos específicos a cada um dos tipos de conflitos que Wirth abordou.

Conflitos de linguagem

Nos dados coletados por Wirth, os conflitos de linguagem diziam respeito especificamente às situações desarmoniosas quanto ao uso do iídiche, a língua do Velho Mundo, e do inglês, a língua do Novo Mundo: a América. A questão específica para o autor

ao abordar esses conflitos consistia em problematizar ou evidenciar a relação entre conflitos de linguagem e tensões familiares e desorganização. Para tanto, desenvolveu o tema em torno de três questões principais: primeiro, o papel que a linguagem exerce num grupo cultural e, consequentemente, na sua assimilação; segundo, como se dá a assimilação da língua do novo grupo cultural; e, por fim, quais as consequências dessa assimilação para a família imigrante.

Sobre o papel que exerce num grupo cultural, Wirth salientou que a linguagem é um dos elementos culturais mais básicos para a solidariedade do grupo e vínculo entre seus membros. De modo que cada grupo cultural possui uma linguagem comum específica e grupos culturais diferentes possuem linguagens, ou idiomas, distintas. Não por acaso, a questão da língua corresponde ao primeiro obstáculo na relação entre o imigrante e a nova sociedade. Ao mesmo tempo, a fluência na aquisição da nova língua por parte do imigrante pode ser pensada como um dos termômetros da assimilação. Tendo em vista que pais e filhos não vivenciam o processo de assimilação da mesma forma – em geral, apenas os filhos, por serem mais plásticos, possuem reais possibilidades de assimilação; enquanto os pais, em geral, se acomodam ao novo grupo –, o aprendizado e o domínio sobre o novo idioma também são distintos entre as gerações. De uma maneira geral, tem-se que os pais dominam os elementos mais básicos e primários do novo código linguístico, enquanto os filhos tendem a dominá-lo em sua plenitude, quase como um nativo.

Diversos fatores contribuem para isso. Há os elementos mais gerais em torno do próprio processo de assimilação, que já foram discutidos pelo autor, cujo principal é a maior flexibilidade e adaptabilidade das crianças a novos costumes e estímulos culturais dado que são mais plásticas e não estão tão integradas aos costumes do grupo de origem como estão seus pais, e outros mais específicos relacionados a como o grupo entende e lida com a nova sociedade e sua língua.

Wirth identificou, por exemplo, que com frequência as famílias que optavam pela imigração incentivavam seus filhos, especialmente quando eram crianças ou adolescentes, a estudarem a nova língua antes de imigrarem, dado que necessitariam dela para, entre outras coisas, frequentar a escola na nova sociedade.[28] A mesma preocupação, entretanto, não era compartilhada para eles próprios – os pais – que muitas vezes se consideravam "velhos

[28] Segundo Wirth, esse incentivo era dado também pela preocupação em não serem considerados "caipiras" (*greenhorns*). Quanto a isso, citou o relato de um filho que diz ter sido incentivado pelo pai a estudar inglês, antes que o fosse encontrar na América, para que ao chegar não fosse considerado um "caipira" (*greenhorn*) como ele. O curioso disso é que a referência ao imigrante da primeira geração como caipira é frequente em diversos relatos transcritos por Wirth, principalmente por parte dos filhos com relação a seus pais imigrantes. Wirth não discute a questão, mas seria de se questionar até que ponto situações e problemas (parecidos) de conflitos culturais não são vividos pelas famílias nativas que migraram do interior para cidade grande. Ou seja, até que ponto essa discussão de fato se restringe ao imigrante oriundo de outro país.

demais" para o aprendizado de um novo idioma. Ao mesmo tempo, os pais e a comunidade criavam mecanismos de manutenção de língua de origem que também podiam ser lidos como estratégias de resistência à assimilação do novo idioma. No âmbito da comunidade, tinha-se a organização da imprensa local que era sempre veiculada na língua de origem do grupo.[29] No caso dos judeus, os principais jornais da comunidade eram em iídiche e constituíam o principal meio de comunicação do imigrante. O fato de eles noticiarem apenas questões específicas da comunidade ou do Velho Mundo podia sugerir ainda que eles sirviam de instrumento de resistência não apenas à língua inglesa, mas à sociedade americana de uma maneira geral. No âmbito mais especifico da família, tinha-se a definição da língua de origem, o iídiche, como o idioma do espaço doméstico. Além dos valores sentimentais de ligação aos costumes do grupo, Wirth salientou outros dois elementos para explicar isso: 1) muitas vezes, a língua de origem era a única que os pais conheciam; e, 2) quando conheciam a nova, sentiam dificuldade no seu uso por receio de não se fazerem entendidos ou porque seu uso tendia a deixar a comunicação no círculo familiar mais formal, pois, apenas num idioma que se tem completo domínio, a comunicação com espontaneidade, sinceridade e intimidade é possível. Os relatos citados por Wirth para essa discussão revelaram mais dois elementos interessantes dessa relação entre pais e filhos: 3) que, muitas vezes, o conhecimento que os pais possuíam sobre a nova língua, os permitiam entender os filhos quando esses falavam em inglês, entretanto, forçavam a comunicação em iídiche; e 4) que, em contrapartida, os filhos passavam a utilizar o iídiche como moeda de negociação com os pais; assim, usavam a língua materna quando queriam algo dos pais ou quando o assunto da comunicação era considerado importante para alguma das partes.

Aqui cabe um comentário que Wirth não fez nesse momento, mesmo porque parece mais inserido ao tom da argumentação que utilizou posteriormente em *The Ghetto*, que é o de que: o iídiche constituía o idioma do espaço doméstico e da comunidade, enquanto o inglês era o idioma do espaço da sociedade mais ampla. Ainda que Wirth não tenha estabelecido essa relação em termos espaciais, ele salientou que, como as crianças dominam os dois códigos linguísticos com qualidade, elas se tornam o intermediário, ou o mediador, entre os dois mundos que cada um desses espaços representa. Daí, a ideia já colocada algumas vezes

[29] Ainda que não tenha feito referência explícita, sem dúvida, aqui Wirth tinha em mente as discussões de Park em *The Immigrant Press and Its Control* (1922). O capítulo como um todo lembra muito as discussões de Park e Thomas em "Participação e Assimilação Social" que, apesar de só ter sido publicado em 1931, em coletânea de Kimball Young, provavelmente circulava entre os alunos de Chicago desde 1919, tendo em vista que se tratava de artigo discutido nos estudos de americanização financiados pela Carnegie, dos quais a obra citada de Park bem como a obra de Thomas de 1921 (que é importante influência para Wirth) são resultados.

pelo autor, e de certa forma ponto pacífico nos estudos de imigração da Escola de Chicago, de que a criança é o principal agente da assimilação.

As consequências dessa divergência na assimilação da língua eram diversas, tanto para a criança em particular quanto, consequentemente, para vida familiar.

Com relação à criança, especificamente, Wirth identificou três consequências principais:

[1] maior suscetibilidade aos estímulos da imprensa e da mídia norte-americana, aos quais, pela barreira da língua, os pais permanecem imunes. Esses estímulos dizem respeito à visão de mundo que a mídia oferece como um todo, mas principalmente com relação ao incentivo ao consumo. Isso, segundo o autor, causava incompreensão entre pais e filhos que era intensificada pela questão econômica, dada a situação das famílias imigrantes naquele momento nos EUA;

[2] a possibilidade de desenvolverem uma vida privada, ou seja, desenvolver modos de pensar e agir estranhos aos pais imigrantes. Wirth não explorou a questão, mas essa possibilidade é dada inclusive porque a distância entre os mundos que pais e filhos representam não é apenas simbólica e cultural, mas também espacial. A tensão que essa situação pode gerar se agrava quando, nessa vida privada, os filhos buscam status num novo grupo e escondem as origens da família;

[3] cria-se nas crianças a possibilidade de desenvolverem uma organização de vida de acordo com algum padrão alheio aos dos pais e ao do grupo que pertencem. Wirth exemplificou isso com o acesso que se abre a criança de toda uma literatura e, consequentemente, visão de mundo de língua inglesa às quais os pais, não só pela barreira linguística mas também pela restrição a literatura religiosa, ficam alheios. Dentre os reflexos disso estava, por exemplo, a escolha profissional distante da realidade ou da influência dos pais.

Com relação à vida familiar, Wirth identificou duas consequências principais: o distanciamento dos membros do grupo familiar e perda de autoridade dos pais. O distanciamento estava diretamente relacionado às consequências particulares à criança relacionadas acima, dado que elas apenas contribuem para que pais e filhos passem a habitar mundos sociais completamente distintos e distantes. Esse distanciamento, quando numa família mais ampla com irmãos também em conflitos, pode gerar a divisão da família em grupos exclusivos e/ou facções, ampliando ainda mais as tensões familiares e sua desorganização. A questão da perda da autoridade dos pais também está relacionada aos

elementos indicados acima, mas principalmente a um importante papel que a criança com frequência passa a desempenhar na vida cotidiana de famílias de imigrantes – e que é desconhecido da criança da família nativa – que é o de intérprete de seus pais. Dado que as crianças possuem um domínio da língua inglesa muito superior a de seus pais, em geral, elas são chamadas a mediar todo e qualquer contato desses externos à comunidade de imigrantes. Esses contatos variam desde simples afazeres da vida cotidianas (como comércio ou restaurantes), passando pela comunicação com autoridades oficiais (como oficial de justiça, assistente social, inspetor da escola, policial etc.), até o cuidado com os negócios da família (nos quais os pais podem explorar outros talentos dos filhos além da fluência na língua inglesa). Para Wirth, ao assumir esse papel de intérprete, a criança tornava-se o personagem mais importante da vida doméstica e assumia uma situação de vantagem frente a seus pais. Essa vantagem é dada tanto pela questão da dependência que a vida social dos pais passa a ter da mediação dos filhos quanto pela possibilidade que se abre aos filhos de manipulação da situação de acordo com seus interesses dado que os pais não têm instrumentos para verificar se o que o filho traduz corresponde ou não a comunicação colocada. Disso decorreria a inversão na relação de poder e autoridade entre pais e filhos. Consequentemente, os pais perderiam seu prestigio e tornariam-se subordinados aos filhos. Nessa situação, não haveria como esperar que os filhos reconhecessem qualquer tipo de controle social por parte dos pais; e, abre-se o espaço para intensos conflitos.

Conflitos de religião

Para Wirth, a discussão sobre conflitos de religião era importante para a compreensão da família judaica especialmente por dois motivos: por um lado, a religião constitui um dos principais elementos de identidade e solidariedade do grupo, isto é, os judeus ortodoxos são um grupo cultural entre outros motivos porque compartilham uma mesma religião; e, por outro lado, o judaísmo ortodoxo enquanto religião corresponde a um código de leis e valores que regulam a vida do individuo em quase todas as suas esferas desde as mais cotidianas (como o ato de beber, comer e dormir) até os rituais da vida social e do indivíduo como um todo; compondo assim um conjunto de valores e hábitos altamente específico e rígido[30]. O

[30] Esse ponto da discussão de Wirth parece-nos mais compreensível tendo em mente o que sugere Topel (2005), de que a ortodoxia judaica pode ser considerada uma religião ortoprática, isto é, que privilegia a práxis em detrimento da fé: "segundo a ortodoxia, é considerado membro do grupo todo judeu que segue à risca os preceitos relativos aos três pilares do judaísmo, isto é, os preceitos relativos à *kashrut* [substantivação de *kasher*, em referência aos alimentos idôneos para o consumo dos judeus ortodoxos], ao descanso sabático e às leis de pureza familiar. Entretanto, a *Halachá* ou Lei judaica abrange toda a vida do indivíduo – e do grupo –, legislando com minúcia o que é permitido e proibido fazer no âmbito público e privado, 'desde o amanhecer até

ponto central aqui é que os conflitos religiosos emergiriam da situação de um conjunto de valores e costumes altamente rígidos em competição com um conjunto mais flexível e liberal, que era o norte-americano.

Dada a amplitude que os traços religiosos exercem sobre o judeu ortodoxo, Wirth enfatizou que muitos de seus elementos de conflito coincidem com o que foi abordado na discussão sobre os conflitos de linguagem ou com o que seria abordado na discussão sobre os conflitos de *mores*. Por isso, o autor focalizou essa discussão sobre quatro aspectos principais: [1] o treinamento religioso; [2] as rezas e a frequência a sinagoga; [3] a observância ao *Sabbath* e aos feriados; e [4] os rituais.

O treinamento religioso diz respeito às instituições de ensino religioso da comunidade que fazem parte da tradição judaica trazidas do Velho Mundo:

> A instituição por meio da qual os judeus orientais adquirem seu primeiro treinamento religioso é o "*Cheder*" ou escola religiosa elementar. Há mais ênfase no treinamento dos meninos que no das meninas. A criança começa seu treinamento na tenra idade de quatro ou cinco anos. A instrução é dada em iídiche e a matéria de estudo consiste nas noções básicas de leitura e escrita em iídiche e hebraico. Entre a idade de sete e dez anos os pupilos estudam a Bíblia. Depois, segue o Talmud e outros tratados rabínicos. Para estudos avançados, a *Yeshiba* ou colégio talmúdico (*Talmudical College*) foi estabelecido. Para os pobres e órfãos, há o "*Talmud Torah*" ou estudo da lei que é mantido por contribuição voluntária e fornece a mesma instrução do *Cheder*. Os mais abastados, com frequência, contratam tutores particulares para suas crianças. (Wirth 1925a, pp.81-2, tradução minha)

Os conflitos que as famílias estudadas por Wirth vivenciavam com relação a isso dizia respeito à imposição da frequência a essas instituições por parte dos pais contra o desinteresse por parte dos filhos em frequentá-las. Para os pais, para além de sua importância com relação à manutenção da tradição familiar e do grupo, o significado dessas instituições estava associado ao fato de que, com frequência, esse foi o único tipo de educação que cursaram antes de imigrar, seja por conta da idade com que imigraram, seja porque de onde vieram o ensino regular era proibido aos judeus. Daí também, por exemplo, o fato dessa imposição ser reforçada quando o ambiente doméstico contava com a presença dos avós. Entretanto, se na Europa essas instituições tinham monopólio sobre a educação das crianças e adolescentes da comunidade, na América elas figuravam como um apêndice ao ensino público regular. Tal

---

o anoitecer, desde o nascimento até o túmulo" (Hartman, 1987; Leibowitz, 1987). Assim, e a modo de ilustração, vale a pena citar a existência de preceitos que estabelecem quais as profissões permitidas e quais as proibidas, as normas de recato na vestimenta de homens e mulheres e o que devem e o que não devem estudar; como rezar nos dias santos e nos dias ordinários; o que é proibido ler; por que não é permitido ter aparelhos de TV em casa; sob que circunstâncias é possível acessar a Internet; como preparar os alimentos para que eles sejam idôneos para o consumo e que utensílios usar para os diversos alimentos. Não por acaso, o judaísmo ortodoxo é considerado a religião ortoprática por excelência [...]. Da perspectiva da ortodoxia, a ritualização do cotidiano a tal extremo reflete o compromisso de seguir à risca a Lei judaica, selado na teofania sinaítica, cujo objetivo foi a consagração da nação de Israel a Deus, que a separou de todas as nações para servi-Lo (*Lev* 20:26)" (Topel 2005, p.192).

situação ao mesmo tempo em que colocava os filhos em contato com a nova sociedade, definia elementos de comparação de modelos de ensino e criava competição com o tempo de lazer. Dado que o ensino religioso na América tendia a ser cópia fiel do modelo vivenciado no Velho Mundo, com frequência, passava ser interpretado como enfadonho e inútil pela criança que o comparava com o modelo de ensino publico da América. Da mesma forma, tendia a ser sentido como um desperdício de tempo que poderia ser aproveitado em entretenimento, como acontecia com as crianças nativas. Isso, ao mesmo tempo em que estabelecia terreno fértil para conflitos familiares, favorecia o afastamento da comunidade.

Para os pais, o treinamento religioso também prepara seus filhos para pelo menos duas importantes crises[31] que esses viverão: o *Bar Mitzvah* e o *Kaddish*.

Sobre o *Bar Mitzvah*, Wirth o chamou de cerimônia de confirmação. Nele, os meninos de treze anos, diante de toda sinagoga, devem ler um trecho da *Torah* no original em hebraico. Tal cerimônia simboliza a inserção do jovem na comunidade religiosa, como membro responsável por seus atos e como mantenedor da tradição religiosa. Era uma cerimônia acompanhada por reunião familiar, o que aumentava a pressão dos pais sobre os filhos para que fosse cumprida porque não queriam parecer como frouxos ou ridículos diante de toda família. O que tornava a ocasião mais propicia para conflitos, principalmente, quando se tratava de famílias com tradição na educação religiosa.

O *Kaddish* corresponde à prece que deve ser proferida regularmente, durante onze meses, pelo filho em memória dos pais quando falecidos. Como há muita superstição em torno do costume, sua manutenção era uma importante preocupação para os pais, que tendiam a não reconhecer os filhos quando esses se mostravam incapazes ou desinteressados em recitar a prece.

Entretanto, o *Kaddish* é apenas uma das muitas rezas que envolvem a vida de um judeu ortodoxo. Sua rotina é permeada por pequenos ritos e preces diárias, além da frequência à sinagoga. Essa pesada rotina faz parte do conjunto de costumes e tradições trazidas do Velho Mundo que, entretanto, não persistiam em sua totalidade no Novo Mundo – principalmente quando o reformismo se fazia presente –, mesmo pelos pais, pois tinha de ser equilibrada com as exigências da rotina de comércio, trabalho e vida social americana. Mesmo que considerada amenizadas pelos pais, essa rotina era sentida pelas crianças como um farto e o ambiente doméstico que a envolvia, como confinamento. Pelos mesmos motivos,

[31] Parece-nos que aqui o uso do termo crise é tal qual sugeriu Thomas (1912), isto é, como qualquer mudança ou distúrbio de hábito, sem necessariamente envolver qualquer sentido de violência. Entretanto, Wirth não esclareceu o uso do termo.

a sinagoga era comumente rejeitada pelas gerações mais novas por ser um ambiente antiquado. Apesar da tentativa de algumas sinagogas modernizarem seus edifícios e rezas, a frequência a ela era importante objeto de conflito entre pais e filhos na família ortodoxa.

A observância ao *Sabbath* e aos feriados é entendido entre os ortodoxos como momentos de reuniões familiares. Daí, a importância para os pais que eles fossem cumpridos. Da mesma forma que nas celebrações de *Bar Mitzvah*, esses contavam com a presença dos parentes mais distantes, o que aumentava a pressão pela presença dos filhos e a possibilidade de conflitos.

Os conflitos ligados aos rituais religiosos se originavam, segundo Wirth, pelo fato de serem práticas observáveis e controláveis pela família e pelo grupo como um todo. O mesmo pode ser dito para os itens discutidos anteriormente, de treinamento religioso, rezas e frequência à sinagoga e observância ao *Sabbath* e aos feriados, entretanto pesa aos rituais o fato de serem demonstrações externas e visíveis, enquanto os demais podem de alguma forma ser camuflados ou contornados. O autor citou como exemplo disso o uso do chapéu e do *arba kanfoth*[32], cujo uso podia ser facilmente averiguado pela família e pelo grupo. Enquanto tal, eram elementos propícios a se tornarem motivo de tensões dentro da família, em especial, quando se mostravam de alguma forma incongruentes aos demais ambientes sociais vividos pelos filhos.

Além de todos os fatores anteriormente listados, com relação aos conflitos de linguagem, mas que podem ser generalizados para todos os conflitos culturais, Wirth destacou mais dois fatores que influenciam os conflitos de religião como um todo: a presença do pai no ambiente doméstico – tendo em vista que esse era a principal figura de manutenção dos costumes e crença religiosa, os conflitos tendiam a ser menores nas famílias cujo pai era ausente – e a homogeneidade religiosa do casal – ou seja, nas famílias de casamento misto, os conflitos eram antes entre o próprio casal, depois entre as gerações.

Conflitos de mores

Quanto aos conflitos de *mores*, Wirth procurou examinar os conflitos gerados pelas mudanças de comportamento dos membros do grupo – ou nos termos que preferia o autor: pelas transformações de *folkways* e *mores*[33] – que o processo de assimilação implica.

Segundo o autor, os estudos sobre como *folkways* e *mores* são construídos em uma determinada sociedade eram bastante comuns e importantes na literatura sociológica.

---

[32] Também chamado de *tallit*, corresponde ao xale que os judeus ortodoxos usam durante o dia por debaixo da camisa e cujas franjas (*tsitsit*) funcionam como lembretes dos mandamentos religiosos.
[33] Sobre a definição de *folkways* e *mores*, ver nota 25.

Entretanto, para compreensão da condição do imigrante, mais importante que entender como esses comportamentos sociais são construídos era compreender como eles são dissolvidos e/ou abandonados. Isso porque, enfatizou Wirth, na assimilação, os indivíduos e/ou o grupo abandonam um conjunto de *folkways* e *mores* por outro.

Dado que, com a imigração, pais e filhos vivenciam processos diferentes na nova sociedade – acomodação e assimilação, respectivamente – esse processo de abandono do conjunto de *folkways* e *mores* do Velho Mundo e sua substituição pelos da sociedade americana ocorre também distintamente entre as gerações, constituindo-se em situação fértil para o surgimento de conflitos culturais. De uma maneira geral, Wirth percebeu que, com a assimilação, pais e filhos deixam de compartilhar os mesmo *folkways* e os mesmos *mores*. O que é *folkways* para uns, às vezes, passa a ser *mores* para o outro, ou vice-versa, ou simplesmente deixam de ser comportamentos partilhados. Entretanto, o foco de Wirth aqui não era propriamente os mecanismos envolvidos nessa mudança dos *folkways* e *mores* do grupo, mas a consideração de alguns *mores* pelos tipos de personalidade que eles demonstram em sua transformação. Wirth justifica tal posição citando Park & Burgess: "sob a influência dos *mores* os homens agem tipicamente, e portanto de modo representativo, não como indivíduos, mas como um membro de um grupo" (Park & Burgess 1921, p. 30, tradução minha).

A associação entre comportamento do grupo e tipos de personalidade é uma constante nos estudos da Escola de Chicago desde as obras de Thomas de 1918 e de 1921. Ela está baseada em uma concepção de teoria social, que teve grandes influências sobre Wirth, mas que o autor não explicitou. Apenas apresentou por uma breve, simples e direta adesão a explicações de modo causal, atestando que há certas situações típicas que tendem a produzir certos resultados específicos[34]; e indicou o que entendia por "tipos sociológicos" de personalidade:

> Num sentido, cada família ou pessoa em particular que podemos observar é única, nisso um complexo e variante número de fatores estabelece o comportamento. Nós reconhecemos as pessoas que conhecemos intimamente como individuais, não como membros de uma classe. Nesse sentido, elas desafiam

[34] Ao exemplificar essa postulação, o autor inclusive fez um balanço de algumas das principais ideias que até então havia discutido na dissertação: "for instance [1] that the dependence of the immigrant on the earnings of the children may tend to bring the parents to the recognition that the children must learn the new language in order to get along in the new world and thus lead to an accommodation which temporarily adjusts the difference, or [2] that the superior status which the children reach through their knowledge of English and of American customs may lead to delinquency, the lessening of parental control and weakening of family solidarity, [3] that tensions develop into conflicts as a result of crises, [4] that in the area of first settlement the old world culture persist more fully than in the area of second settlement, and [5] that as a result the opportunity for culture conflicts is greater in the former, [6] that the community in which the individual lives profoundly affects his behavior pattern, etc" (Wirth 1925a, p. 99, enumeração minha).

> classificação. Quando estudamos um número de histórias de vida de indivíduos, contudo, como eles são revelados por meio de histórias de casos, cartas, revelações autobiográficas; encontramos repetidas vezes um certo complexo de atitudes e certa tendência a se comportar em uma dada situação num modo definido, que reconhecemos uma semelhança entre certos indivíduos que torna possível para nós pensar neles em termos de **tipos** que eles parecem representar. Nós não estamos interessados nesse estudo nos **tipos psicológicos**, nem em classificações desenvolvidas por psicanalistas, mas antes em **tipos sociológicos**, isto é, indivíduos, representantes de uma classe cuja personalidade é moldada por influências de grupo semelhantes ou cujo padrão de reações são mais ou menos parecidos numa situação social dada. (Wirth 1925a, pp. 99-100, tradução e grifos meus)

Na continuação, Wirth fez referência aos tipos identificados por Thomas e Znaniecki em *The Polish Peasant* – o filisteu, o boêmio e o criativo – e os tipos de imigrantes identificados por Thomas (& Park & Miller) em *Old World Traits Transplanted* – o *settler*, o *colonist*, o idealista político, o *allrightnick*, o *caffone* e o intelectual –, registrando que eles representam a predominância de um conjunto de valores, atitudes e reações que tornam os indivíduos representativos de um grupo e únicos na comunidade como um todo.

O que está por detrás dessa apresentação de Wirth é a concepção de teoria social definida por Thomas e Znanieck, em *The Polish Peasant*, que está baseada em dois elementos fundamentais: valores sociais (ou só valores) e atitudes. Esses, que devem ser sempre pensados de forma correlacionada, correspondem aos elementos culturais objetivos da vida social e às características subjetivas dos membros do grupo social, respectivamente[35].

Assim, são valores sociais todo e qualquer dado empírico particular cujo conteúdo é acessível aos membros de um grupo e cujo significado é ou pode ser um objeto de atividade. Os exemplos dados pelos autores são: "um gênero alimentício, um instrumento, uma moeda, uma composição poética, uma universidade, um mito, uma teoria científica" (Thomas & Znaniecki [1918] 2000, §I.32, p. 22). Em linhas gerais, poderíamos dizer que correspondem aos objetos, às práticas e as instituições que um determinado grupo social produz e/ou possui. Já as atitudes são os sentimentos que cada membro desenvolve em relação aos valores de seu próprio grupo e que direcionam sua ação real ou possível no mundo social. Exemplificam os

---

[35] Essa preocupação em enfatizar o estudo tanto dos elementos objetivos quanto subjetivos da realidade social que concepção de teoria social dos autores engloba, também pode ser percebida em Park. Entretanto, o autor nunca formalizou um tratado metodológico sobre isso, como o fizeram Thomas e Znaniecki, na "Nota Metodológica" que introduz a obra *The Polish Peasant*. Essa questão fica sugerida em alguns artigos do autor, como, por exemplo, em "The City" (1915 e 1925), quando enfatiza que "a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra" (Park 1925 in Velho 1967, p. 32). Ela também pode ser percebida no artigo "Behind ou masks" (1926), que é referencia constante de Wirth em *The* Ghetto. Entretanto, a concepção de ciência e de sociologia de Park ainda é uma questão de pesquisa a ser realizada.

Quanto a Wirth, apesar de sugerida em *The Ghetto*, ele apenas formaliza sua adesão essa concepção de teoria social em artigo de 1931, na seguinte passagem: "the study of the culture on the objective side must be complemented through a study of the personal meanings, which the cultural values have for the individual. The concept of culture and the concept of personality do not stand in opposition to one another. A culture has no psychological significance until it is referred to a personality, and vice versa, a personality is unthinkable without a cultural milieu" (Wirth 1931c, p. 490).

autores: “a fome que compele ao consumo do gênero alimentício; a decisão do trabalhador de usar a ferramenta; a tendência do esbanjador de gastar a moeda; os sentimentos e ideias do poeta expressos no poema e a simpatia e admiração do leitor; as necessidades que a instituição tenta satisfazer e a resposta que provoca; o medo e a devoção manifestados no culto da divindade; o interesse em criar, compreender ou aplicar uma teoria científica e os modos de pensar implicados nela” (Thomas & Znaniecki [1918] 2000, §I.33, p. 23).

Atitudes e valores são os tipos de dados que compõem, para Thomas e Znaniecki, o objeto de estudo da teoria social que é formada por duas ciências principais: a psicologia social e a sociologia. Isso porque, a psicologia social busca compreender as atitudes do indivíduo para com todos os valores sociais de um grupo social dado. Assim, é “a ciência da consciência enquanto manifesta na cultura” (ibid., §I.45, p. 33). Enquanto, a sociologia estuda somente um tipo desses valores – as regras sociais – em sua relação com as atitudes individuais. Como as regras sociais “constituem com relação a sua significação objetiva um certo número de sistemas mais ou menos associados e harmoniosos que podem ser geralmente chamados de *instituições sociais* e a totalidade das instituições encontradas num grupo social concreto constitui a *organização social* desse grupo” (ibid., §I.46, p. 35), a sociologia pode ser entendida como a ciência da organização social.[36]

Apesar das diferenças, ambas as ciências trabalham com um mesmo princípio de explicação causal (ideia que Wirth também absorveu):

> *A causa de um fenômeno social ou individual nunca é apenas outro fenômeno social ou individual, mas sempre uma combinação de um fenômeno social e um fenômeno individual*.
>
> Ou, em termos mais exatos:
>
> *A causa de um valor ou de uma atitude nunca é apenas uma atitude ou um valor, mas sempre uma combinação de uma atitude e de um valor*. (Thomas & Znaniecki [1918] 2000, §60.II.12, p. 47)[37]

Na introdução a história de vida do jovem polonês Wladek Wiszniewski, os autores aprofundam um pouco mais a discussão sobre a psicologia social, esclarecendo “o ponto de vista sobre o qual todo estudo sintético do indivíduo como personalidade social deveria ser feito”, que envolve a identificação de tipos porque esses desempenham “o mesmo papel na síntese social que o conceito de fatos causais desempenha na análise social, sendo o objetivo

---

[36] Com isso, acreditamos esclarecer a escolha pelo uso do termo “teoria social”, não “teoria sociológica”, no subtítulo desta dissertação de.

[37] Bulmer (1984, p. 58-9) vê nessa formulação grande mérito dos autores que com isso consolidaram o afastamento da sociologia norte-americana do reducionismo biológico. Tal processo iniciou-se, com Franz Boas, a quem Bulmer identifica forte influência sobre Thomas, e foi corroborado pela obra de Thomas e Znaniecki, em especial, com o desenvolvimento do conceito de atitude que, ao referir-se a um estado mental sem conteúdo psicológico intrínseco, busca explicar o comportamento individual e social por categorias sociológicas e psicológicas, e não mais biológicas.

do primeiro encontrar classes, assim como o objetivo do último é encontrar leis" (Thomas & Znaniecki 1918-1920, vol. III, p. 11, traduções minhas). Nesse sentido, caberia a psicologia social a classificação das personalidades humanas em tipos ideais (termo dos autores).

Nessa introdução, os autores definiram três tipos ideais principais: (1) o filisteu, que corresponde ao conformista que comumente aceita a tradição social em seus elementos mais estáveis; (2) o boêmio, que corresponderia ao tipo oposto, que comumente demonstra adaptabilidade a novas condições sociais; e (3) o criativo, que corresponde ao indivíduo que constrói sua organização de vida com a tendência de modificá-la e ampliá-la de acordo com algum objetivo definido.

Cada um desses tipos ideais corresponde a um conjunto de atitudes que representam os limites ideais da que a evolução pessoal do indivíduo tende a assumir. Entretanto, ressaltou os autores, esses tipos não são antecipadamente determinados – seja pelo temperamento[38] do indivíduo, seja por seu ambiente social –, mas percebidos ao longo do desenvolvimento de vida de cada um.

Conforme indicou Wirth, em *Old World Traits Transplanted*, Thomas voltou a discutir a questão dos tipos; entretanto, não mais como tipos de personalidade, mas como tipos de imigrantes. Nesse momento, antes de caracterizar os tipos em questão, fez apenas uma pequena introdução na qual esclareceu o que entendia por esses tipos:

> Each immigrant brings to America an individual correlation of the wishes which rule human conduct. In one the desire for recognition predominates; in another the desire for security; and so on in many variations. This individual organization of wishes is what we call character. Likewise each immigrant group as a whole brings a more or less marked character. And while we do not ignore the fact that character is partly due to temperamental qualities the characteristics of the Swedes, the Jews, the Italians, may be connected with their original, inborn, temperamental dispositions it is nevertheless certain that character in both individuals and groups is mainly built up by the process which we have referred to above as "the definition of the situation" […] by the whole of the experiences and social influences which modify, quality, and organize the wishes. Thus, the Sicilian *omertà*, the Catholic church and confessional, the Lutheran faith, the doctrine of anarchy, the principle of democracy, are more or less dominant in defining the situation in certain groups and tend to characterize partially these groups and members. We are able, therefore, to distinguish roughly various immigrant types, representing different heritages. It is not true, however, that we can treat any give immigrant group strictly *en bloc* from the standpoint of heritages. We find a great homogeneity in this respect in certain groups (and we are inclined to assume more exists), but in all groups certain individuals resemble individuals in other groups more than they resemble the average member their own group. Thus a Jewish intellect probably has more in common with an intellectual of any other group than with a ritualistic Jew. Certainly the difference between an intellectual Pole and a Polish peasant is as profound as possible. In general,

[38] Os autores entendem o temperamento como "o grupo original fundamental de atitudes do individuo que existe independentemente de qualquer influência social" e que "são essencialmente instintivas, isto é, se expressam em ações biológicas". Complementarmente definem caráter como "o conjunto de grupos organizados e fixados de atitudes desenvolvidos por influências sociais que operam sobre a base temperamental" e que "são dadas por reflexão consciente" (Thomas & Znaniecki 1918-20, vol. III, p. 18, tradução minha)

> where the process of defining the situation rationally instead of customarily has been introduced, a wide divergence will be found between individual members in a group.
>
> In this study we do not attempt to characterize immigrant groups in their totality. We are able to study only the *types of attitudes* brought to America by immigration, and the following indication of types is made from this standpoint, though it will become evident, here and later, that certain attitudes are more or less peculiar to certain groups. The terms used below are more or less arbitrary and the types are usually not pure. (Thomas 1921, pp. 81-3, grifos do autor)

Assim identificou seis tipos principais de atitudes que correspondiam aos seguintes tipos de imigrantes: o *settler* (ou colonizador), o *colonist* (ou colono), o idealista político, o *allrightnick* (ou oportunista que realiza a ambição por algum tipo de reconhecimento sob o prejuízo dos ideais de seu grupo nacional ou familiar), o *caffone* (ou simplório que participa a contra gosto tanto da vida americana quanto da de seu próprio grupo) e o intelectual.

Parece-nos que foi com essa concepção de teoria social e de tipos de personalidade em mente que Wirth mobilizou essa discussão em sua dissertação. Entretanto, é preciso notar que isso tinha uma função mais específica na discussão do autor conforme apresentado na seguinte passagem:

> O problema que nos interessa especificamente é: em quais tipos os conflitos culturais entre pais e filhos são mais prováveis de ocorrer, e qual curso os conflitos tomam quando um ou outro tipo está envolvido? Tal inquérito obviamente deve levar em consideração não apenas [1] a situação na qual os conflitos surgem, mas também [2] o tipo de individuo que os pais e a criança, que são as partes imediatas no conflito, são. (Wirth 1925a, pp.100-1, tradução e enumeração minhas)

Percebe-se, então, que o foco do autor não estava simplesmente em classificar os tipos de comportamento e de personalidade entre os judeus, mas também em identificar sua relação com os conflitos culturais, no sentido de identificar se há tipos e situações específicos em que os conflitos culturais são mais ou menos propícios.

As situações nas quais os conflitos surgem dizem respeito às transformações nos *mores* do grupo que o processo de assimilação coloca. Wirth concentra-se nas transformações de *mores* de dieta, vestimenta, educação e vocação, atitudes, ideais e organização de vida. Lembra Wirth que os judeus nas cidades modernas não estão isolados geograficamente como estavam no gueto medieval, entretanto, persistem isolados intelectual e socialmente, constituindo um grupo altamente fechado e pouco receptivo a influências ou a membros externos e com fortes sentimentos de família e solidariedade. Esses *mores* dizem respeito aos comportamentos mais específicos dos judeus ortodoxos – como a frequência a sinagoga, a conversa em dialeto próprio, o consumo de comida *kosher*, o uso de barba e casaco longos, a observância aos rituais diários e ao *shabbat* etc. – que os caracterizam enquanto grupo. Alguns deles, como no caso dos *mores* de dieta e vestimenta, são regulados por leis religiosas fortemente estabelecidas que persistem mesmo em muitas famílias de judeus reformados.

Mas, de uma maneira geral, referem-se à organização de vida mais geral que circunscreve o indivíduo no grupo. Nesse sentido, representam os valores e os ideais do grupo expressos, principalmente, na socialização das crianças pela determinação de sua educação e vocação, de suas associações com outras crianças, de seus casamentos, de suas perspectivas de vida, de seus ideais e de seus preconceitos.

Dos relatos de conflitos referentes a esses comportamentos, Wirth identificou oito tipos de personalidades que podem ser consideradas tanto para pais quanto para filhos. São eles: [1] *standpat* ou conservador, [2] rebelde, [3] *drifter*, [4] *climber*, [5] emancipado, [6] romântico, [7] intelectual e [8] prático.

Segundo Wirth, os tipos 1 e 2, o *standpat* e o rebelde, constituem os tipos de personalidade extremas e opostas entre as quais se posicionam os seis tipos restantes. Esses são únicos tipos que Wirth não elabora conceitualmente, apenas os descrevem ao citar um relato de conflito entre pais e filhos que representariam, respectivamente, cada um dos tipos:

> No exemplo a seguir nos temos o que pode ser descrito como um **conservador**, um pai ortodoxo representante do **tipo *standpat***[39] que é mesmo incapaz de entender que, diante da tentativa diabólica de seus filhos em testar sua devoção religiosa, é seu dever como um judeu piedoso reprimi-los com mão firme. [...] Em oposição a esse tipo *standpat* de pai, nós termos três tipos de crianças, o mais velho do **tipo rebelde**[40], para quem as restrições impostas de fora são vistas como exageradas e opressivas, e que responde com desobediência as regras e afirmação de seus próprios desejos sem se preocupar com as consequências. Para esse tipo de pessoas, o código social do grupo dominante perdeu seu significado sentimental e em oposição ele definiu normas próprias ou as de um grupo ao qual é leal. Compromissos com ele estão fora de questão e medidas disciplinares resultarão formas extremas de conduta. (Wirth 1925a, pp. 101-3, tradução minha)

É possível compreender que Wirth não se preocupou em definir os tipos porque não os utiliza de modo distinto do que seria o uso corrente dos termos: o *standpat* ou conservador corresponde ao indivíduo arraigado à tradição, avesso à mudança e inflexível a menor desobediência aos costumes; o rebelde, em contra partida, corresponde aquele que não apenas desobedece ou ignora a tradição, mas também a considera opressiva, não a reconhece como válida e, por vezes, a afronta.

Esses dois tipos são retirados daquele que parece ser o típico conflito cultural da família de imigrantes para Wirth, qual seja: o embate entre a manutenção dos costumes e valores do Velho Mundo contra a aderência aos valores e costumes da sociedade norte-americana. Entretanto, parece-nos que Wirth entende que a relação entre pais e filhos

---

[39] A tradução mais corrente para o termo *standpat* é conservador. Entretanto, como o autor também utiliza o termo *conservative* pareceu-nos necessário fazer a distinção, que parece-nos estar associada a ideia de imobilismo, resistência e inflexibilidade. Como não ficou de todo claro, optamos por manter o termo original.

[40] Os outros dois tipos representados pelos filhos nesse caso em questão são aqueles que Wirth desenvolveu na sequência: o *drifter* e o *climber*.

imigrantes é mais complexa que a relação maniqueísta que esse exemplo típico de conflito, com seus tipos sociais opostos, pode sugerir. Daí a abordagem e elaboração dos demais tipos que se posicionariam entre esses extremos.

Tipo 3: o *drifter*, que poderia ser traduzido por andarilho ou errante, corresponde a pessoa que geralmente se conforma a situação ou ao momento com os preceitos do grupo dominante. Ou seja, é o tipo que sabe mobilizar os comportamentos e ações esperadas para cada situação e para cada grupo ao qual pertence. Segundo Wirth, seria o filisteu nos termos de Thomas, "mas sua filiação ao grupo não é estável e sua lealdade à tradição não é muito forte. Ele segue suas próprias inclinações até um ponto considerável e quando confrontado por uma crise, segue o caminho de menor resistência" (Wirth 1925a, p. 105, tradução minha). Ou seja, "ele move-se com o grupo enquanto a irritação não for muito grande" (ibid., p. 107, tradução minha). Ao comentar um tipo *drifter* real, um dos irmãos do tipo rebelde do citado caso acima, Wirth o caracteriza como um garoto que não possui forte lealdade ou convicção a qualquer grupo, por isso, também não evidencia conflito com nenhum dos grupos ao que pertence, ao menos que diante de uma crise de tremendo impacto.

Tipo 4: o *climber*, que poderia ser traduzido por escalador, alpinista ou emergente, corresponde a pessoa cuja "característica principal é o desejo por superar o status de sua família e ganhar status no grupo mais amplo" (ibid., p. 107, tradução minha), geralmente representado pelo círculo de amigos ou pelo grupo escolar. Em geral, comporta-se como um não conformista dentro de um grupo social – normalmente, o seu grupo de origem – e como um ultraconformista noutro grupo – o grupo no qual ele espera ganhar status[41], que no caso do imigrante pode ser tanto a sociedade nativa mais ampla (a americana, no caso) quanto o grupo de imigrantes mais assimilados. Assim como o rebelde, o *climber* é um tipo de personalidade não conformista.

Tipo 5: o emancipado corresponde a pessoa que

> "se comporta como se o código do grupo não se aplicasse a ele. Ele atingiu um estágio no qual ele se concebe como um indivíduo e é capaz de refletir sobre o código do grupo. Dessa racionalização consciente dos *mores* do grupo desenvolve um tipo de comportamento que está livre do sentimento tradicional que adere aos valores do grupo. Esse indivíduo vive fora do mundo social de seu grupo. Ele é singularmente livre dos controles do grupo primário que governa os outros membros" (Wirth 1925a, p. 110, tradução minha).

[41] No texto original da dissertação de Wirth, essa assertiva aparece como referente ao *drifter*. Entretanto, nos parece claramente um erro de grafia do autor, tendo em vista que já havia concluído a discussão sobre o tipo *drifter* e que a assertiva constitui-se num comentário a uma citação descrita pelo autor como exemplo de conflito entre um pai de tipo *climber* e um filho de tipo conservador.

Apesar de não seguir a tradição do grupo, Wirth não considera o emancipado um tipo de personalidade não conformista, pois ele se desvincula das tradições e costumes do seu grupo de origem sem necessariamente buscar ou aderir aos costumes e valores de outro grupo. Nesse sentido, "a ênfase na pessoa emancipada não é nas ligações e lealdades positivas de grupo que ele forma, mas mais propriamente no aspecto negativo – seu isolamento das influências de grupo, seu esforço consciente por liberdade do controle do grupo" (Wirth 1925a, p.111, tradução minha). Segundo Wirth, o tipo emancipado é essencialmente o boêmio tal como identificado por Thomas em *The Polish Peasant*. Entretanto, relativiza os tipos de Thomas: lembra que uma pessoa pode ser um boêmio em um grupo e um filisteu em outro.

Wirth relativizou os tipos de personalidade que identificou em pelo menos três momentos: o primeiro com relação ao tipo *climber*, o comentário aos tipos de Thomas é o segundo e o terceiro, ao comparar os tipos romântico e intelectual. Essa relatividade diz a respeito ao fato de que os tipos devem ser pensados de acordo com as relações que o indivíduo estabelece com cada grupo a que pertence ou almeja pertencer; de modo que pode representar um tipo de personalidade em um grupo e outra em outro. Ainda que não faça essa discussão, é possível afirmar que Wirth pensa esses tipos de personalidades tal como propôs Thomas e Znaniecki; ou seja, como tipos ideais, ou seja, que não podem ser encontrados como formas puras na realidade social, porque nenhum indivíduo realiza qualquer uma dessas formas completa e absolutamente:

> Não há filisteu que careça completamente de tendências boêmias, nenhum boêmio que não seja um filisteu em certos aspectos, nenhum criativo que seja completa e exclusivamente criativo e não precise de alguma rotina filisteia em alguma direção para tornar a criação em outras praticamente possível, e alguma boêmia a fim de ser capaz de rejeitar ocasionalmente as atitudes fixas e as regulamentações sociais que impedem seu progresso, mesmo se ele estiver incapacitado no momento de substituir por essas qualquer organização positiva na direção dada. (Thomas & Znaniecki 1918-20, vol. III, p.30, tradução minha)[42]

Tipo 6: o romântico corresponde a pessoa na qual "se encontra forte adesão as tradições do grupo", porém, tal como "o individuo as concebe"; porque "ele aprecia o sentimento mais que a forma, entretanto, percebe-se em conflito quando uma situação o faz perceber que sua concepção do código social é inconsistente com a do resto do grupo" (Wirth 1925a, p. 112).

---

[42] A tradução parece um pouco confusa porque o original também o é: "there is no Philistine who lacks completely Bohemian tendencies, no Bohemian who is not a Philistine in certain respects, no creative man who is fully and exclusively creative and does not need some Philistine routine in certain lines to make creation in other lines practically possible, and some Bohemianism in order to be able to reject occasionally such fixed attitudes and social regulations as hinder his progress, even if he should be unable at the time to substitute for them any positive organization in the given line" (Thomas & Znaniecki 1918-20, vol. III, p.30).

Tipo 7: o intelectual é um tipo parecido com o anterior, entretanto, “enquanto para o indivíduo romântico os valores sentimentais das tradições é da maior importância, o intelectual é impressionado com a racionalidade. a consistência lógica e o propósito das tradições e do código ao qual ele adere” (Wirth 1925a, pp. 112-3, tradução minha). A maneira como Wirth expõe e comenta os conflitos relacionados a esse tipo de personalidade faz parecer que o principal para esse tipo de personalidade é a valorização da educação ou da intelectualidade pelos próprios valores do grupo ou acima deles. Ou seja, não se trata de uma pessoa cuja adesão ao grupo é racionalizada (esse seria, talvez, o emancipado ou o prático), mas para quem a racionalidade e a intelectualidade são valores. A recorrência desse tipo entre os judeus deve-se a importância que a intelectualidade e a educação desempenham entre o grupo. Essa importância se dá tanto em termos do ensino ou treinamento religioso – como já foi colocado anteriormente – quanto do ensino formal da sociedade mais ampla – daí, por exemplo, a alta proporção de estudantes judeus em instituições de ensino superior onde são permitidos. Entretanto, nem sempre essa importância é satisfatoriamente passada de geração a geração e, aí, há a possibilidade de surgir conflitos. De acordo com os relatos citados por Wirth, os conflitos que envolvem esse tipo de personalidade estão em geral relacionados às expectativas dos pais com relação à educação dos filhos, não apenas pela realização de um valor cultural, mas também porque esperam que seus filhos consigam capitalizar sua educação em negócios e/ou oportunidades de trabalho ou compensar as perdas e frustrações da vida da família na América pela conquista do status antes desfrutado no Velho Mundo.

Tipo 8: o prático corresponde a pessoa cuja

> “característica essencial é a tendência a seguir o meio termo em face do conflito e a elaborar uma solução ou compromisso que irá de alguma forma reconciliar os elementos conflitantes no mundo social em que eles se movimentam. Nesse tipo de pessoa um conflito geralmente resultará numa acomodação, porque essa pessoa despoja as tradições de parte de seus sentimentos e constrói um padrão racional de comportamento que é apropriado a situação imediata. Numa crise esse tipo definirá a situação em termos que são praticáveis” (Wirth 1925a, p.117, tradução minha).

Ainda que o autor assuma que os tipos se referem tanto a pais quanto filhos, o conjunto de relatos apresentados revela uma predominância de pais conservadores em conflito com filhos dos demais tipos de personalidade. O autor chega a transcrever relatos de situações diversas: um filho de personalidade conservadora contra um pai rebelde, um pai *climber* contra um filho conservador; mas o próprio assume que essas são situações mais raras dentro de sua amostra de casos e, provavelmente, no grupo como um todo.

De qualquer modo, independente de qual tipo de personalidade se mostra mais frequente entre pais ou filhos, o principal que Wirth parecia querer demonstrar era que os

conflitos culturais emergem nas situações em que pais e filhos representam personalidades distantes e também conflitantes. Dado que, como sugere o autor, os tipos levantados podem ser posicionados entre dois tipos extremos: conservador X rebelde; se uma vez organizados gradualmente, poderia-se inferir que os conflitos culturais seriam mais intensos quanto mais distantes forem os tipos de personalidades envolvidos; e, mais amenos e contornáveis quanto mais próximos forem os tipos representados por pais e filhos.

Pode-se dizer que a tipologia que o autor elaborou nesse momento não era de tipos de personalidade específicos de imigrantes judeus, mas de tipos de personalidade de pais e filhos encontrados entre os imigrantes que compões seu objeto de estudo. Trata-se, portanto, de uma tipologia mais geral, bem aos moldes das formuladas por Thomas e Znaniecki, em *The Polish Peasant*, e, mais uma vez, não necessariamente restrita ao grupo de imigrantes judeus, ou mesmo a grupos de imigrantes. Essa é uma formulação diferente, como veremos, da tipologia que identificou em *The Ghetto*.

Conflito cultural, delinquência e seu tratamento

Como já colocamos anteriormente, com a discussão desses tipos específicos de conflitos culturais no interior de famílias de imigrantes judeus ortodoxos, Wirth tinha como objetivo contribuir para o entendimento do crime e da delinquência entre os imigrantes, dado que esses eram comumente considerados um problema típico das grandes cidades americanas modernas. Conforme apresentado por documentos oficiais do governo norte-americano de 1910, com base em estatísticas de 1908 e 1909, esse não podia ser entendido como um fenômeno social único, o caráter da criminalidade se diferencia entre as gerações. No caso da segunda geração:

> [...] essa diferença é muito mais frequente no sentido de aproximar-se da criminalidade típica da descendência nascida na América ou não imigrante do que no sentido oposto. Isso significa que o movimento de crime na segunda geração se distancia dos crimes peculiares a imigrantes, aproximando-se daqueles peculiares ao americano de descendência nativa. Algumas vezes, esse movimento tem levado a criminalidade da segunda geração ainda além da dos nativos de descendência nativa. (*Reports of the United States Immigration Commission* apud Park 1925 in Velho 1967, p. 55)

Para Wirth, há diferentes fatores que explicam isso.

Como sugeriu Park (1915 e 1925), um fator para a criminalidade na segunda geração poderia ser a influência dos *mores* do lar. Entretanto, para Wirth, isso só parece significativo para os grupos de imigrantes cujos *mores* divergem das leis e regulamentações formais da sociedade norte-americana. O que não acontece no caso específico dos imigrantes judeus ortodoxos, exceto na relação com os funcionários da lei – policiais e juízes de cortes e

tribunais – que a primeira geração tende a entendê-la tal como no Velho Mundo onde os agentes da lei eram também organizadores e executores de perseguições e massacres (*pogroms*) contra os judeus. Entre os casos com os quais teve contato, Wirth encontrou relatos de delinquências dos filhos, a segunda geração, inspirados e/ou associados às transgressões dos pais, a primeira geração. Essas se concentravam na já mencionada relação com a policia e oficiais de justiça e em transgressões relacionadas a negócios e comércio, dado o envolvimento dos judeus no ramo.

Entretanto, para o autor, o fator principal parecia ser mesmo aquele que desenvolveu em toda a dissertação: os conflitos culturais originados da divergência na realização do processo de assimilação entre as gerações de imigrantes. Uma vez que no isolamento ao qual colônias de imigrantes estão organizadas nas grandes cidades é possível viver num mundo social mais próximo ao Velho Mundo que ao Novo, a primeira geração tende a apenas se acomodar à sociedade americana. À segunda geração, dado que rompe com o isolamento da colônia pela frequência a escola regular e pelos grupos de imigrantes, abre-se a possibilidade da assimilação, caracterizada pelos movimentos concomitantes de conflito e afastamento da cultura da comunidade de origem e aproximação com a cultura norte-americana, inclusive no que diz respeito à criminalidade. A alta frequência da criminalidade na segunda geração especificamente se explicaria pelo fato de que, nesse movimento de assimilação, essa geração passa a viver num ambiente social duplo, não estando absolutamente submetida aos controles e as sanções de nenhum deles, e em constante possibilidade de confusão e conflito, em especial, com seu grupo de origem, dado que a integração a nova sociedade tende a ser almejada.

Alguns dos elementos que evidenciam isso é a frequência na segunda geração de fugas de casa e associação a gangues. Para Wirth, a compreensão real da relação desses elementos com altas taxas de criminalidade entre a segunda geração de imigrantes demandaria maiores estudos. Entretanto, parte dessa relação pode ser inferida na medida em que ambos se relacionam com os conflitos culturais vividos na família de imigrantes. As fugas de casa são um dos métodos que os filhos com frequência empregam para solucionar os conflitos com os pais e, portanto, sugere Wirth, são evidências da concretização do processo de desorganização pessoal. A associação a gangues torna-se mais clara se entendermos que essas também configuram grupos com relações primárias e que, em geral, tendem a tomar o papel da família quando nessas os filhos passam a estabelecer relações secundárias devido ao distanciamento e aos conflitos culturais.

Com isso, Wirth corrobora com o alerta de Park contra aqueles que supõem "que o motivo do rápido aumento do crime em nossas grandes cidades é devido ao fato de que o elemento estrangeiro da nossa população não tenha conseguido assimilar a cultura americana nem se conformar aos *mores* americanos" (Park 1925 in Velho 1967, p. 55), ou seja, devido ao fato de que os imigrantes não estão sendo americanizados suficientemente rápido. A argumentação de Wirth vai exatamente na direção contrária disso. Uma vez que inclui dissolução dos velhos *mores* do imigrante, a americanização abala o controle social do grupo imigrante sobre seus próprios membros, em especial os mais novos. Assim, abre espaço para os conflitos no interior da família que podem resultar na desorganização social e/ou pessoal e, consequentemente, em crime e delinquência. Desse modo, especialmente no que diz respeito à segunda geração de imigrantes, a rápida americanização é antes uma das causas que a solução para a questão da criminalidade nas grandes cidades.

Wirth conclui sua dissertação com uma reflexão sobre como ela poderia contribuir para os métodos de tratamento da delinquência. Essa preocupação possivelmente se deve ao fato de, como já foi colocado, os dados que utilizou serem oriundos de sua experiência como assistente social, na qual lidou com casos de delinquência juvenil.

Nesse sentido, Wirth entende que sua principal contribuição é de revelar os conflitos culturais no interior da família, seja ela de imigrantes, seja nativa, como um fator importante na conduta do delinquente. Para o autor, é fato que em todos os casos de delinquência é sempre possível encontrar algum elemento de padrões conflitantes de comportamento de divergentes grupos culturais. Assim, sem ignorar a influência de outros fatores, Wirth propõe que o conflito cultural seja entendido como um dispositivo de análise e de diagnóstico a ser empregado no tratamento da delinquência.

A definição de medidas terapêuticas especificas demanda, para o autor, maiores estudos, em especial de caráter comparativo com outros grupos culturais. Nesse momento, o autor apenas adianta que cada caso de conflito cultural deve ser tratado individualmente, tendo em vista que diferentes formas de intervenção sobre ele são possíveis e/ou necessárias:

> Há ocasiões nas quais ou a criança ou o pai pode estar consciente da existência do conflito e, assim, ser ajudado na resolução disso. Em outros casos, um *modus vivendi* pode ser trabalhado entre pais e filhos, com cada um abrindo mão de algo para a manutenção da solidariedade do grupo. Em outros casos, mudanças de vizinhança podem influenciar na diminuição de conflitos por colocar a família em contato com uma comunidade local mais apropriada que a que se tinha. Várias agências, como as escolas, a igreja, as agências sociais, as cortes, os centros comunitários, podem fazer muito para reduzir as chances de conflito ao tornar possível os ajustes na taxa diferencial de assimilação existente entre pais e filhos. (Wirth 1925a, p. 128, tradução minha)

Wirth salientou, no entanto, que não se deve esperar que a intervenção terapêutica resolva a questão dos conflitos culturais em definitivo, nem mesmo em sua totalidade. Os conflitos culturais são possíveis sempre que o contato e a interação entre diferentes grupos culturais se realizam. Nesse sentido, fazem parte da própria dinâmica social, em especial, na cidade grande moderna, marcada pela heterogeneidade e pela mobilidade[43].

Conforme indicamos inicialmente, Wirth apresentou sua dissertação com um objetivo duplo: compreender os conflitos culturais nas famílias de imigrantes e entender sua relação com o fenômeno da criminalidade e da delinquência juvenil. A nosso ver, entretanto, o autor alcançou o primeiro desses objetivos mais satisfatoriamente que o segundo. O principal mérito de sua dissertação parece-nos o fato de que nela conseguiu identificar os principais elementos envolvidos nos conflitos culturais, tanto em termos gerais quanto específicos, ou em termos tanto de relações entre grupos diferentes quanto dentro de um mesmo grupo.

Em termos mais gerais, Wirth entendeu os conflitos culturais como parte integrante da dinâmica social de contato e de interação entre grupos culturais diferentes. Para tanto, a cidade parece ser seu palco privilegiado e as relações entre os grupos de imigrantes e a população nativa, seu principal exemplo. Entretanto, o autor salienta que famílias, grupos de amizades, gangues etc. também podem ser entendidos como grupos culturais específicos, de modo que é possível identificar num mesmo grupo, aparentemente homogêneo, correntes culturais divergentes, e por vezes, conflitantes. Isso o leva a uma discussão mais específica, sobre os conflitos culturais no âmbito de um mesmo grupo, no caso, os imigrantes judeus ortodoxos. Ao interpretar os casos reais de conflitos desse grupo de imigrantes, Wirth demonstrou como eles são influenciados pelo processo de assimilação que transfere para o interior do grupo e das famílias os conflitos que aparentemente estavam restritos a sua relação mais ampla com a população nativa.

A partir disso, o autor sugeriu a relação entre os conflitos culturais e a criminalidade e a delinquência juvenil pelas ideias de enfraquecimento do controle social da família e do grupo sobre seus membros e de desorganização social, do grupo e do indivíduo. Entretanto, na dissertação, essa relação permaneceu como uma sugestão, muito dela se infere da discussão anterior do autor.

---

[43] Esses são elementos característicos da cidade grande que já faziam parte da discussão proposta por Park e Burgess, mas que, mais tarde, Wirth enfatizaria em seu famoso artigo de 1938, “O urbanismo como modo de vida”.

A formalização dessa relação, Wirth elaborou um pouco mais tarde, num artigo que publicado em 1931, sob o título de "Culture conflict and misconduct"[44], no qual sintetizou as discussões que realizou em sua dissertação de forma mais amadurecida e buscando generalizá-las[45].

"Culture conflict and Delinquency" (1931)

Nesse artigo, definiu os conflitos culturais como "uma das explicações causais" (Wirth 1931c, p. 485) para os fenômenos da criminalidade e da delinquência, especialmente em sete tipos de situações:

[1] quando o indivíduo pertence a grupo cuja cultura sanciona uma conduta que viola os *mores* ou a lei da de outro grupo ao qual ele também pertence;

[2] quando o indivíduo pertence a um grupo no qual certas formas de conduta se diferenciam das da sociedade dominante em termos de significado e de valores enfatizados;

[3] quando o indivíduo pertence a um grupo cuja organização está em conflito com a da sociedade mais ampla, da qual o indivíduo pode se sentir rejeitado; para o autor, esse é o caso que representa as gangues;

[4] quando o indivíduo pertence a um grupo que é produto de combinações culturais diferentes, como no caso de famílias de casamentos mistos entre diferentes religiões ou raças;

[5] quando o indivíduo pertence a um grupo no qual se sente insatisfeito ou estigmatizado, mas não tem meios de escapar do grupo ou se integrar em outro que considera superior;

---

[44] Esse artigo foi publicado na revista *Social Forces*, como parte de uma seção intitulada "Culture Conflict and Delinquency", que incluía além do texto de Wirth, dois comentários a ele, elaborados por Floyd Henry Allport, professor na área de psicologia da *Syracuse University*, e Wingate Todd, professor na área de anatomia da *Western Reserve University*. A escolha dos comentadores parece não ter sido arbitrária. Há em sua discussão um esforço, indicado logo no começo do artigo, de se inserir no debate mais amplo da criminologia, concorrendo com as explicações médicas, biológicas, psicológicas e antropológicas que, segundo o autor, atrapalhadamente, a compõe.

Dos textos que publicou após sua dissertação que tivemos contato, esse artigo é o único momento no qual o autor volta a discutir especificamente os temas dos conflitos culturais e da delinquência juvenil. Noutros textos de discussão sobre o imigrante, ele volta a citar esses temas, entretanto, já não mais os elaborando ou discutindo, mas apenas reforçando as ideias que apresentou ou na dissertação ou nesse artigo.

[45] Conforme indicou na introdução de sua dissertação, seguindo os passos de Thomas e Znaniecki, essa generalização só poderia ser validada pela comparação com outros estudos de casos; o que, empiricamente, o autor não realizou. Ele certamente tomou contato com outros estudos realizados na época no departamento de Sociologia de Chicago, que corroboraram com as conclusões que alcançou. Isso provavelmente lhe suportou as generalizações presentes no artigo. O problemático, entretanto, é que, para além de *The Polish Peasant*, sua grande inspiração, o autor não cita qualquer outro estudo em seu texto.

[6] numa sociedade na qual as leis estão em divergência com a tradição; indica o autor, como exemplo, as sociedades onde o álcool é sancionado pela tradição e proibido pela lei;

[7] quando a vida social é muito móvel, a cultura está num estado de mudanças e a estrutura social que normalmente suporta o indivíduo em sua conduta se desintegra ou deixa de funcionar; essa é para Wirth a situação das áreas da cidade onde não há vida familiar ou de comunidade organizada. (Wirth 1931c, pp. 491-2)[46]

A argumentação com a qual Wirth propôs essa relação causal entre os conflitos culturais e os fenômenos da delinquência e da criminalidade, nessas situações, deu-se, primeiramente, pelo esclarecimento de como esses últimos devem ser entendidos:

> Quaisquer diferenças de opinião que podem existir entre nossas escolas contemporâneas do pensamento sociológico, há uma proposição na qual todos concordariam, a saber, que a conduta humana apresenta um problema somente quando envolve um desvio do código dominante ou da definição geralmente predominante numa dada cultura, isto é, quando uma dada sociedade a considera como um problema. (Wirth 1931c, pp485-6, tradução minha)

Crime e delinquência referem-se, portanto, para o autor, a comportamentos desviantes do padrão esperado numa dada sociedade[47]. Nesse sentido, a identificação do que são comportamentos normais e, consequentemente, desviantes são valores sociais que mudam de grupo para grupo[48]. Entretanto, a ideia de comportamentos desviantes é bem mais ampla que a de crime e delinquência. Esses, mais que definidos pelo critério do conjunto de comportamentos esperados por um grupo, que nas sociedades modernas dificilmente é homogêneo, são definidos pelo critério de um código formalizado que são as leis. Essas

---

[46] A tradução não é literal e alterei a ordem das situações apresentadas pelo autor (pela minha numeração, corresponde a seguinte ordem: 1, 2, 3, 6, 7, 4 e 5) de forma a juntar as situações referentes ao estado ou pertencimento do indivíduo e separá-las das situações referentes a grupo ou contexto social.

[47] Isso parece-nos explicar também porque Wirth utiliza os termos “crime”, “delinquência”, “má-conduta”, “desordem”, “conduta imprópria”, basicamente como sinônimos. Há uma distinção, que reproduzimos, de preferência de uso do termo “crime” para se referir a primeira geração de imigrantes e, “delinquência”, para a segunda geração. Mas o autor, em nenhum momento se preocupa em diferenciar os termos. Há apenas menção à distinção em termos de legislação na definição de delinquência e crime. Mas, na maior parte do texto, o autor utiliza os termos como sinônimos.

[48] Em outro artigo, publicado no mesmo ano, um mês depois, Wirth apresentou essa questão em termos ainda mais claros: “Um fato que é frequentemente menosprezado é que os problemas de comportamento das crianças são problemas apenas porque a criança vive em uma família, vai a uma escola, ou é um membro de uma comunidade que considera esse comportamento como um problema. Seu comportamento é reconhecido como um problema apenas porque toma lugar numa cultura que deu à ação dos indivíduos a marca de suas definições de conduta. Ser preguiçoso não é um grande problema em uma criança se essa criança é membro de uma família que espera nenhum trabalho dela, ser ‘enjoado’[*finnicky*] quanto à comida raramente é um problema em crianças que vêm de famílias nas quais o alimento é escasso. Mesmo roubar não é um problema em uma criança que vive em uma família de ladrões, embora a comunidade possa considerá-la como tal. Poderia-se até ir mais longe para dizer, como a experiência prática parece demonstrar, que não ser inteligente não é um desastre irreparável em uma criança que nasce em uma família de riqueza. Problemas de comportamento acabam por ser aquelas formas de comportamento que a própria pessoa ou outras pessoas com quem ela entra em contato consideram como problemas” (Wirth 1931d, p. 60, tradução minha).

também devem ser entendidas como um valor cultural, porque muitas vezes expressam apenas os interesses e convenções de grupos específicos de uma sociedade:

> Somente quando entendermos que a própria lei – mesmo que de forma extremamente arbitrária – é uma expressão dos desejos de um grupo social, e que não está infalivelmente e permanentemente de acordo com as necessidades e definições culturais de todos os grupos culturais a quem busca retrair, nós poderemos começar a entender por que de fato o crime existe. (Wirth 1931c, p. 486, tradução minha)

A partir dessa definição do crime e da delinquência como comportamentos entendidos como desviantes por um grupo cultural especifico, Wirth estabeleceu uma relação mais geral entre esses fenômenos e os conflitos culturais. Dado que um mesmo comportamento pode ser entendido como crime em um grupo cultural e como heroísmo noutro, o crime e a delinquência podem ser eles próprios entendidos como um tipo de conflito cultural.

Para o autor, essa relação esclarece muito da criminalidade e da delinquência dos imigrantes nas grandes cidades americanas; em especial, entre a primeira geração que tende a manter os comportamentos e valores culturais que trouxeram do Velho Mundo, mas que podem ser entendidos no Novo Mundo como má-conduta e como crime. Entre a segunda geração de imigrantes, ela esclarece a delinquência associada a gangues, porque essas também são grupos com códigos culturais e de comportamento específicos, ainda que, assumidamente desviantes e em conflito com os da sociedade mais ampla:

> Quando uma comunidade, uma família ou uma gangue adquire tradições de delinquência elas servem como um código para o indivíduo da mesma forma que tradições religiosas ou políticas exercem uma influência controladora. A lealdade de uma pessoa a sua gangue pode ser responsável por seu mau comportamento em sua família e por sua delinquência na comunidade. O suporte de uma gangue torna mais fácil para o individuo enfrentar situações de conflito cultural com uma forma delinquente de comportamento, pois a gangue é essencialmente um grupo de conflito e tende a sancionar um modo delinquente de conduta em contraste com as normas da sociedade representadas pela lei e pela polícia. Se negligenciarmos que a gangue possui um código moral próprio – apesar de poder parecer imoral para o restante de nós – nos não poderemos entender a solidariedade, a coragem e o autossacrifício dos quais os gangters são capazes. (Wirth 131c, p. 489)[49]

Entretanto, isso não explica (1) por que a segunda geração de imigrantes se associa a gangues, nem (2) por que, comparativamente a primeira geração, se envolvem mais com criminalidade e delinquência, nem (3) por que os tipos de crimes a ela associados estão mais próximos aos da população nativa que aos da primeira geração. As respostas a essas questões estão numa relação mais específica que Wirth estabeleceu: a de que os conflitos culturais desorganizam a vida social do grupo, da família e, consequentemente, do indivíduo, causando assim seu comportamento desviante e seu envolvimento com o crime e a delinquência.

---

[49] Nessa discussão, ainda que sem citar, Wirth certamente apresentou os argumentos desenvolvidos por Edwin H. Sutherland, em *Criminology* (1924), e por Frederic Milton Thrasher, em *The Gang: a study of 1313 gangs in Chicago* (1927).

Isso acontece na segunda geração de imigrantes, porque ela é um grupo que vive um mundo cultural dual: o do Velho Mundo com sua família na comunidade de imigrantes e o do Novo Mundo com o grupo da escola, da vizinhança, de amizade e mesmo de gangue. Sua participação nesses grupos realiza sua aproximação social e cultural com a população nativa, inclusive em termos de crime e delinquência – o que explica a terceira questão acima colocada –, e possibilita sua assimilação. Ao mesmo tempo, tende a colocá-la em situações de conflitos com seu ambiente doméstico e da comunidade de imigrantes. Aqui, o autor repete a argumentação principal da dissertação sobre as diferenças no processo de assimilação entre as gerações de imigrantes, que caracterizam os conflitos culturais no interior do grupo e geram sua desorganização tanto em termos familiares, quanto comunitário.

Essa desorganização social das instituições do grupo é pensada em duas direções associadas: como perda do sentido de grupo primário e como enfraquecimento de seu controle social; que explicam, respectivamente, a primeira e a segunda questões acima colocadas. Assim, os conflitos culturais no ambiente familiar muitas vezes destituem a família de suas características e funções de grupo primário – isto é, de intimidade, conforto e status social. Entretanto, os indivíduos tendem a buscar esses tipos de relações primárias[50] em outros grupos; e a gangue é uma opção. Nesse processo, o controle social do grupo sobre o individuo se enfraquece; e, nem sempre, a associação a outro grupo é acompanhada pelo estabelecimento de padrões morais e controle social efetivo[51]. Essa nos parece ser a principal questão, para Wirth, associada à segunda geração de imigrantes, que explica seu alto envolvimento com a criminalidade e com a delinquência: apesar de associada a dois grupos culturais, daí a ideia de que vive num ambiente cultural dual, não se pode dizer que está completamente integrada a nenhum deles.[52] Entretanto, essa não é uma realidade restrita a segunda geração de imigrantes, nem aos imigrantes de uma maneira geral, ainda que, entre eles, ela talvez se mostre de maneira mais evidente e intensa. Ela perpassa a sociedade como um todo, não apenas porque podemos identificar em todo e qualquer grupo características

[50] Aqui, sem dúvida, a base da argumentação é a teoria dos desejos fundamentais desenvolvida por Thomas.

[51] Quanto a isso, a seguinte passagem do autor, na qual caracteriza a primeira geração de imigrantes, por comparação, nos parece reveladora: "o fato de o crime da segunda geração ser ainda mais corrente que o crime da primeira geração não parece difícil de entender quando notamos que o próprio imigrante, vivendo, como ele geralmente o faz, em colônias de imigrantes isoladas, mesmo que ele não tenha assimilado as normas do Novo Mundo, pelo menos está amparado e controlado pelas tradições do Velho Mundo, que são, em grande medida, reproduzidas na colônia de imigrantes, seja ela *Chinatown*, *Little Sicily* ou o gueto. Sob essas circunstâncias, independente de quão diferente a cultura nativa e do imigrante possa ser, a moral pessoal e o controle da comunidade são mantidos. Mas a segunda geração está diferentemente situada" (Wirth 1931c, p. 487, tradução minha).

[52] Essa discussão de Wirth, em especial pelo uso da ideia de "ambiente cultural dual" ressoa bastante a discussão de Park sobre o "homem marginal", cujo primeiro artigo data de 1928, e que mais tarde fora melhor desenvolvida por um de seus alunos Everett Stonequist. Wirth, entretanto, não faz menção a questão.

culturais especificas, que podem se colocar em conflito com outros; mas também pelas relações impessoais, transitórias e frouxas que caracterizam a vida na cidade. Se o crime está associado à desorganização pessoal e social, que por sua vez se vincula ao enfraquecimento do controle das relações primárias, Wirth lembra que a cidade é por excelência o espaço das relações secundárias.

Talvez, no intuito de evitar qualquer interpretação mais determinista que essa relação mais especifica pode sugerir, o autor conclui sua discussão com um alerta: ao mesmo tempo em que toda delinquência é causada ou envolve algum tipo de conflito cultural; o contrário não é sempre verdadeiro, nem todo conflito cultural resulta inevitavelmente em delinquência.

Dois elementos principais estão envolvidos nesse alerta. Um de prudência:

> Diante das séries imponentes de teorias explodidas [ou detalhadas; orig.: *exploded theories*] de criminalidade, a prudência dita que uma nova teoria evite o erro persistente de reivindicar aplicabilidade universal. Deve ser francamente declarado de início, portanto, que nem toda delinquência é explicada por conflito cultural e nem todas as experiências da vida e as relações sociais envolvem conflitos culturais. Mas, se os psicólogos sociais estão corretos, a vida mental consciente surge de situações de conflito. Ainda assim, seria um exagero falar do conflito como um princípio universal etiológico. Há tantos problemas significativos sobre os quais isso tem um suporte imediato que não é necessário exagerar a importância deste princípio para convencer os outros de sua utilidade. (Wirth 1931c, p. 484)

E outro, que sem dúvida é o mais central, de que os conflitos culturais representam crises na vida de um individuo ou grupo. As crises, tal como desenvolveu Thomas, ao mesmo tempo em que geram desorganização, urgem por reorganização ou reajustamento. O crime e a delinquência são expressões de dificuldade nesse processo ou uma forma própria de reorganização. Em outros termos, a delinquência e a criminalidade são uma das consequências possíveis dos conflitos culturais; mas, eles podem causar também outros tipos de fenômenos sociais. Nos próprios termos do autor:

> Não é o conflito cultural que faz o indivíduo um delinquente, mas a sua inabilidade em lidar com isso de uma forma socialmente aprovada. Há muitos caminhos abertos para uma pessoa nessa situação. [...] A delinquência representa apenas uma maneira em que o conflito pode ser expresso se não resolvido. Outros caminhos, dado um determinado tipo e situação, podem estar na direção da reflexão, fantasia, inquietação e suicídio. Uma terceira forma que esse aumento de autoconsciência pode adquirir é o esforço por parte do indivíduo em assegurar a aceitação dos seus valores culturais – independente de quão decepcionantes eles podem ser – pelos outros. Tal pessoa, longe de se tornar um criminoso, pode desenvolver-se num profeta, num reformista ou num líder político. (Wirth 1931c, p.491)

Conforme colocamos anteriormente, a dissertação de Wirth é um primeiro momento no qual o autor aborda as questões que mais especificamente nos interessa que são as relacionadas ao tema da imigração. Trata-se de um texto com limitações, inclusive por ser um dos primeiros trabalhos acadêmicos do autor, mas com a importância de já anunciar três

elementos importantes e constantes na carreira e na obra do autor como um todo. A saber: 1) a abordagem de problemas sociais, dado que o autor muito raramente concentra sua discussão em questões puramente científicas e/ou teóricas; 2) a consideração do problema em termos gerais e específicos e por elementos objetivos e subjetivos[53], por vezes, Wirth privilegia um pelo outro, mas os dois de uma maneira geral sempre estão presentes, isso se vê na dissertação, por exemplo, pela abordagem da delinquência não apenas como parte constituinte das transformações mais gerais trazidas pela sociedade moderna, mas também no âmbito da reorganização da vida familiar do imigrante; e 3) todos esses problemas são abordados visando uma possível atuação ou intervenção social.

[53] Ou, em termos mais recentes, poderíamos dizer que se trata de aspectos de micro e macro sociologia.

Capitulo 3

O Serviço Social e a Sociologia nos EUA

A discussão sobre a dissertação de Wirth possibilita alguns comentários sobre a relação entre o serviço social – ou trabalho social ou assistência social ou, como preferem alguns autores, entre eles Thomas e Znaniecki, sociologia prática[54] – e a institucionalização da Sociologia nos EUA, no início do século passado. Esse é um tema que tem enfrentado releituras, como é possível constatar em Patricia Lengermann & Gillian Niebrugge 2002 e 2007 e Pierre Lannoy 2004, no sentido de acusar que a importância do serviço social foi negligenciada pelos sociólogos e historiadores da sociologia norte-americana.

A dissertação de Wirth parece-nos agregar algumas questões com relação a isso, não apenas pelo fato de ela ser em parte resultado da experiência profissional do autor no serviço social, como também pelo reconhecimento que o autor dá, em várias passagens do seu texto, ao trabalho e aos resultados alcançados pelas agências e assistentes sociais, e, especialmente, por sua preocupação final em discutir os resultados de sua dissertação tendo em vista a atuação do assistente social (o que ele chama de possíveis medidas terapêuticas).

Nesse sentido, a dissertação de Wirth parece-nos corroborar com o argumento de Lengermann & Niebrugge 2007 de que

> sociologia e serviço social começaram não como campos distintos mas como parte de um impulso geral para a ciência social que emergiu a partir do ativismo da reforma de meados do século XIX. O que hoje assumimos como a divisão "natural" da ciência social em distintas disciplinas, incluindo sociologia e serviço social, foi o desenvolvimento ao longo de uma década daquele impulso original. Os campos emergentes da sociologia e do serviço social continuaram a retirar energia do ativismo da reforma por meio do Movimento Progressista do início do século XX, particularmente, quando esse movimento se expressou nos centros de assistência social [*social settlements*]. Ambos os campos, ao mesmo tempo em que sentiam a contrapressão para se "profissionalizarem", uma pressão que cresceu com industrialização e urbanização nos EUA e com o sistema universitário moderno. Em resposta a essa pressão, cada disciplina definiu-se em parte distinguindo-se da outra, enquanto cada uma em vários momentos tentou estreitar as relações com a outra. Esta história é uma soma das ações de indivíduos que frequentemente tinham fidelidades com ambos os campos e visões conflitantes sobre como os campos deveriam se relacionar. (Lengermann & Niebrugge 2007, p.63, tradução minha)

Ou, em termos mais resumidos, de que "a criatividade extraordinária" dos autores de Chicago "emergiram de um contexto no qual as práticas e entendimentos da sociologia dos centros de assistência social [*settlement sociology*] eram uma parte familiar do cenário

[54] Aqui, como a maior parte dos autores citados, vamos assumir esses termos como sinônimos e privilegiar o uso do termo "serviço social", que nos parece ser o mais generalizante. Sabemos que eles se referem a coisas relacionadas, porém distintas. Entretanto, nenhum dos autores citados se preocupa em fazer a distinção.

intelectual"; de modo que as práticas e formulações dos assistentes sociais também foram um elemento importante para o estabelecimento da tradição pragmática e reformista na Sociologia norte-americana, da qual a Escola de Chicago é sem dúvida um exemplo. (Lengermann & Niebrugge 2002, p. 19, tradução minha)

Entretanto, as autoras não veem nos discursos dos autores da Escola de Chicago, em especial Small, Park e Burgess, esse tipo de relação, que a dissertação de Wirth parece-nos sugerir.

As "narrativas" das relações entre o serviço social e a sociologia

Lengermann & Niebrugge (2007) argumentam que as interpretações sobre as relações entre a institucionalização da Sociologia nos EUA e o serviço social podem ser organizadas em três tipos de narrativas: a da história natural, a da história social e a da história crítica.

A narrativa da história natural corresponde à interpretação de que a sociologia e o serviço social possuem origens históricas distintas, desenvolvendo-se separadamente, cada um ao seu modo, com estágios e lógica próprios. A sociologia corresponde, assim, ao esforço teórico e intelectual, inicialmente, de filósofos sociais como Comte, Spencer e Ward, institucionalizado pelos hoje considerados autores clássicos europeus como Simmel, Durkheim e Weber. O serviço social, em contra partida, corresponde a uma preocupação inerente à história da humanidade que ganhou contornos mais formais a partir da administração pública inglesa com as *Poor Laws* do século XVI e posteriormente com o trabalho de intervenção na realidade social mais imediata de filantropos e agências sociais. Nos EUA, especificamente, as duas disciplinas se desenvolvem pela importação, cada uma a sua maneira, dessas preocupações.

Segundo as autoras, essa narrativa corresponde a uma

> "reconstrução ascendente do passado da sociologia, uma história que foi tão presumida que pode ser brevemente e esquematicamente descrita. Em certo grau, essa história serve como um contraste [*foil*] em nossa análise, uma base que as narrativas social e crítica de várias formas aumentam e corrigem. Mas a história natural não é uma ficção; ela reflete uma imagem de e uma aspiração para a sociologia que estava presente desde os primeiros discursos sobre as possibilidades desse campo" (Lengermann & Niebrugge 2007, p. 68, tradução minha)

Entre os sociólogos, as autoras identificam essa narrativa desde os pioneiros da sociologia norte-americana, como no ensaio "Fifty years of sociology um United States" de Albion Small (1916), passando pelo artigo "The interdependence of sociology and social work" de Burgess (1923b), chegando até recentemente em obras como *The Origins of American Social Science* de Dorothy Ross (1991). No serviço social, as autoras a

identificaram na obra *Social Work and the Training of the Social Workers*, de Sydnor Walker (1928), membro da fundação Rockefeller.

A narrativa da história social corresponde à interpretação que

> trata a relação entre sociologia e serviço social como uma construção social contínua, criada não pelo desenvolvimento autônomo de sistemas teóricos abstratos, mas pelas ações, relações, negociações e invenções associativas de atores sociais individuais em cenários sociais múltiplos, dos quais a academia é apenas um. (Lengermann & Niebrugge 2007, p.72, tradução minha).

Essa interpretação aparece nos discursos de historiadores, sociólogos e assistentes sociais. As autoras, entretanto, a reconstruíram pela obra do casal Luther e Jessie Bernard, de 1943, *The Origins of American Sociology*. A ideia central é de, nos EUA, entre aproximadamente 1865 e 1890, a sociologia e o serviço social tiveram início e desenvolvimento comuns, ligados em especial pelo *Social Science Movement*. Entre 1890 e 1921, trilharam caminhos distintos no sentido de profissionalização de cada carreira. Entretanto, sociólogos e assistentes sociais mantiveram-se conectados pela opinião pública – que não conseguia distingui-los de modo satisfatório, bem como os confundiam com socialistas – e, mais concretamente, por serem colegas de departamento, por dividirem temas de pesquisa e ofereceram cursos em temas comuns. Nesse período, ainda, muitos sociólogos foram fundadores ou administradores de programas de serviço social e criaram âmbitos de discussão e debate sobre a relação entre as duas disciplinas e carreiras. Ao mesmo tempo, havia uma constante sobreposição de participantes de eventos e membros entre a *American Sociological Society* e diversas organizações de serviço social. Em 1921, com a publicação de *Intruduction to the Science of Sociology*, Park e Burgess formalizaram uma distinção entre as duas áreas; e, nas décadas seguintes, consolidou-se a institucionalização de cada disciplina na academia, separando-as pela lógica interna de cada uma, por certo desdém de superioridade da sociologia e pela desilusão do serviço social com a abstração e teoria, que davam a essa separação um caráter de tensão entre o teórico e o prático, além de uma política de gênero que conotou a sociologia como uma ciência de homens e o serviço social, uma prática de mulheres.

Por fim, a narrativa da história crítica corresponde à interpretação que é produto dos movimentos sociais do último terço do século XX, que privilegiaram o ponto de vista de grupos esquecidos pela história "oficial"; nesse caso, as mulheres envolvidas com as *settlement houses*[55] – agências ou centros sociais, instalados em vizinhanças de populações carentes dos grandes centros urbanos, que ofereciam programas sociais, educacionais e

[55] Optamos por manter o termo no original em inglês por sua especificidade.

artísticos de modo a intervir naquela realidade mais imediata –, cujos principais arquétipos são Jane Addams e sua *Hull House*, em Chicago. Essa interpretação aparece no discurso de um conjunto interdisciplinar de estudos feministas, que inclui historiadores, sociólogos e assistentes sociais. As autoras a reconstroem por publicações próprias: *The Woman Founders: sociology and social theory* (1998) e "Back to the future: settlement sociology, 1885-1930" (2002), somadas aos estudos de Mary Jo Deegan, nas obras *Jane Addams and the Men of Chicago School* (1988) e *Race, Hull-House and the University of Chicago* (2002), e Shulamit Reinhartz, em *Feminist Methods in Social Research* (1992).

Segundo as autoras, esse tipo de narrativa demonstra cinco pontos principais:

> (1) que entre 1885 e 1920 existiu nos Estados Unidos outra localização tanto para a sociologia quanto para o serviço social que as bases profissionais da academia e das agências de ajuda [*relief agencies*] – essa localização era as *settlement houses*; (2) que o projeto do movimento do *settlement* era de reformar a sociedade pelo uso do conhecimento derivado de um entendimento particular da ciência social; (3) que esse entendimento combinava sociologia e serviço social em "uma ciência da reforma", desenvolvendo uma teoria e metodologia coerentes e um corpo de pesquisa em ciência social que mobilizou a opinião pública para efetuar mudança legislativa; (4) que os cientistas sociais do *settlement* se viam como parte das disciplinas emergentes tanto da sociologia quanto do serviço social, mas sua postura distinta e ativa levou a sua marginalização ou apagamento das histórias de ambos, e (5) que em todos os estágios, inclusive no ato final de apagamento, a sociologia do *settlement* dependeu de uma política específica de gênero. (Lengermann & Niebrugge 2007, p. 94, tradução minha)

Em termos mais gerais, tem-se nesse tipo de narrativa que, para além das preocupações e formulações em termos de prática social e advocacia – que eram enfatizados pelos sociólogos da época (e talvez, ainda entre os atuais) como aspectos não científicos porque não objetivos –, é possível identificar nos trabalhos das *settlement houses* preocupações e formulações de caráter sociológico e científico em termos de teoria – que resultava da incorporação de teorias reformistas alternativas as revolucionárias marxistas, em especial o socialismo fabiano e o pragmatismo americano – e de metodologia e pesquisa, baseada em especial na técnica de estabelecimento de relação de vizinhança, que seria parte integrante de suas atividades, mas incluindo o uso de técnicas qualitativas e quantitativas e outras estratégias de pesquisa, cujo pioneirismo é comumente atribuído aos autores da Escola de Chicago, como:

> o *survey*, a entrevista, o questionário, manutenção de orçamento pessoal, observação participante, informantes chaves, e análise de dados secundários (que incluía o censo, legislação, memórias e diários, registros de salário e custo de vida, relatórios de cortes, relatórios de assistente social, declarações de impostos, trocinhas [*nursery rhymes*] e relatórios de acidente industriais). Eles foram igualmente pioneiros em métodos de apresentação, usando fotografias, mapas coloridos detalhados de bairros, tabelas, gráficos de barras, gráficos, análises estatísticas, contos narrativos, e citação extensiva dos assuntos. (Lengermann & Niebrugge 2007, p. 103, tradução minha)

De modo que, as pesquisas das *settlement houses* produziram alguns dos principais estudos empíricos clássicos da sociologia norte-americana: *Hull-House Maps and Papers* (1895), dirigido por Florecen Kelley e com artigos de outros residentes da casa; *The Philadelphia Negro* (1899), de W. E. B. DuBois e Isabel Eaton; *Out of Work: a study of unemployment* (1904), de Frances Kellor; *The Pittsburg Survey* (1909-14), de Paul Kellogg; *Work accidents and the Law* (1910), de Crystal Eastman; *The Immigrant and the Community* (1917), de Grace Abbott; e *The Tenements of Chicago*, de Edith Abbott.

O principal, para as autoras, ao recontar essa história de preocupações teóricas, metodológicas e de intervenção social dos trabalhos das *settlement houses* é o de relocalizar na história tanto da sociologia quanto do serviço social nos EUA um grupo de pesquisadores produtivos e de grande importância para aquele contexto social que foi negligenciado pelo movimento de profissionalização das duas áreas porque não se adequava inteiramente com nenhuma delas:

> Os sociólogos os classificaram como assistentes sociais que careciam de alguma teoria formal e argumentaram que é a teoria formal que dá um lugar permanente na sociologia. Os assistentes sociais os consideraram demasiado sociológicos. Ambos os grupos profissionais os definiram como muito radicais ou ativistas. (Lengermann & Niebrugge 2007, p. 110)

Voltando a Escola de Chicago, que é o que nos interessa aqui, nessa reconstrução das narrativas sobre as relações entre a institucionalização da sociologia nos EUA e o serviço social, as autoras localizaram criticamente membros dessa Escola como sujeitos ativos da separação entre as duas áreas que historicamente resultou numa desconsideração com relação à importância da segunda. Curiosamente, entretanto, dois dos membros da Escola que mobilizaram nessa reconstrução – Small e Burgess – foram aqueles que possuíam uma postura mais amena com relação as duas áreas, principalmente se comparada às posições expressas por Thomas e Park, porque estavam de alguma forma envolvidos com as duas, por suas atuações tanto no departamento de Sociologia de Chicago quanto no *Social Survey Movement*.[56]

Burgess, por exemplo, em 1916, sintetizou num artigo a experiência que teve com *social survey* no Kansas, defendendo a combinação entre sociologia, *social survey* e ação social:

---

[56] Ou, talvez, esse seja o motivo pelo qual as autoras selecionaram esses autores, no sentido de que possibilitariam mostrar a desarmonia entre seus textos e sua história e preocupação prática. Entretanto, não há qualquer argumentação explicita nesse sentido.

> Society is the laboratory of sociologist. The social survey provides a unique opportunity both for investigation and for social construction, both for the analysis of mental attitudes and for the control of forces seeming improvement. To the advanced student the social survey affords severe and stimulating training in the technique of investigation and in the art of social action […] this type of the survey inheres in the very nature of the participation of the sociologist in the social movement. (Burgess 1916, p. 499)

No artigo "The interdependence of sociology and social work", de 1923, citado pelas autoras, apesar de defender origens históricas e preocupações diferentes, Burgess sugere que haveria naquele momento uma relação de contribuições mútuas entre as disciplinas. Essa relação é descrita sim com um tom de hierarquização entre as disciplinas, dado que a sociologia contribuiria para o serviço social com a identificação de leis e interpretações gerais que direcionariam, ou pelo menos facilitariam, o trabalho dos assistentes sociais; enquanto a contribuição do serviço social à sociologia se daria em termos mais instrumentais de fornecimento de dados a serem trabalhados teoricamente pelos sociólogos. Contudo, para o autor, a convergência em termos de pesquisa e interesses comuns, somada a aproximação pelos cursos de formação, colocam as disciplinas em constante contato, possibilitando a construção de uma relação de cooperação. Essa cooperação, antes de amarrar uma disciplina na outra, as libertaria para que cada uma busque de forma autônoma seus próprios objetivos. Nesse sentido, a posição de Burgess, sugerida inclusive pelo uso do termo "interdependência" no título do artigo, parece-nos ser de uma relação um pouco mais complexa que a de separação e distanciamento entre as disciplinas e carreiras profissionais.

Com isso, não queremos desconsiderar a argumentação das autoras com relação a Chicago, há sim entre seus membros um esforço de institucionalização da sociologia como disciplina científica pela sua distinção e distanciamento de outras áreas de pesquisa e atuação profissional, entre elas, o serviço social. Entretanto, o entendimento sobre isso não era um discurso único; pelo menos, não no momento da trajetória de Louis Wirth que nos interessa aqui. Naquele momento, era possível encontrar no departamento de Sociologia de Chicago diferentes posicionamentos sobre as relações entre a sociologia e o serviço social, que somadas às questões de época quanto à profissionalização das áreas, tinham consequências sobre a trajetória e os trabalhos dos alunos. Para o entendimento das consequências disso em Wirth, para além dos já apresentado posicionamento de Burgess, nos parece importante apresentar como essa questão aparece (1) na "Nota Metodológica", de Thomas & Znaniecki (1918) e (2) em *Intruduction to the Science of Sociology*, de Park e Burgess (1921).

A sociologia prática e a ciência social na "Nota Metodológica" de Thomas & Znaniecki (1918)

A "Nota Metodológica" corresponde ao capítulo introdutório de *The Polish Peasant* que, conforme ressaltado por Eufrasio (2000), pode ser considerada importante fonte de metateoria e teoria social para a Escola de Chicago. Nela, há uma discussão em torno do que seriam as falácias sobre as quais se erigiram os trabalhos desenvolvidos pelo serviço social, que os autores chamaram de sociologia prática[57].

Thomas & Znaniecki iniciaram essa "Nota Metodológica" defendendo a necessidade do desenvolvimento de uma ciência social objetiva que possibilitasse o estabelecimento de uma técnica que pudesse ser aplicada no controle consciente e racional da realidade social, análoga às técnicas de aplicação na realidade material que nos permitem o controle da natureza. A demanda por uma ciência social nesses termos estava na própria rapidez que as mudanças sociais tinham adquirido na modernidade, que tornou as crises mais frequentes e variadas. Essas precisariam ser enfrentadas de modo adequado para que não colocassem em risco a própria vida social. Esse modo adequado corresponderia a uma técnica baseada na elaboração científica objetiva que permitisse a predição de fenômenos sociais e, portanto, a intervenção sobre determinadas causas da realidade social para o controle de seus possíveis efeitos indesejados.

Segundo os autores, no campo dos negócios, da caridade, da filantropia, da diplomacia, da associação pessoal etc., uma primeira tentativa desse tipo de técnica já tinha sido desenvolvida: a da sociologia prática. Com frequência, essa técnica obteve resultados bem sucedidos. Porém, por estar embasada num empirismo desorganizado, em reflexões grosseiras e arbitrárias e em sensos comuns, envolveu-se em, pelo menos, cinco importantes falácias (isto é, erros de abordagem e de raciocínio) que comprometem sua eficiência.

A primeira falácia corresponde à suposição de que o conhecimento da realidade social se dá pelo simples fato de vivê-la. Ou seja, é errôneo considerar coisas e relações como certas em virtude da familiaridade empírica que temos com elas. Indivíduo nenhum é capaz de apreender a realidade social como um todo simplesmente por suas experiências de vida, ainda que o conjunto dessas experiências seja vasto. O que se apreende é apenas uma pequena parte

[57] De acordo com Pereira (2001): "um pequeno relato de Burgess, publicado em 1956, confirma essa visão de Thomas quanto à escassa teorização dos trabalhos de sociologia prática (a exemplo das pesquisas tais como o Pittsburg Survey surgidos em 1907 – cf. Burgess 1956: 385 [Burgess, "Seven significant changes in Sociology", In: *Sociology and Social Research*, vol 40, nº. 6, July-August 1956, pp. 385-6])" (p. 88). Nesse sentido, está incluída nas críticas de Thomas e Znaniecki parte das obras cuja as autoras reclamam pioneirismo e importância na Sociologia norte-americana.

da complexidade total dos fatos sociais. Há limitações tanto exteriores quanto interiores para o conhecimento empírico da realidade social em sua totalidade. A limitação exterior é que, com frequência, a experiência de vida de um indivíduo se estende por somente uma sociedade quando não apenas por uma classe dessa sociedade. A limitação interior é que o indivíduo nunca apreende todas as experiências com as quais se defronta no interior da esfera de sua vida social; uma grande parte passa despercebida, porque há sempre inclinações de temperamento e considerações práticas operando que geram uma seleção subjetiva da realidade. O conhecimento que o indivíduo tem de seu ambiente só pode ser considerado real com relação às questões que ele efetivamente controla – e que certamente não representam a realidade social como um todo. Sendo assim, as generalizações formuladas a partir de familiaridades empíricas e individuais estão sempre sujeitas a inúmeras exceções e, por isso, são frágeis. De modo que uma técnica de controle social nelas baseadas está condenada a mesma fragilidade.

A segunda falácia diz respeito à imposição da aplicabilidade prática ao desenvolvimento científico. Essa é uma crítica direta dos autores à opção dos reformadores sociais de definirem seu objeto e forma de estudo pela referência imediata a metas práticas e por seus padrões do que seria socialmente desejável ou não. Para Thomas e Znaniecki, o exemplo das ciências físicas é claro no sentido de demonstrar que uma investigação científica só pode tornar-se praticamente útil em suas aplicações quando constituída livre de qualquer dependência ou finalidade prática. De modo que os resultados de uma ciência só são, de fato, válidos quando todas as considerações práticas são excluídas de seu método de estudo. Isso porque a aplicabilidade prática não é critério válido para a definição do valor científico de um objeto de estudo e, por vezes, pode até encobrir o que possui real valor. Nas próprias palavras dos autores: “as coisas que são praticamente importantes podem ser completamente insignificantes teoricamente e, pelo contrário, aquelas que parecem não ter nenhuma importância do ponto de vista prático podem ser a fonte de importantes descobertas científicas” (Thomas & Znaniecki [1918] 2000, §I.16, p. 10).

No caso específico da teoria social, isso significa que, ao contrário do que propunha os reformadores, a diferenciação entre “normal” e “anormal” e as normas propriamente não devem ser tomados como um ponto de partida privilegiado ou como grupo de ênfase para investigação científica. Lembram os autores que essa distinção é uma divisão artificial baseada no acordo ou desvio com as normas de uma sociedade. Uma investigação científica baseada nesse tipo de divisão geralmente se priva daquilo que a realidade social tem de mais valioso que são as conexões existentes entre diferentes fatos. Além disso, as normas, assim

como os costumes e as tradições de uma sociedade, são suscetíveis às mudanças geradas pela evolução social. Uma investigação sociológica baseada numa norma é frágil na medida em que ficará absolutamente desamparada sempre que compreender que a norma na qual se baseou perdeu toda sua significação social e foi substituída por alguma outra norma; ademais, perde a oportunidade de compreender o próprio processo de evolução social.

A terceira falácia consiste na suposição implícita de que qualquer grupo de fatos sociais pode ser tratado teórica ou praticamente como isolado da realidade social ao qual pertence. É, em alguma medida, um desdobramento de temas discutidos na falácia anterior na medida em que a distinção entre normal e anormal pressupõe a separação e, em alguma medida, o isolamento de grupos de fatos sociais que estão em conexão entre si. Nessa questão, e em termos amplos, não há como estudar apenas fatos anormais, pois esses só existem perante a definição do que é normal e vice-versa. Para os autores, ainda que numa organização social alguns fatos se mostrem em um isolamento real de outros grupos de fatos, deve-se ter em mete que isso nada mais é que um resultado das exigências da vida prática, pois cada fato, por mais singular que seja, possui sempre inúmeros laços que o conectam com o todo ao qual pertence. Um grupo de fatos só pode ser tomado em isolado por uma investigação teórica ou por uma atividade prática depois que seus laços de conexão com o todo forem definidos.

As duas últimas falácias são suposições que a própria sociologia prática já repudiou, mas que, para os autores, valem à pena de serem apresentadas porque a sociologia prática não elaborou quaisquer novas ideias produtivas para substituí-las.

Assim, a quarta falácia corresponde à suposição de que as reações dos homens são idênticas quando sob as mesmas influências e que, portanto, é possível provocar nos indivíduos um comportamento idêntico ao colocá-los em meios idênticos. O caráter falacioso dessa suposição consiste em colocar no plano secundário aquilo que mais influencia a atividade e a experiência de vida dos indivíduos que é seu passado individual e social.

Finalmente, a quinta falácia corresponde à suposição de que os homens desenvolvem tendências espontaneamente, sem influências externas. Dessa forma, para dar origem ou para suprimir certas tendências, bastaria criar ou eliminar condições favoráveis ou desfavoráveis. O erro dessa suposição é a não percepção de que uma tendência social sempre encontra sua expressão na modificação de condições, mas que modificações nas condições sociais nem sempre se expressam em criações de novas tendências.

Ainda que a identificação dessas falácias possa ser lida como um esforço de Thomas e Znaniecki em definir uma ciência social na distinção ao trabalho dos sociólogos práticos,

incluindo aí os assistentes e reformadores sociais, isso não deve ser entendido do sentido de menosprezo. Pelo contrário. Os autores enfatizam que o elemento comum na origem dessas cinco falácias não está propriamente numa "falta de habilidade técnica ou de uma atitude científica séria por parte dos homens que fazem o trabalho" (Thomas & Znaniecki [1918] 2000, §I.22, p. 16) social, mas no imediatismo da vida prática e cotidiana e, consequentemente, em seu empirismo desorganizado. A vida social é constante e sem interrupções. A todo o momento coloca situações que precisam ser controladas e que não esperam pelo desenvolvimento de teorias adequadas com objetividade científica. Nesse contexto, a sociologia prática possui mérito pela obtenção de resultados imediatos, porém, como técnica para um controle social efetivo é frágil e pode ter efeitos devastadores. Por isso, os autores propõem sua gradual substituição por um método mais eficiente, que não responderia as situações a serem controladas, mas que as pudesse antever. Esse novo método se basearia num corpo de conhecimento seguro e objetivo capaz de antever situações futuras e de ser aplicado a diferentes situações. Baseia-se, portanto, na própria concepção de ciência ou teoria social que adotam. Em seus próprios termos: "uma ciência social empírica e exata pronta para eventual aplicação" (ibid., §I.23, p. 17); mais especificamente, corresponde a uma concepção de ciência que enfatiza a elaboração de leis gerais e universais que permitiria a predição de fenômenos sociais e o controle sobre os efeitos de determinadas situações.

Insere-se nisso outra preocupação dos autores:

> Há [...] a apreciação tradicional da atividade social como meritória em si mesma, apenas pelas suas intenções. De fato, deve haver alguns resultados para fazer com que as boas intenções contem; porém, uma vez que qualquer coisa feita seja considerada como meritória, os padrões pelos quais os resultados são apreciados são surpreendentemente baixos. A prática social deve deixar de ser uma questão de mérito e ser tratada como uma necessidade. Se se pede ao teórico que esteja seguro de suas generalizações antes de tentar aplicá-las na prática, é pelo menos estranho que se permita às pessoas meramente de boa vontade colocarem à prova sobre a sociedade, indefinida e irresponsavelmente, suas ideias vagas e talvez sentimentais. (Thomas & Znaniecki [1918] 2000, §87.IV.2, pp. 70-1)

Com isso, é preciso notar, os autores não desvincularam de sua proposta de ciência social a questão da aplicação prática do conhecimento; apenas salientam a ciência social, e portanto a sociologia, deveria se desenvolver não como prática, mas como aplicável. Isso já foi em alguma medida abordado pela rejeição da segunda falácia, porém, merece mais algumas considerações.

Em várias passagens do texto, os autores enfatizaram que a ciência social deve desenvolver-se como um fim em si mesma e que, consequentemente, deve estar livre de qualquer meta prática de antemão. Tomar a prática como referência e finalidade da

investigação cientifica é para os autores repetir os erros ou envolver-se nas falácias da sociologia prática ou de senso comum. Mas, ao mesmo tempo, abandoná-la conduz a uma "ineficiência tanto da ciência como da prática" e corresponde a "uma curiosa estreiteza de horizonte mental" (Thomas & Znaniecki [1918] 2000, §I.23, p. 17). Isso porque nenhuma ciência pode se desvincular da realidade empírica e prática e "uma ciência cujos resultados possam ser aplicados se mostra por esse meio que está realmente baseada na experiência, que é capaz de apreender uma grande variedade de problemas, que seu método é realmente exato – que é válida" (ibid., §I.25, p. 18). Para os autores, portanto, toda ciência deve estar de alguma forma envolvida com alguma exigência de aplicabilidade prática, porém, essa deve ser tomada não como um ponto de partida ou como uma meta, mas como uma possível consequência e até como um teste de seu valor teórico.

Nesse sentido, portanto, temos que Thomas e Znaniecki estabeleceram a distinção entre a ciência social, ou a sociologia acadêmica propriamente dita, e a sociologia prática, ou a sociologia do serviço social, em dois aspectos principais: o de objetivou ou finalidade e o de alcance teórico do conhecimento desenvolvido.

Pereira (2001), com base na "Nota Metodológica" e outros textos de Thomas, sintetiza essa distinção na seguinte passagem:

> A sociologia prática trabalha caso a caso e cada um possui certas características que são tratadas isoladamente. Isso significa, de acordo com Thomas, que não são alcançadas generalizações atinentes ao problema estudado. Como por exemplo, se o problema estudado é a delinquência juvenil (como é o caso em *Unajusted Girl*), estudando o caso "A", são tiradas conclusões referentes apenas a este caso. Através da aplicação de métodos e técnicas cuja coleta de dados é feita através de questionários, a sociologia prática estabelece estatisticamente a proporção e o grau de envolvimento das variáveis, sem indicar, no entanto, as causas do problema investigado.
>
> Por outro lado, a sociologia da Teoria Social[58] deve obter esse grau de generalização formulando leis parciais e gerais. Se tomarmos como exemplo *The Polish Peasant*, essa concepção metateórica fica explicita: a sociologia deve procurar os eventos sociais a partir da ideia de causalidade. Tais eventos possuiriam regularidade reconhecida numa estrutura elementar a todos os indivíduos, mesmo considerando o elevado grau de diferenciação de um indivíduo a outro. (Pereira 2001, p. 88)

Ou seja, em termos de objetivo ou finalidade, a ciência social se diferencia da sociologia prática na medida em que busca o conhecimento objetivo da realidade social por meio da identificação de leis gerais da evolução social. Em contrapartida, a sociologia prática busca o desenvolvimento do conhecimento para intervenção na realidade. Nesse sentido, ela parte de problemas mais imediatos da realidade sociedade e os entende apenas no espectro do

[58] Conforme já indicamos, para Thomas e Znaniecki, a sociologia se insere no plano mais geral da teoria social que comporta também a psicologia social.

que pode ser realizado sobre eles. Consequentemente, o alcance teórico do conhecimento desenvolvido pela ciência social é amplo, enquanto o da sociologia prática é reduzido.

Decorre disso outro elemento que marca o distanciamento dessa ciência social proposta por Thomas e Znaniecki da sociologia prática: a coleta de dados empíricos profícuos para o desenvolvimento de um conhecimento mais objetivo e eficiente sobre a realidade social. Esse elemento aparece implicitamente na "Nota Metodológica", mas pode ser percebido pela obra como um todo pelas de fontes escolhidas para reunião de dados para interpretação do camponês polonês na Europa e na América. Conforme sistematizou Bulmer (1984, p. 53), essas podem ser agrupadas em quatro tipos principais[59]:

[1] cartas pessoais trocadas entre imigrantes na América e seus familiares na Polônia (que constituiu a principal fonte de documentos dos autores, apresentadas na obra em cinquenta sessões separadas por família);

[2] histórias de vida;

[3] arquivos de jornais poloneses e de escritório de proteção ao imigrante;

[4] e, relatórios de agências de serviço social e registros de tribunais e de organizações polaco-americanas.

Ainda segundo Bulmer, ao utilizar essas fontes de dados, os autores chamam a atenção para a coleta de dados empíricos e de primeira mão na pesquisa sociológica. Com isso, marcam o afastamento da sociologia norte-americana do modelo dos gabinetes praticado por seus fundadores (Small, Giddings, Ward, Sumner, Ross e outros), baseado na especulação e na pesquisa de biblioteca, colocando-a no trabalho de campo. Entretanto, esse trabalho de campo constituía proposta alternativa ao do serviço social da época, ancorado nos *social case work* e nos *social surveys*, que, especialmente para Thomas, conforme indicado na passagem de Pereira (2001) acima, apenas poderia indicar a existência de alguma relação de proporcionalidade estatística ou de grau de envolvimento entre as variáveis levantadas, mas não as causas do problema em questão.

Proposta um pouco diferente dessa de Thomas e Znaniecki, na "Nota Metodológica" e em *The Polish Peasant* como um todo, aparece no manual, ou na bíblia-verde [*green bible*] como ficou conhecido na época, *Introduction to the Science of Sociology*, de Park e Burgess (1921).

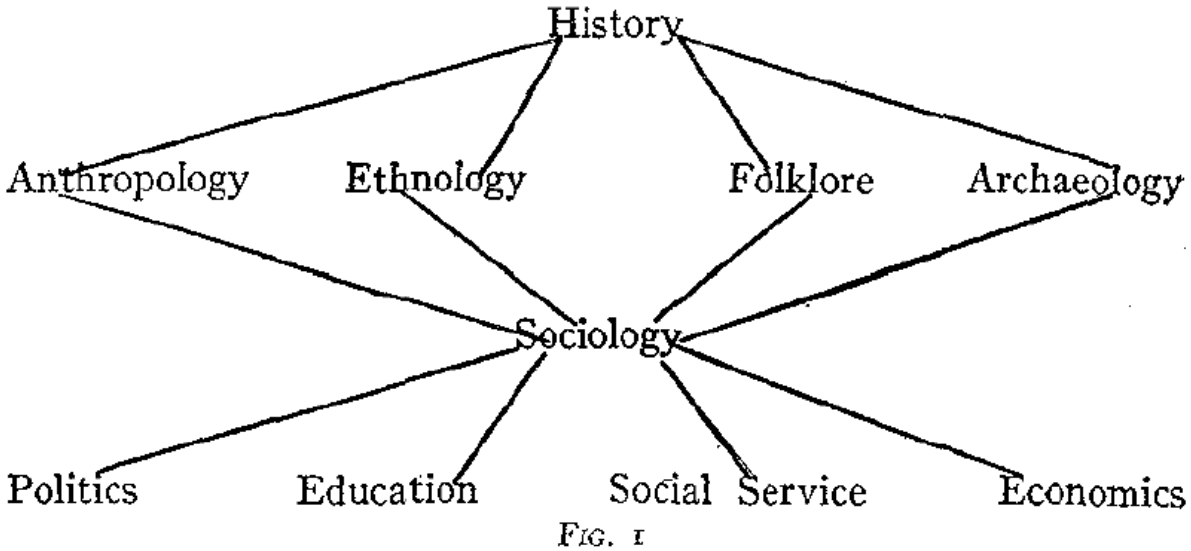
[59] Em Madge (1962, pp. 55-62), há uma descrição mais detalhada dessas fontes de dados.

Os programas e práticas de bem-estar e a sociologia em *Introduction to the Science of Sociology* de Park & Burgess (1921)

Nesta obra, Park e Burgess reforçam o distanciamento proposto por Thomas e Znaniecki entre a ciência social e a sociologia prática; entretanto, não de modo tão explicito e direto quanto os anteriores fizeram ao discutir as cinco falácias.

Assim, identificaram a sociologia como a ciência fundamental do comportamento coletivo, cuja origem remonta aos esforços teóricos de abstração, generalização e identificação de leis sociais, conforme indicado por Lengermann & Niebrugge, de filósofos sociais europeus como Auguste Comte, Herbert Spencer, Thomas Hobbes, Gabriel Tarde, etc. As referências ao serviço social são mais esparsas, ao mesmo tempo em que, na página 42, parecem se referirem essa área como um agregado de programas e práticas de bem-estar social, que não caracteriza o conhecimento da Sociologia como ciência; na pagina 43, apresentam-na como uma das técnicas das ciências sociais, ou uma das ciências sociais aplicadas; conforme é possível visualizar no seguinte gráfico apresentado pelos autores:

Figura 1
Gráfico da Origem das Ciências Sociais
Fonte: Park & Burgess 1921, p. 43



Nas páginas seguintes, é possível inferir[60] mais duas características de distinção entre as duas áreas.

[60] Inferir porque na maior parte de suas discussões, ao contrário de Thomas e Znaniecki, os autores não explicitam a quem estão dirigindo suas críticas ou ataques. Isso que pode ser pensada como uma amenização de

Primeiro, com relação ao estado de cada disciplina naquela época. Os autores compararam o estado da Sociologia ao estado da Psicologia antes da introdução de métodos de laboratório, ou seja, num estágio de formalização de métodos de pesquisa objetivos. Enquanto os programas e práticas de bem-estar se encontravam serviço social se encontrava num estágio de grande coleta de conjunto de informações, entretanto:

> merely for the purpose of determining what to do in a given case. Facts have not been collected to check social theories. Social problems have been defined in terms of common sense, and facts have been collected, for the most part, to support this or that doctrine, not to test it. In very few instances have investigations been made, disinterestedly, to determine the validity of a hypothesis. (Park & Burgess 1921, p. 44)

Segundo, em termos de pesquisa, defenderam que a Sociologia estava em vias de se tornar uma ciência experimental, dado que caminhava no sentido de desenvolver métodos de coleta de dados que permitissem a validação de hipóteses e a checagem de teorias sociais. A sociologia seguia, assim, rumo à pesquisa social, enquanto os programas e práticas de bem-estar estavam perdidos numa investigação desinteressada da realidade social.

Apesar de, nesse ponto, enfatizar a questão da pesquisa social, os autores não fazem referência alguma seus possíveis métodos e técnicas. De acordo com Bulmer (1984, cap. 6), a proposta dos autores com relação a isso deve ser buscada nos seminários de estudos de campo que Park e Burgess realizaram entre 1918-19, e pelas teses e dissertações que deles originaram na década de 1920. O que se viu nelas foi uma utilização ampla e multivariada de estratégias de pesquisa:

> No individual study relied on a single method. Even Anderson´s study of the hobo, which principally used informal interviews and observation, drew on the case records of social agencies where this was appropriate. A typical study would involve literature searches, the use of historical and current documentary materials, interviews with a wide variety of people, observation of relevant activities, and the collection of personal documents (usually life histories) from the subjects of the research, as well as the use of relevant statistical materials on ecological structure. A very wide variety of sources of data were tapped.

Dessas duas abordagens da sociologia e do serviço social presente em dois textos importantes da Escola de Chicago, temos dois entendimentos diferentes sobre a aproximação e o distanciamento entre as duas áreas. Thomas e Znaniecki parecem propor que elas se aproximam em termos de origem histórica: as duas são demandas do enfrentamento das crises geradas pela rapidez com que as mudanças sociais adquiriram na modernidade. Entretanto, se distanciam em definição de objetivos e de métodos e técnicas de pesquisa. Enquanto, a

---

postura rígida e incrédula quanto ao serviço social, provavelmente se deu pelo fato de a obra ser conjunto entre Park e Burgess. Se a obra fosse apenas de Park, provavelmente, esses ataques apareceriam de modo mais explícito.

sociologia busca leis gerais, por meio de um corpo de matérias específico que lhe fornece dados para o estabelecimento de explicações causais entre os fenômenos sociais; o serviço social tem como objetivo a prática social, por meio de estudo de casos específicos e de dados estatísticos. Diferentemente, Park e Burgess entenderam que a sociologia e o serviço social se diferenciavam em termos de origem e de definição: a primeira surgiu na Europa com a busca por leis gerais; enquanto a segunda se limitava a programas e práticas de bem-estar social. Apesar de terem tentado estabelecer a distinção entre as duas áreas também pelos métodos e técnicas de pesquisa, distinguindo a pesquisa social da investigação desinteressada, na realidade de fato, as duas se aproximaram quanto a isso. Pelo menos nesse primeiro momento, as duas áreas praticaram estratégias semelhantes, conforme salientado por Lengermann & Niebrugge, como as de observação participante, uso de dados estatísticos, entrevistas pouco estruturadas, fontes documentais, etc. Distanciavam, nesse sentido, pela influência de Thomas quanto ao uso de documentos pessoais.

Somava-se a isso a questão da profissionalização nas áreas que, conforme identificou Lengermann & Niebrugge, fazia com que muitos recém-formados pela sociologia de Chicago iniciavam sua carreira profissional no serviço social. Esse é o caso de Wirth e sua dissertação são um exemplo disso.

Wirth, pela sua formação, entendeu a importância da busca por generalizações, explicações causais e leis sociais no entendimento dos fenômenos sociais, tanto no seu lado objetivo representado pelas instituições sociais, quanto em seu lado subjetivo representado pelas personalidades envolvidas. Entretanto, pela sua primeira experiência profissional, descobriu um conjunto de documentos que também era profícuo para elaboração teórica: os *social cases*, entendeu a importância da intervenção social. Nesse sentido, não se pode dizer que Wirth se alinha direta e exclusivamente a nenhuma das abordagens propostas por seus professores, nem a do serviço social. Ao que parece, ela faz um combinado de todas.

Isso nos aparece ainda melhor sugerido pelos desenvolvimentos do autor nos artigos de 1931(c e d), quando parece entender que os métodos propostos pelos sociólogos a partir da Nota Metodológica de Thomas e Znaniecki e os propostos pelos assistentes sociais seja nas agências sociais ou nas *settlement houses*, não como excludentes entre si, mas como instrumentos na mão dos pesquisadores que poderiam escolhê-los de acordo com o tema e abordagem que visavam construir. No caso da delinquência, para Wirth, os casos das agências sociais se mostraram mais proveitosos que documentos pessoais. Ainda que esses também pudessem ser utilizados tendo em vista a questão do entendimento das personalidades dos delinquentes. Nesse sentido, quanto aos métodos de pesquisa, o autor fez nesses artigos uma

defesa a uma posição pluralista e multivariada, de que o bom entendimento da delinquência deve levar em consideração tanto os avanços de uma quanto da outra disciplina.

Posição diferente demonstrou em *The Ghetto*, quando parece fazer um grande esforço para se adequar as propostas de Park e Burgess, em detrimento das demais. Não por acaso, a questão de uma possível intervenção social nem é levantada no texto. Quanto as fontes de dados utilizadas, suprimiu os dados de agências sociais, concentrando sua pesquisa em fontes documentais, tal como sugeria Park, como obras publicadas nas áreas de sociologia, psicologia e história; literatura e poesia; documentos oficiais de instituições judaicas; jornais da comunidade judaica em Chicago; manuscritos provavelmente resultantes de entrevistas ou histórias de vida e dados censitários. Nas 291 páginas que compõe a obra há apenas duas citações a documentos associados a agências sociais: um trecho do estudo de Charles Zeublin sobre o gueto de Chicago, publicado no *Hull House Maps and Papers*, e, a indicação de um *social case*, a partir de uma citação de sua própria dissertação de mestrado.

Conforme já mencionado, em 1931, o autor parece voltar à posição mais pluralista apresentada em sua dissertação e volta à preocupação com a intervenção social pela discussão da Sociologia Clínica, que lhe rendeu apenas um artigo. Isso não significa, entretanto, que abandonou a questão. Pelo contrário. A partir de seu contato com Karl Mannheim direcionou tal questão para as discussões sobre planejamento social e políticas públicas. Essa trajetória é uma admirável e profícuo da carreira e da obra do autor que, infelizmente, não analisaremos aqui; mas que deve ser registrada como questão em aberta para pesquisas futuras.

Capitulo 4

The Ghetto: conceituando isolamento racial e cultural na cidade moderna

Em sua tese de doutorado, Louis Wirth visava apresentar e analisar os resultados de sua pesquisa empírica sobre a organização e a mobilidade das comunidades de imigrantes judeus em Chicago, que tinha como uma de suas componentes a região popularmente conhecida como o "gueto". Assim, daria continuidade a sua dissertação de mestrado, *Cultural Conflicts in the Immigrant Family*, defendida em 1925, na qual interpretou a condição, o conflito e a desorganização de famílias de imigrantes judeus ortodoxos na cidade.

Entretanto, se na dissertação de mestrado Wirth procurou entender as transformações que a vida na cidade moderna pode gerar na vida do imigrante, conforme exposto anteriormente, em sua tese de doutorado, a ordem de suas preocupações se invertem: nela, interessava-lhe entender quais transformações o imigrante pode gerar na paisagem da cidade. Da mesma forma, se na dissertação de mestrado chamou a atenção para os impactos da assimilação da segunda geração de imigrantes na vida familiar, no doutorado enfatizou como a primeira geração consegue resistir à assimilação pelo isolamento. Ainda, em outros termos, se antes lhe interessava compreender como os imigrantes abriam mão dos valores e *mores* do Velho Mundo em favor dos do Novo Mundo, agora, lhe interessa entender como os imigrantes conseguiam manter seus valores e *mores* do Velho Mundo apesar do contato com o Novo Mundo.

Mais uma vez inspirado pela obra *The Polish Peasant in Europe and América*, de William Thomas e Florian Znaniecki, Wirth voltou-se para trajetória desses imigrantes antes de chegarem à América. Nesse percurso, encontrou importantes continuidades entre o gueto da Europa medieval e a comunidade judaica de Chicago, que o fizeram ampliar seu objetivo para uma análise da história do gueto. Isso foi, de alguma forma, evidenciado por uma passagem do autor, no prefácio que escreveu para a publicação de sua tese: "tendo começado com o estudo de uma área geográfica, encontrei-me, quase que inconscientemente, analisando a história natural de uma instituição e a psicologia de um povo" (Wirth 1928, p. lxix, tradução minha).

História natural do gueto

Preocupado em distinguir sua análise da de um historiador, Wirth buscou a importância sociológica do estudo do gueto na Europa medieval e na grande cidade moderna norte-americana e percebeu que a análise comparativa deles permitiria a reconstrução da "história natural do gueto" (Wirth 1928a, p. 5).

Com o termo "história natural", o autor se remetia a uma discussão empreendida por Park e Burgess, na obra de 1921, sobre as fronteiras entre História e Sociologia. Nela, os autores defendiam, um tanto inspirados em Auguste Comte, que a origem da Sociologia se deu a partir da História. Porém, diferenciou-se dela na medida em que se constituiu como uma ciência natural e, portanto, empenhada na busca pelas leis gerais da natureza humana e da sociedade.

No prefácio a obra de Andrew Lind, *An Island Community: ecological succession in Hawaii*, de 1938, Park apresentou a ideia de história natural em termos mais claros:

> The author of this volume has chosen to connect and correlate, so far as that is possible, the economic and racial history of the Hawaiian Island, with the story of the land. In doing this, he has made the succession of types of land utilization the signature and index of all other changes. The effect has been to give his account of events a character that is systematic rather than historical.
>
> By making one series of events which is regarded as fundamental an index to every other series, he has sought to bring into clearer outline than would otherwise be possible the actual course of events in other related aspects of life. This has made it possible to describe historical changes in Hawaii in terms that make them comparable with similar changes in other parts of the world The result is what we might very properly describe as a natural history – a natural history of a society, that is to say, the history of one community in terms that make it comparable with the history of another.
>
> Comparison inevitably reveals the individual as an example of a class. Natural history is interested not merely in what actually happened at a time and place but also in the historic process by which things have come to be what they are or seem. (Park [1938] 1952, p. 238-9)

Na sequencia, sugeriu a relação entre história natural e a possibilidade de generalizações a partir de um caso específico:

> So far as the series of changes which have taken place in Hawaii since the Island were rediscovered and brought within the limits of the new world-economy may be said to repeat what has taken place elsewhere during the period of European expansion, the history of the Hawaiian community may be regarded as a chapter in the history of the modern world. On the other hand, in so far as these changes are characteristic and typical of cultural changes elsewhere, the account here given of Hawaii's life-cycle may be regarded as a contribution to the natural history of civilization.
>
> If this seems to be setting up a rather large claim for what is, after all, a realistic and unpretentious study of a local community, it is nevertheless true that local studies have significance for social science only when and in so far as they present, in some specific instance, facts that throw light on some other and eventually more general situation, as well as upon the problems that inhere in it.

> If what one learns in one instance throws light on some other, so that one learns in one situation what to expect in another, that knowledge, if not scientific, has in it at least the possibility of becoming science. For science, as distinguished from intuitive, knowledge and mere common sense is knowledge that can be communicated and so added to the general fund of accredited fact and theory which represents science in the substantive rather than adjective sense of that term". (Park [1938] 1952, p. 239)

Assim, ao falar em história natural, Wirth enfatizava que analisaria a história do gueto interessado não em seus detalhamentos ou elementos peculiares, mas naquilo que lhe foi típico e de importância geral. De modo que sua reconstrução histórica valeria como base para generalizações, classes de conceitos e leis sociológicas sobre a origem de áreas segregadas e o desenvolvimento de comunidades culturais. (Wirth 1928a, pp. 5-6) É com base nessa ideia também que, ao final de sua obra, Wirth desassocia do estudo do gueto a compreensão exclusiva da comunidade judaica de Chicago, e o transforma num conceito geral que permite a análise das diferentes áreas isoladas, morais (culturais) e de vícios da cidade moderna.

O gueto na Idade Média

Louis Wirth identificou a origem do gueto nas cidades medievais; porém, antes das leis formais de segregação editadas pela Igreja e pelo Estado:

> O gueto não era, como às vezes equivocadamente se acredita, a criação arbitrária de autoridades, designadas para lidar com uma população estrangeira. O gueto não foi produto de intenção por parte de ninguém, mas sim a cristalização inconsciente de necessidades e práticas enraizadas nos costumes e heranças, religiosos e seculares, dos próprios judeus. Muito antes de isso ser tornado obrigatório os judeus viveram em partes separadas das cidades nos países ocidentais por iniciativa própria. (Wirth 1928a, p. 18, tradução minha)

Nesse momento, argumentou o autor, os judeus voluntariamente se concentraram em áreas segregadas, por conta de seus próprios hábitos, costumes e tradições. O isolamento parecia oferecer ao judeu uma melhor condição para o cumprimento de seus preceitos religiosos. Somava-se a isso a tendência geral da vida medieval, na qual grupos ocupacionais e vocacionais se concentravam em uma mesma localidade. E os judeus já configuravam uma classe vocacional separada, com um status econômico distinto.

Isso, entretanto, não significava que os judeus não mantinham contato com as populações ao seu redor. Pelo contrário, Wirth descreve longamente a "simbiose" existente na relação entre judeus e cristãos no período, marcada pela externalidade e pela utilitariedade. Entretanto, era apenas em sua própria comunidade que o judeu conseguia se sentir em casa, relaxar do formalismo e ser ele mesmo. Por isso, essa separação teve longevidade. (Wirth 1927, pp. 59-62 e Wirth [1928] 1998, pp. 18-27).

Com o crescimento da importância econômica dos judeus e com as Cruzadas, o gueto foi legalmente formalizado. E a segregação que antes era voluntária, tornou-se compulsória.

Sem desmerecer os abusos e a brutalidade de tal processo, Wirth chama a atenção para o fato de que o gueto formalizado representou, antes de tudo, a cristalização de uma situação anterior, já marcada por distâncias físicas e sociais entre judeus e cristãos.

Para o autor, sociologicamente, esse foi o momento histórico de institucionalização do gueto. Institucionalização tanto no sentido de criar instituições culturais próprias, fazendo com que os judeus tomassem mais consciência de si e de grupo, quanto no sentido do próprio gueto se tornar uma instituição.

Wirth parece utilizar a ideia de instituição tal como proposto por Sumner, e apropriado por Park para pensar a cidade (Park 1915, p. 577): é, ao mesmo tempo, um espaço físico e um estado espiritual (ou moral). Um espaço físico porque, de alguma forma, se concretiza numa estrutura material visível e/ou concreta. E, um estado espiritual ou moral porque visa satisfazer necessidades de indivíduos e/ou grupos específicos.

Assim, o gueto como uma instituição correspondia a uma área geográfica com organizações culturais próprias e com personalidades e tipos sociais próprios. Ao mesmo tempo em que representava a adaptação física e social daqueles indivíduos, era uma acomodação a imposição de isolamento a qual estavam submetidos.

Wirth identificou seis características sociologicamente importantes dessa instituição:

[1] representou um caso prolongado de isolamento social;

[2] foi resultado do esforço de um povo para ajustar-se, pelo menos aparentemente, aos estranhos entre os quais se estabeleceu;

[3] foi uma forma de acomodação entre grupos de população divergente, por meio da qual um grupo efetivamente se subordinou a outro;

[4] representou uma forma histórica de lidar com uma minoria dissidente dentro de uma população maior;

[5] foi uma forma de tolerância na qual um *modus vivendi* se estabeleceu entre grupos que estavam em conflito um com o outro em assuntos fundamentais;

[6] e, finalmente, do ponto de vista administrativo, serviu como um instrumento de controle. (Wirth [1928a] 1998, pp. 4-5)

Culturalmente, as características e as personalidades desenvolvidas pelos judeus nesse período de isolamento compulsório foram tão fortes que passaram a definir suas características principais como um tipo social. De modo que mesmo com a abolição formal do

gueto, em meados do século XIX, os judeus persistiram em se organizar em comunidades isoladas. Essa foi uma tradição que levaram ao emigrarem para as cidades modernas norte-americanas.

Antes de definir o gueto como um conceito sociológico para pensar o isolamento de imigrantes na cidade moderna, entretanto, Wirth comparou essa realidade do gueto medieval com seu objeto empírico: o bairro de imigrantes judeus de Chicago.

O gueto de Chicago

Em Chicago, o gueto correspondia a região popularmente identificada como de concentração de imigrantes judeus. Ela se localizava próxima ao *loop*, ou distrito central de comércio, da cidade; no que viria a ser identificado pelos autores da Escola de Chicago como a zona de transição de Chicago. Esse era o objeto empírico de Wirth, cuja história ele reconta em três estágios principais: o de formação, o de desenvolvimento e o de desaparecimento.

Os imigrantes judeus começaram a chegar a Chicago por volta de 1838 e 1840. Os pioneiros, como designou o autor, eram em sua grande maioria bávaros que conceberam a imigração como alternativa às restrições que o governo da Baviera (parte da atual Alemanha) lhes impunha. Muitos deles haviam antes se instalado em Nova Iorque. Entretanto, mudaram-se para Chicago porque essa era uma cidade incipiente e, portanto, com um mercado promissor para o mascate e para os negócios.

A partir de 1849, a chegada de imigrantes judeus a Chicago teve um aumento contínuo. Os principais fatores para isso eram: a conclusão da ferrovia *Galena & Chicago Railway* para Elgin e as revoluções de 1848 ocorridas na Europa. Nesse período, somaram-se aos bávaros, imigrantes judeus poloneses e oriundos do leste da Prússia. Todos eles se estabeleceram na área que depois constituiu *loop*, ou distrito central de comércio, de Chicago. Com o crescimento do número de imigrantes, o agrupamento estava aos poucos se transformando numa comunidade e, por isso, a necessidade de instituições tais como sinagoga e sociedade cemitério começava a se fazer sentir. Entretanto, a satisfação dessas necessidades revelou que, apesar de pequena[61], a comunidade já possuía divisões latentes entre alemães e poloneses e entre reformistas e ortodoxos. Isso se fazia visível, por exemplo, pela existência de, em 1860, quatro cemitérios israelitas diferentes, sendo três deles um ao lado do outro. Outro exemplo era o de que, na mesma época, existiam em Chicago duas importantes

[61] De acordo com Cutler (1996, p. 283), a comunidade judaica de Chicago na época possuía menos de 1500 membros.

instituições, entretanto uma era exclusiva para judeus alemães, a *Hebrew Benevolent Society* (1851), e outra exclusiva para judeus poloneses, a *Congregation B'nai Sholom* (1852).

Para Wirth, a formação de um gueto em Chicago começou efetivamente a partir de 1880, quando a cidade atingiu aproximadamente 500 mil habitantes, sendo deles pelo menos 10 mil judeus. Nesse momento, a comunidade judaica ultrapassou seu estágio inicial, para obter um crescimento contínuo e, com isso, se tornar uma paisagem típica da estrutura urbana de Chicago. Em resumo, esse foi o processo com o qual, para Wirth, a comunidade judaica de Chicago se transformou no gueto:

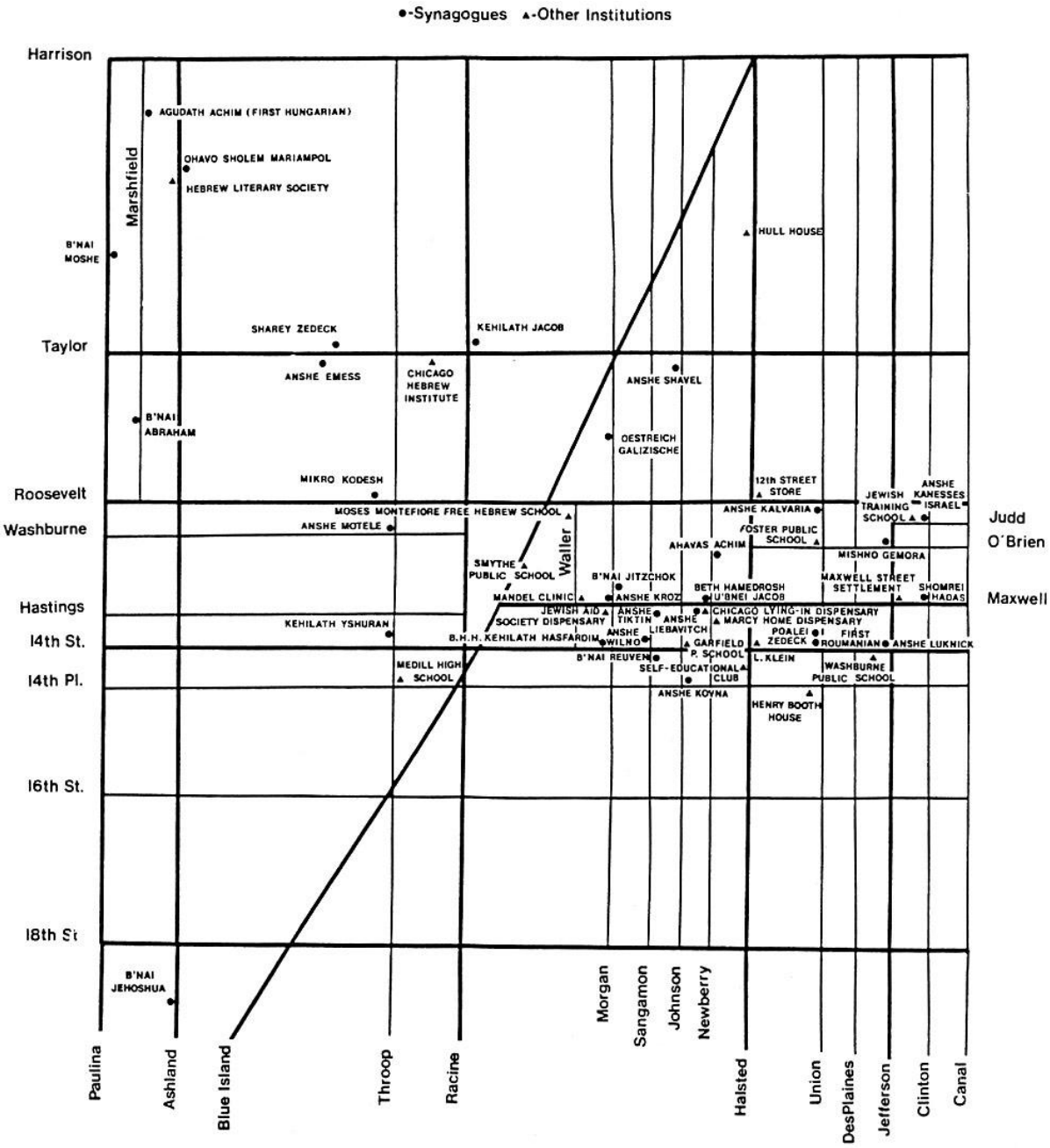
> The story of the founding and development of the Jewish community of Chicago is fairly typical of what happened in the last one hundred years in every urban center in the United States. In its initial stages the Jewish community is scarcely distinguishable from the rest of the city. As the numbers increase, however, the typical communal organization of the European ghetto gradually emerges. The addition of diverse elements to the population results in diversification and differentiation, and finally in disintegration. (Wirth [1928a] 1998, p. 193)

A partir de 1882, a cidade recebeu um fluxo significativo e contínuo de imigrantes judeus russos que imigraram principalmente devido à imposição das "Leis de Maio", que expulsaram grandes massas de judeus de suas casas em vilas e cidades da Rússia. Quando chegaram, instalaram-se onde os judeus alemães uma vez se instalaram, isto é, próximos ao *loop*; mais especificamente, a oeste do rio Chicago e ao sul da *Harrison Street*. A escolha da região devia-se não apenas ao aluguel barato e à proximidade com o local de trabalho, mas principalmente porque lá o desenvolvimento de uma vida cultural própria era possível. Entretanto, os judeus russos eram muito diferentes dos judeus alemães que já estavam em Chicago: se comunicavam em iídiche e eram facilmente reconhecidos pela forma como se vestiam e pela conduta típica de um judeu religioso. Devido a essas incompatibilidades, os russos foram pouco a pouco construindo separadamente uma comunidade própria e os alemães deslocando-se dali para outras regiões da cidade, principalmente ao norte. Isso resultou na expansão territorial da comunidade, principalmente a oeste, e na configuração de uma área distintamente judaica.

No início do século XX, Chicago totalizava uma população de aproximadamente 75 mil habitantes judeus, dos quais 50 mil eram russos, 20 mil eram alemães e os 5 mil restantes eram de outras nacionalidades. Para essa população considerável que formava uma comunidade à parte, existiam em Chicago: 60 alojamentos judaicos, 50 congregações, 39 sociedades de caridade, 13 associações de empréstimo, 11 clubes sociais, 4 sociedades sionistas e diversas outras organizações, concentrados principalmente em torno da *Maxwell Street* e da *Jefferson Street* que se configuravam como o centro de uma área que já era sentida

como um gueto. Isso pode ser visualizado na figura abaixo, retirada da obra Irving Cutler, *The Jews of Chicago: from the shtetl to suburb*, de 1996, que teve o estudo de Wirth como uma de suas fontes:

Figura 2
Localização de Sinagogas e Outras Instituições Judaicas em Chicago (1910)
Fonte: Cutler 1996, p. 73



Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a comunidade judaica em Chicago atingiu aproximadamente 300 mil membros e se tornou a terceira maior comunidade do mundo, atrás apenas de Nova Iorque e de Varsóvia. Esse crescimento cristalizou a formação da instituição europeia de isolamento sócio cultural, o gueto, em Chicago.

> A oeste do rio Chicago, à sombra do *loop*, situa-se um retângulo densamente povoado de prédios de três e quatro andares, contendo a maior parte das colônias de imigrantes de Chicago, entre elas a área chamada o gueto. Essa área, com duas milhas [3,2 km] de largura e três milhas [4,8 km] de comprimento, é circundada por todos os lados por hectares de trilhos das ferrovias. Uma ampla franja de fábricas, armazéns e estabelecimentos comerciais de toda espécie a circunda. É o distrito mais densamente povoado de Chicago[62] e contém o que é provavelmente a mais variada coleção de pessoas que pode ser encontrado em qualquer área semelhante do mundo
>
> Ao longo da margem norte dessa área encontra-se a artéria principal dos trabalhadores migrantes da cidade, a Hoboêmia. Fazem paralelo a ela ao sul as colônias dos italianos e gregos, interpenetradas por turcos, ciganos, mexicanos e uma hoste de grupos menores. A oeste ainda permanecem os irlandeses e os alemães que tempos atrás tiveram essa área inteira para si. Na área restante, limitada pela Roosevelt Road, a Robey Street, a Clinton Street e os pátios ferroviários do sul da Fifteenth Street, vive a maioria dos judeus imigrantes de primeira geração. (Wirth [1928a] 1998, p. 195, tradução minha)

A região do gueto estava localizada na área de *slum* e era um notável exemplo de vizinhança deteriorada e em deterioração. Em trinta anos, de uma vizinhança substancialmente residencial, ele se transformou num cortiço e, por fim, numa área semi-industrial. Em Chicago, a transição da vila para a comunidade urbana que dá origem ao *slum* ocorreu em uma única geração, intensificando a deterioração da área. Mesmo assim, diversas gerações de imigrantes a tiveram como primeira moradia, principalmente os judeus. O *slum* era atrativo para os imigrantes devido aos aluguéis baratos, à proximidade com o local de trabalho e devido ao fato de ter sido abandonado pelos nativos e, com isso, tornado-se uma área de pouca resistência a pessoas de baixa renda e de cultura estrangeira. No caso dos judeus, somava-se ainda a tradição de habitar as regiões próximas aos centros comerciais e de mercado das cidades. Ou seja,

Para Wirth, a principal diferença entre o gueto da Europa medieval e o que se formou em Chicago não era o fato de o primeiro ser cercado por muros, porque, mesmo sem esse artifício material, era impossível adentrar aquele distrito sem perceber que se havia entrado numa área distinta da cidade. Isso porque o gueto é antes de tudo uma comunidade cultural. A principal diferença, para o autor, estava no fato de que a instituição do Velho Mundo era um todo homogêneo, concentrado numa única parte da cidade; já o gueto americano consistia, via de regra, numa organização dividida em grupos nacionais e espalhada pela cidade de forma a refletir a cronologia das correntes imigratórias. Assim, em Chicago, tinha-se no gueto propriamente dito apenas a primeira geração de imigrantes, em geral, russos e poloneses. Os alemães já haviam se deslocado para outra área da cidade chamada *Lawdale*, ao norte do gueto, que depois da chegada e concentração de judeus alemães ficou conhecida como *Deutschland*.

---

[62] Em 1900 a população por milha quadrada era de 39.600 habitantes; em 1910, era de 50.900 e em 1920 era de 39.100 (relatórios do *United States Census* [Departamento do Censo dos Estados Unidos]) [N. do A.].

Entretanto, uma importante semelhança se manteve com a transposição do gueto da Europa para a América: a sinagoga permanecia como a instituição central de toda a vida da comunidade. A sinagoga não era apenas uma instituição religiosa, mas a ela sempre estava associada uma escola religiosa, uma instituição de mútua ajuda e uma sociedade de cemitério. O rabino a ela associado não apenas decidia sobre os assuntos da sinagoga como também era conselheiro e juiz dos membros da congregação. Em suma, a influência da sinagoga não se limitava ao seu espaço físico nem apenas ao âmbito religioso, mas estava presente em todos os ambientes e aspectos da vida de seus membros. Isso não só se manteve no gueto de Chicago, como, na perda dessa influência que se transformou no principal indício de assimilação e no principal ponto de divergência entre judeus ortodoxos e reformistas. A divisão entre judeus reformistas (alemães) e ortodoxos (poloneses e russos) permanecia cristalizada na comunidade de Chicago. As disparidades e incompatibilidades entre esses dois grupos foram um importante intensificador para a saída pioneira dos judeus alemães do gueto que, ao se deslocarem, transportavam consigo suas respectivas sinagogas.

O gueto era o distrito mais povoado de Chicago e se caracterizava por ser um misto de residências, principalmente cortiços, estabelecimentos comerciais e pequenas indústrias. Fazia-se visível enquanto uma comunidade judaica, não só pelas inúmeras sinagogas que comportava, mas também pela *Maxwell Street*. Junto a *Halsted Street*, a *Maxweel Street* formava o coração comercial do gueto. Em ambas, mas principalmente na *Maxwell Street*, encontrava-se um extenso comércio ambulante de mascates, feiras, diversas lojas de produtos *kosher* e, principalmente, as diferentes formas de comerciantes tipicamente judeus.

A deterioração da área e as constantes invasões que sofreu de diversos outros grupos de imigrantes – principalmente, poloneses e negros –, com o passar do tempo, transformaram-se em motivações para as gerações mais novas quererem deixar o gueto. Assim, a partir de 1914-1920, iniciou-se um lento, porém gradativo, processo de desorganização do gueto por meio da saída dos filhos dos imigrantes judeus, que mais tarde levariam os pais, para outras partes da cidade. Entretanto, segundo Wirth, o principal motivo para a saída dos judeus do gueto era os próprios judeus que permaneciam nele. Ao sair do gueto, muitos esperavam adquirir status ou, pelo menos, fazer com que seu status de imigrante fosse esquecido. Assim, à medida que esses judeus assimilavam a cultura e a sociedade norte-americanas, eles se deslocaram do centro da cidade, dessa área cultural segregada, em direção à periferia. De modo que a mudança social do grupo dentro da sociedade americana se refletia em sua mobilidade e movimentação pela cidade. Isso pode ser visualizado nas duas figuras a seguir, também retirada de Cutler (1996). A primeira refere-se a distribuição da população judaica

em Chicago, em 1931. A segunda registra a distribuição das sinagogas pela cidade de Chicago, tanto no período estudado por Wirth, 1888 e 1918, quanto posteriormente, 1948 e 1978. Ambas servem de evidencia essa indicação do autor de deslocamento da comunidade judaica de Chicago, do centro em direção à periferia da cidade.

Figura 3
Distribuição da População Judaica em Chicago (1931)
Fonte: Cutler 1996, p. 126

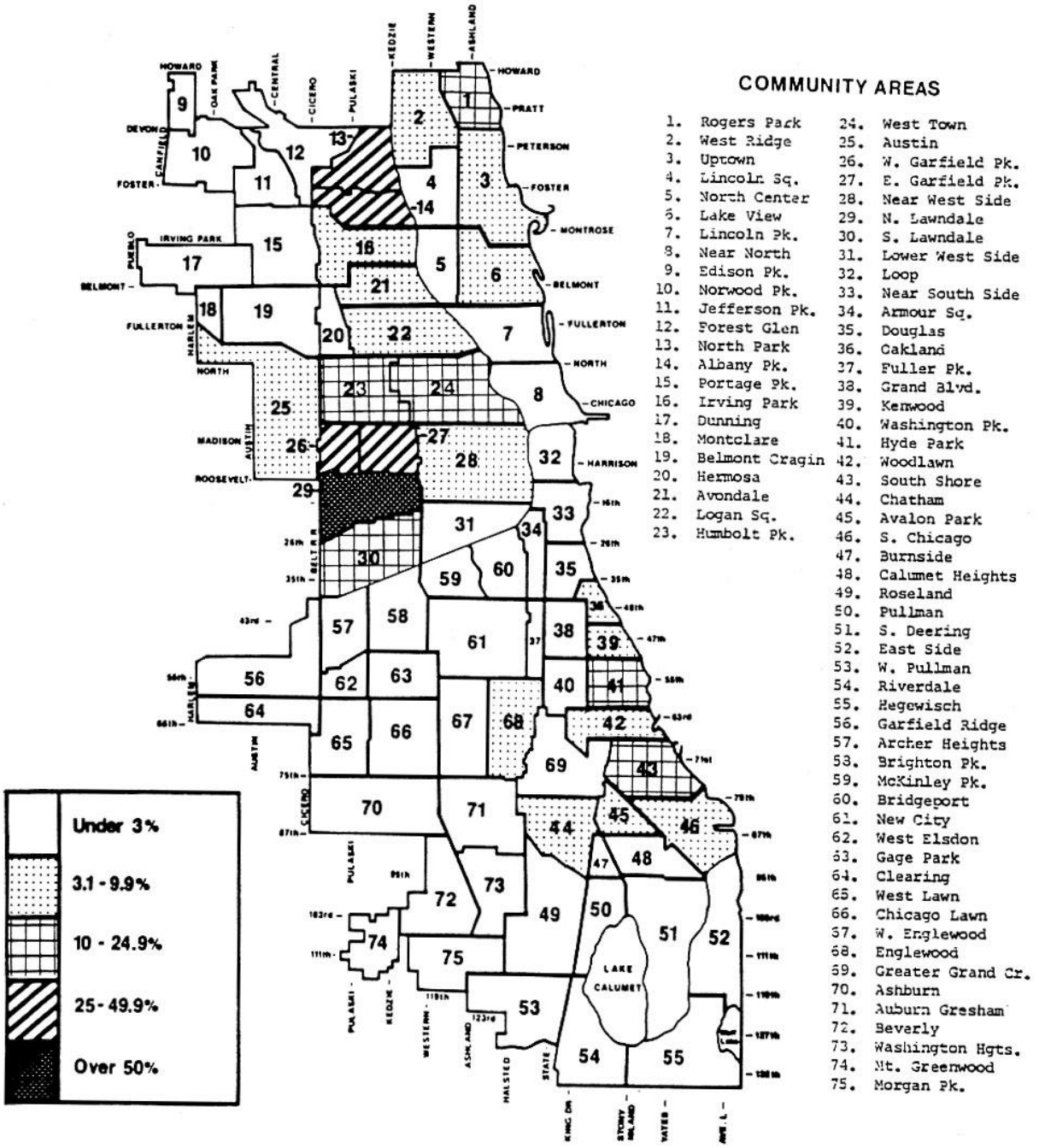
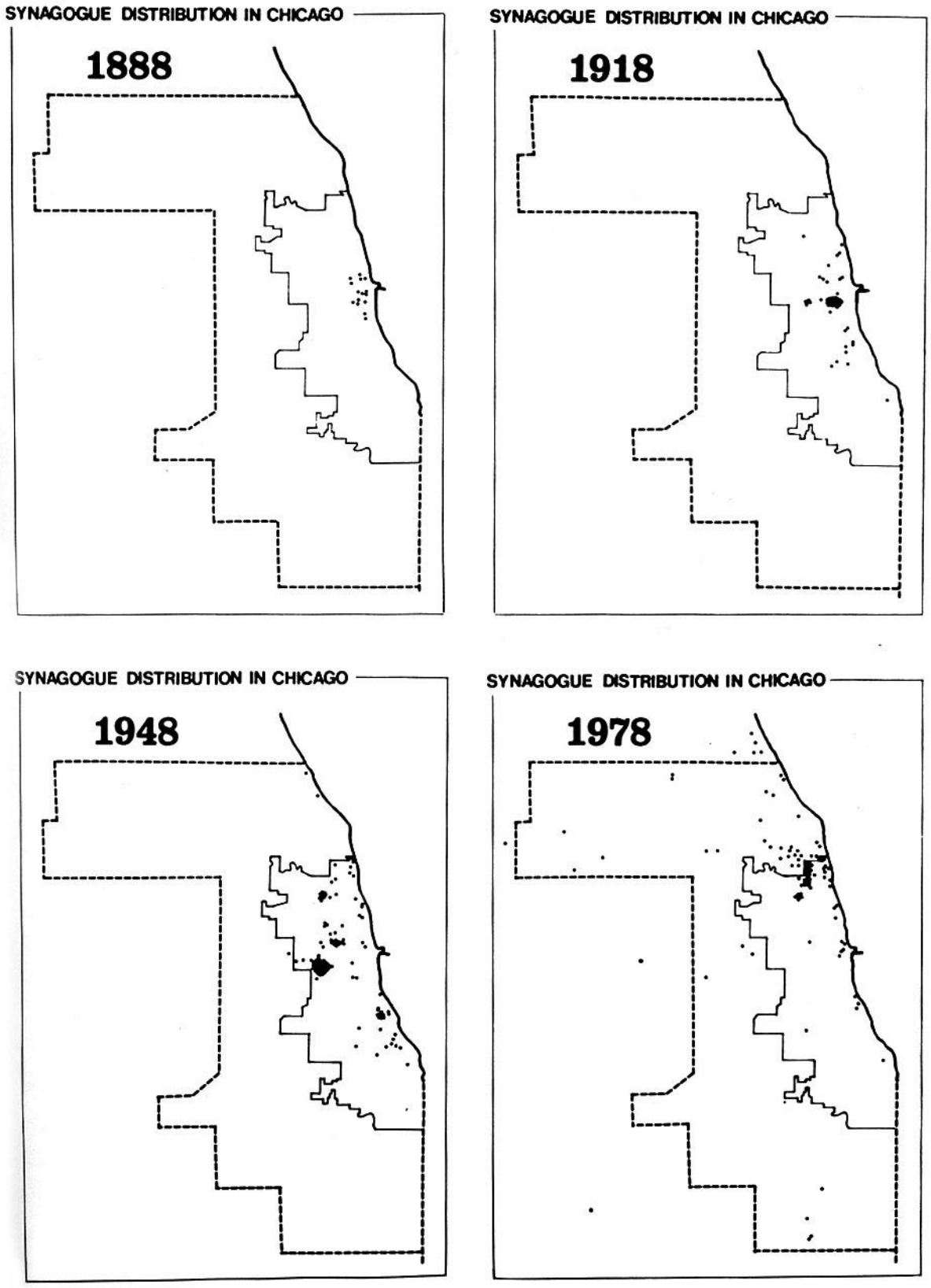


Figura 4
Distribuição de Sinagogas em Chicago
Fonte: Cutler 1996, p. 195



O gueto na cidade moderna

A partir do estudo empírico do gueto de Chicago, Wirth argumentou que, na cidade moderna, a tradição social e cultural de isolamento dos judeus, se soma a processos ecológicos, de modo que é possível encontrar guetos em todas as grandes cidades para as quais os judeus emigraram.

Sociologicamente, portanto, o gueto moderno possuía novos significados que se somam àqueles seis identificados para o gueto medieval:

[1] o de demonstrar concretamente o processo em curso de distribuição e agrupamento da população em comunidades urbanas, isto é, a espacialização das forças da ecologia humana;

[2] ilustrar originalmente

a) a maneira como um grupo cultural deu expressão a sua velha herança quando transplantada para um cenário estrangeiro,

b) o constante peneiramento e repeneiramento de seus membros,

c) e as forças por meio das quais a comunidade mantém sua integridade e continuidade;

[3] e, por fim, demonstrar os meios sutis pelos quais uma comunidade cultural gradualmente se transforma para se misturar com a comunidade mais ampla. (Wirth [1928a] 1998, p. 5)

Nesses termos, o gueto foi mais uma vez pensado por Wirth como uma instituição para a adaptação às necessidades de sobrevivência do grupo e de acomodação com a realidade externa que lhe é culturalmente diferente. E sua localização geográfica era um reflexo disso. O gueto situava-se na zona de transição da cidade, na região dos *slums*, isto é, de moradias deterioradas, com pouca população nativa e, portanto, culturalmente tolerante para a reprodução das características e instituições sociais dos judeus no ambiente moderno.

Entretanto, dado o fato de que o gueto não possuía muros concretos, apenas culturais, as relações entre esses judeus e a comunidade externa tornaram-se, pela dinâmica da metrópole, mais frequentes e oportunas. De modo que, se num primeiro momento, as forças ecológicas de competição, conflito e acomodação (entendidas como ligados à própria natureza humana, comparada a plantas e animais) impuseram o isolamento do grupo, num segundo momento elas processam sua assimilação. É com isso em mente que Wirth entende que:

> em países onde o contato entre judeus e não judeus tem persistido por algumas gerações, e onde nenhuma nova imigração de outro país no qual os judeus retêm seu velho status tenha tomado lugar, o gueto em grande medida se desintegrou. Sob essas circunstancias, não apenas o gueto tende a

> desaparecer, como a raça tende a desaparecer com ele. O contato com o mundo pela educação, pelo comércio e indústria, pela literatura e as artes tende a efetuar uma substituição dos valores culturais do gueto pelos do mundo mais amplo. (Wirth [1928a] 1998, pp. 125-6, tradução minha)

Nesse sentido, o gueto moderno foi entendido por Wirth como uma região de primeira fixação de imigrantes. Uma etapa num processo mais geral de assimilação social e cultural que se espacializa na cidade, na medida em que, conforme seus habitantes vão se integrando econômica e culturalmente à comunidade mais ampla, eles deixam o gueto em busca de áreas mais prósperas da cidade.

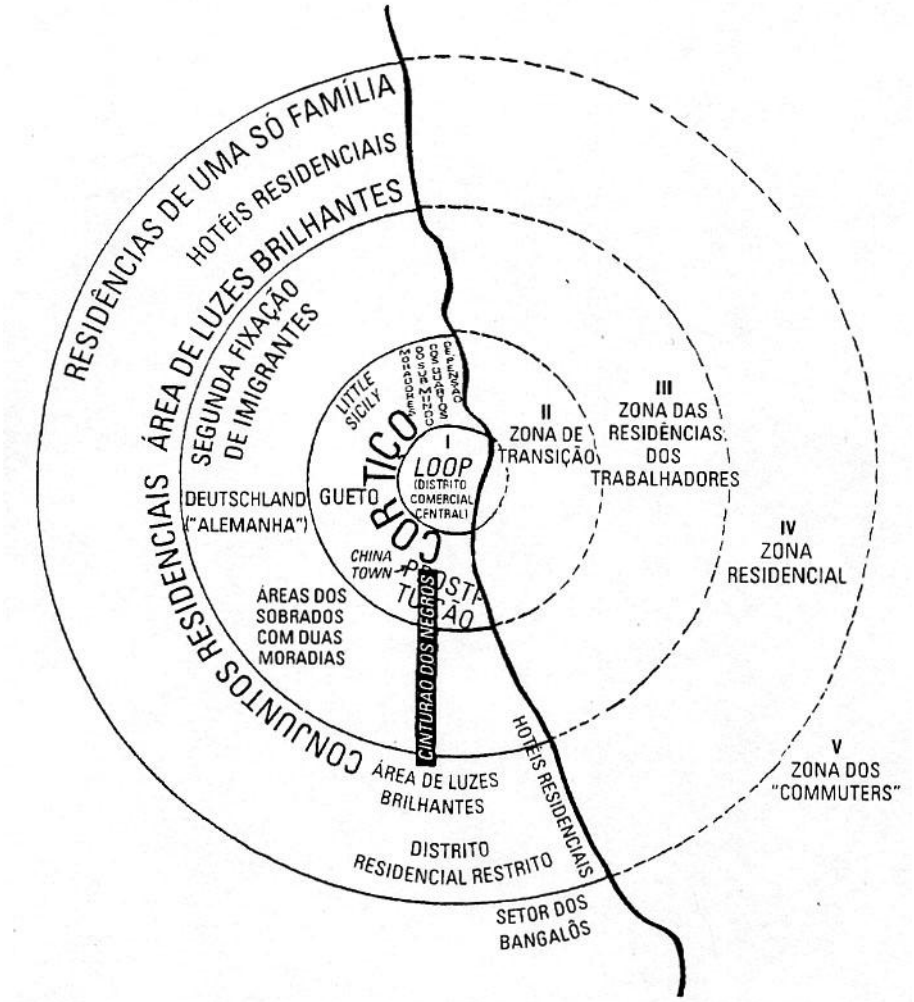
Entretanto, para Wirth, isso não significava que o gueto deixaria de existir como fenômeno social. Ao contrário, argumentou o autor que sua existência era sempre renovada com a chegada de novos imigrantes a cidade:

> Quando, no entanto, como é o caso da maioria das cidades grandes da Europa ocidental e dos Estados Unidos, um influxo constante de novos imigrantes reabasteceu a comunidade judaica em desintegração, lá um gueto, com todas as características cores locais, cresceu e se mantém. [...] No gueto moderno tal qual o vemos nos Estados Unidos, onde em alguns casos os judeus até estavam entre os pioneiros que ajudaram na fundação da vila ou cidade, o contraste entre as duas seções da comunidade judaica é ainda maior. O gueto é raramente mais que um estágio de transição entre o Velho e o Novo Mundos. (Wirth [1928] 1998, p. 128-9)

Nesses termos, a elaboração que Wirth deu ao conceito de gueto estava inserida na concepção de cidade então formulada por seus orientadores, Robert Park e Ernest Burgess, respectivamente, nos artigos “A cidade” (1915 e 1925) e “O Crescimento da Cidade” (1924). Essa concepção correspondia à ideia de uma instituição composta por uma dimensão física e outra cultural.

A dimensão física foi, mais detidamente, concebida por Burgess (1924), em sua formulação da estrutura urbana da cidade como um sistema de cinco círculos concêntricos (Figura 5), sendo que cada um configurava uma zona com uma localização específica, características próprias e habitadas por tipos e grupos de população selecionados. Sobre elas, opera um processo de crescimento radial, do centro para periferia, com o qual grupos econômicos, culturais e morais se espacializam. Isso, porque o autor entendia que as populações se organizavam na cidade de acordo com a dinâmica dada por forças relativas à natureza humana, tais como competição, conflito, acomodação e assimilação, e que as peneirava e as selecionava em grupos pela cidade. Nessa formulação, o gueto já configurava como uma área natural da cidade. O trabalho de Wirth veio, portanto, confirmar a percepção de Burgess, de que o gueto era a ponta inicial de um processo radial de sucessão de grupos de população pela cidade. Nesse sentido, Wirth entendia o gueto principalmente como uma área geográfica.

Figura 5
Estrutura Urbana e Áreas Urbanas por Burgess
Fonte: Eufrasio 1999, p. 82



Entretanto, Wirth preocupou-se também com as configurações e consequências culturais do gueto. Para problematizar isso, a inspiração principal era o programa de pesquisa formulado por Park em 1915 e ampliado em 1925[63].

As preocupações de Park com relação à cidade eram também preocupações de quem testemunhou a formação da grande cidade moderna norte-americana. Por isso, ela foi muito pensada em oposição à organização espacial e cultural do campo. Assim, entre outros elementos para os quais chamava a atenção estava a transformação social e cultural que os diferentes grupos vivenciavam na metrópole. Essas transformações iam desde a tentativa de reconstrução da cultura do Velho Mundo na metrópole por meio de vizinhanças segregadas, passando pela crise em seus instrumentos de controle social e instituições e pelo relaxamento de suas relações primárias até sua dissolução por meio da dispersão entre o grupo mais amplo,

[63] Na primeira versão do artigo de Park, o autor não utilizou nenhuma vez o termo gueto. Entre as alterações que realizou para republicar o artigo na coletânea *The City*, incluiu a seguinte passagem: "Por outro lado, o isolamento das colônias raciais e de imigrantes nos assim chamados guetos e as áreas de segregação populacional tendem a preservar e, onde existia preconceito racial, a intensificar a intimidade e solidariedade dos grupos locais e de vizinhança" (Park 1925 *in* Velho 1967, p. 37).

quando certamente se reagruparia em outras vizinhanças e em outros grupos vocacionais. Esse aspecto cultural parece ser aquele o que Wirth privilegiou tanto para pensar o gueto medieval quanto o moderno e a cidade que o abrigou.

Nisso, outra importante inspiração era, sem dúvida, Thomas, pois, ao discutir as características culturais tanto do gueto medieval quanto do gueto de Chicago, Wirth retomou a discussão sobre os tipos de personalidade entre os judeus.[64]

No mestrado, conforme apresentamos, Wirth elaborou uma tipologia não tão específica aos imigrantes judeus, ainda que diretamente inspirada em seus relatos de casos. Era uma tipologia mais "universalista", de tipos sociais ou de personalidades que poderiam ser encontrados tanto em comunidades de imigrantes quanto na sociedade mais ampla. Declaradamente inspirada na tipologia tripla de Thomas e Znaniecki, em *The Polish Peasant*, que derivava dos quatro tipos de desejos fundamentais do homem, tratava-se de uma tipologia mais relacionada à discussão sobre a natureza e o comportamento humanos de uma maneira geral.

No artigo "Some jewish types of personalities", que correspondia a uma comunicação proferida no encontro anual da *American Sociological Society* de 1925, publicada nos anais do encontro em 1926, Wirth fez sua primeira tipologia específica ao povo judeu. No artigo não fica claro se o autor pensa os judeus de uma maneira geral ou apenas os grupos que imigraram para os Estados Unidos. De qualquer forma, a tentativa de elaborar uma tipologia de um grupo específico lhe traz a necessidade de discutir o próprio grupo como tipo social específico e, consequentemente, como "raça", nacionalidade e grupo cultural (ou poderíamos dizer também: etnia). Pelo próprio tamanho do artigo (sete páginas), o autor não realiza, nesse momento, essa discussão a contento, apenas fez uma menção muito superficial a o que a temática se relaciona. O artigo é mais uma listagem de 31 tipos judaicos, que pela argumentação do autor organizamos em seis categorias:

A. Tipos relacionados à esfera vocacional, pelo ponto de vista de sucesso:

(1) *Mensch* – em iídiche: *mentsh*, possivelmente vem do alemão com o sentido de homem, ser humano, humanidade; em inglês, corresponde a pessoa de integridade e honra. Wirth o identifica como um tipo que representa pessoas de status econômico superior, que atingiu o sucesso sem sacrificar sua identidade judaica.

[64] A discussão de Wirth sobre os tipos de personalidade ocorre fundamentalmente em três textos: o mestrado de 1925, o artigo "Some jewish types of personalities" de 1926 e o doutorado *The Ghetto*. Há outros dois momentos no qual o autor discutiu a questão da personalidade, entretanto, sem a preocupação de estabelecer tipos, nos artigos: "The meaning of environment in social life", de 1931, e "Social interaction: the problem of the individual and the group", de 1939.

(2) *Allrightnick*: esse é um tipo social presente em Thomas (1921), que Wirth usa com o mesmo sentido de pessoa que adquiriu status econômico e sucesso sacrificando sua própria identidade judaica, que trata com certa atitude de desdém.

Em oposição ao *Mensch* e ao *Allrightnick*, Wirth identificou:

(3) *Schlemiel*: que pode ser entendido como desleixado, negligente, fracassado, quem falha miseravelmente em tudo aquilo que empreende.

(4) *Luftmensch*: corresponde ao indivíduo sem trabalho e sem renda definida.

(5) *Schacherjude*: o mascate, o vendedor ambulante.

B. Tipos vocacionais relacionados à sinagoga: (6) rabino; (7) professor; (8) *Chazan*, o cantor; (9) *Shochet*, o açougueiro; (10) *Shamus*, o sacristão; (11) *Schadchen*, o casamenteiro; (12) *Schnorrer*, o pedinte; (13) Filantropo.

C. Tipos sociais intelectuais: (14) *Yeshiba Bochar*, o estudante do Talmud; (15) *Melammed*, o professor rabínico; (16) *Groberjung*, o ignorante, inculto.

D. Tipos sociais relacionados a vida religiosa:

(17) *Zaddik* o personagem patriarcal devoto, de conduta exemplar, digno de emulação por parte dos mais novos;

(18) *Meshumed*: corresponde ao oposto do tipo acima, é o apóstata, o descrente;

(19) *Kleikodeshnik*: aquele que faz da devoção sua profissão;

(20) *Schönerjüd*: o conservador, corresponde a uma pessoa estudada, porém ociosa;

(21) *Staatsbalabos*: o líder patriarcal;

(22) *Kolboinik*: a personificação de toda perversidade;

(23) *Gottkossak*: o juiz autodesignado da devoção dos membros da comunidade.

E. Tipos ligados à vida em comunidade: (24) *Lodgenik*, o sociável que pertence a várias organizações e funciona como um agregador; (25) *Genosse*, o pregador socialista; (26) *Kibitzer*, o cordial brincalhão ocioso; (27) *Leptcheche*, o fofoqueiro; (28) *Society-lady*, a senhora da alta sociedade; (29) *Radikalke*, a senhora do gueto do tipo tagarela e com modos emancipados.

F. Tipos relacionados ao processo de assimilação:

(30) *Deitchuk*: pessoa afetuosa as práticas e modos alemães;

(31) *Ototot*: pessoa emancipada que ainda mantém alguns traços da tradição.

Não seria necessária uma comparação rigorosa para perceber que esses 31 tipos consideravelmente distintos da tipologia tripla proposta por Thomas e Znaniecki, em *The Polish Peasant*. Poderia-se ainda questionar se de fato correspondem a tipos de personalidades, como quer o título do artigo, ou se estão mais próximos de tipos vocacionais ou papéis sociais. A brevidade do artigo, não permitiu o autor esclarecer essas questões; e sua superficialidade, por vezes, fez essa listagem parecer um compilado de estereótipos comumente associados a judeus.

Em *The Ghetto*, Wirth manteve-se na preocupação de definir uma tipologia específica dos judeus; mas com a compensação das lacunas do artigo de 1926. Nesse momento, o autor repete a maior parte dos tipos de personalidade identificados no artigo, entretanto, não os apresenta listados de uma vez só, mas dispersos pelo livro, o que permite entender a historicidade dos tipos. Nesse sentido, o autor esclareceu quando se tratava de tipos da cultura judaica como um todo em toda sua diversidade, ou de tipos específicos de judeus da Europa medieval, ou de tipos específicos de judeus imigrantes nos EUA, bem como se esses estavam ou não relacionados ao processo de assimilação. Assim, sua discussão sobre o grupo judaico como um tipo social foi realizada de maneira mais completa, contemplando suas relações com as categorias de "raça" e "mente" ou "mentalidade". Sua formulação se manteve mais distante da de *The Polish Peasant*, e de alguma forma se aproximava da de *Old World Traits Transplanted*, entendendo esses tipos de personalidade quase como sinônimos de posições e papéis sociais que um indivíduo desempenha no grupo.[65]

Esse entendimento não está longe do que Wirth apresentou em 1931, como função do estudo da personalidade no entendimento dos fenômenos sociais:

> A culture has no psychological significance until it is referred to a personality, and vice versa, a personality is unthinkable without a cultural milieu. The sociologist, moreover, is not primarily interested in personality, but in culture. But culture is not some sort of substance that passes from one generation to the next, or from one individual to another, by means of a biological mechanism, or a simple process of transference. […] Ordinarily customs are passed from adults to children […]. If the human personality is conceived of, as the sociologists propose, in terms of status or position in society, then it is evident that all of us being members of a number of social groups, each with a culture of its own, we are called upon to play a number of […] rôles. (Wirth 1931c, p. 490)

Por fim, queremos chamar a atenção para alguns elementos da discussão de Wirth em *The Ghetto*, que, apesar dos dez anos que os separam, reaparecem em seu tratado sobre a cidade, de 1938, intitulado "Urbanismo como modo de vida". Nele, o autor reelaborou alguns dos argumentos antes desenvolvidos por seus orientadores, inclusive pensando-o como um

[65] Essa discussão mereceria melhor aprofundamento que, entretanto, não tivemos tempo hábil para realizar.

programa de pesquisa. E, apesar de levar em conta a importância de sua estrutura física para entender a cidade, que está inclusive nos três elementos que identifica como definidores de um conceito sociológico de cidade – tamanho, densidade e heterogeneidade –, enfatizou a questão de uma cultura propriamente urbana, nos termos de um "modo de vida urbano".

Assim, Wirth identificou nas grandes cidades modernas a intensificação da divisão do trabalho e seu caráter segmentário, o que de certa forma explicaria o isolamento e a existência de guetos nelas.

> O local e a natureza do trabalho, a renda, as características raciais, étnicas, o *status* social, os costumes, hábitos, gostos, preferências e preconceitos estão entre os fatores significantes de acordo com os quais a população urbana é selecionada e distribuída em locais mais ou menos distintos. Elementos populacionais diversos, habitando localidade compacta, tendem portanto a se separar uns dos outros na medida em que suas necessidades e modos de vida são incompatíveis uns com os outros e na medida em que sejam antagônicos. Do mesmo modo, pessoas de *status* e necessidades homogêneos, consciente ou inconscientemente, se dirigem ou são forçadas para a mesma área. (Wirth 1938 *in* Velho 1967, pp. 111-2)

Mas também chamou a atenção para o fato dessas cidades proporcionarem a emancipação do controle dos grupos íntimos, a mobilidade econômica e social e, assim, possuir um componente cosmopolita e nivelador, o que explicaria porque nelas as populações dos guetos tendem a se assimilar e, consequentemente, a instituição, a desaparecer.

> A cidade [...] tende a parecer um mosaico de mundos sociais nos quais é abrupta a transição de um para o outro. A justaposição de personalidades e modos de vida divergentes tende a produzir uma perspectiva relativista e um senso de tolerância de diferenças que poderão ser encaradas como pré-requisitos para a racionalidade e que conduzem à secularização da vida. [...] Esse fato contribui, também, para a sofisticação e o cosmopolitismo do habitante da cidade. Nenhum grupo isolado é possuidor da fidelidade exclusiva do indivíduo. [...] Apesar da cidade, através do recrutamento de tipos variados para executar seus diversos trabalhos e da acentuação de seu caráter *sui generis* através da concorrência e do prêmio pela excentricidade, novidade, desempenho eficiente e inventividade, produzir uma população altamente diferenciada, ela também exerce uma influência niveladora. Onde quer que estejam concentradas grandes quantidades de indivíduos de constituições diferentes, entra também o processo de despersonalização. (Wirth 1938 *in* Velho 1967, pp. 112-4)

Capitulo 5

Re-significando o "Gueto": a crítica de Loïc Wacquant ao conceito de Louis Wirth

> *O gueto não é uma "área natural" que serve para separar populações e atividades, co-exestensivo à "história da migração", como sabidamente afirmou Louis Wirth em seu livro clássico The Ghetto e, depois dele, legiões de sociólogos e urbanologistas, que, caindo na armadilha ecológica montada pelos pioneiros da Escola de Chicago, confundiram gueto com cortiço e bairro étnico. Trata-se, pelo contrário, de um tipo especial de violência coletiva, concretizada no espaço urbano, que se aplica a um subconjunto limitado de categorias étnicas, na era moderna. (Wacquant 2008, pp. 12-3)*

Loïc Wacquant, assim como Louis Wirth, teve seu primeiro contato com a temática do gueto durante seu doutorado, que realizou na Universidade de Chicago, quando foi levado a lidar cotidianamente com a realidade empírica que ele representa. Assim, realizou anos de pesquisa de campo, fundada principalmente na observação participante, que resultou em seu trabalho sobre os ringues de boxe.[66]

Desde então, o gueto tornou-se para o autor um tema importante que permeia a maior parte de sua produção bibliográfica. Dentre ela, há uma preocupação com a conceituação do termo e, consequentemente, com a crítica do uso que Louis Wirth e a Escola de Chicago fizeram dele.[67]

---

[66] As informações sobre a biografia de Loïc Wacquant foram retiradas da entrevista que cedeu a Susana Durão (2008), na ocasião do III Ethnografeast, em junho de 2007, em Lisboa.

[67] O tratamento aqui apresentado da crítica de Wacquant a Wirth foi realizado com base, principalmente, no verbete "ghetto", que escreveu para a *International Encyclopedia of the Social and Behavior Sciences*, de Neil J. Smelser e Paul B. Baltes (2004). Trata-se, em realidade, de um trabalho que Wacquant apresentou no seminário *Poverty, Immigration and Urban Marginality in Advanced Societies*, em Paris, em maio de 1991. Em 2004, a pedido de Ulf Hannerz, Wacquant revisou seu texto para integrar a enciclopédia de Smelser e Baltes. Essa segunda versão, traduzida na *Revista de Sociologia e Política*, nº. 23, nov 2004, é a que me utilizo, porém cotejada com o original (disponível na página pessoal do autor http://sociology.berkeley.edu/faculty/wacquant), devido a importantes problemas na tradução. Há ainda uma terceira versão desse texto, motivada pela tradução espanhola, para qual o autor reviu, ampliou e publicou com o título de "As duas faces do gueto". Essa versão foi incluída em sua última publicação, de mesmo nome, que corresponde a uma compilação de artigos do autor em torno do tema. Essa obra foi publicada no Brasil, pela Boitempo, em 2008, e, no caso desse artigo, corrige os principais problemas de tradução da versão anterior.

A propósito, essa foi uma dificuldade que encontrei para entender e lidar com a produção de Loïc Wacquant, que é composta majoritariamente por artigos. Dada a sua significativa rede de contatos, com frequência, o autor publica seus artigos primeiro como traduções. Diante da oportunidade de publicá-los novamente nas línguas em que escreve (inglês e francês), em geral, o autor os revisa, e publica com alterações, ampliações ou reduções, que, não raro, geram novas traduções. Entretanto, nem sempre, isso é devidamente indicado, seja pelo próprio autor, ou por seu tradutor.

Tendo em vista meu interesse na construção e no amadurecimento da formulação conceitual do autor, procurei reconstruir a trajetória dos artigos que utilizo aqui. No entanto, isso não foi satisfatoriamente possível para todos. De modo que, assumo a possibilidade de equívocos de minha parte na datação dos artigos do autor.

Críticas aos usos do termo gueto

Loïc Wacquant iniciou seu debate para a sistematização do conceito de gueto com uma crítica geral aos seus usos nas ciências sociais:

> É paradoxal que, apesar de terem feito amplo uso de "gueto" como termo *descritivo*, as Ciências Sociais não tenham conseguido produzir um conceito *analítico* robusto a partir dele. (Wacquant 2004 *in* Wacquant 2008, p. 76; grifos do autor)

Sua crítica estava fundamentada num retrospecto histórico de cinco momentos que o autor fez do campo semântico do termo nas Ciências Sociais e na sociedade estadunidenses. Nele, identificou uma sucessão de usos, em sentidos "contraído" e "expandido", de acordo com as conexões estabelecidas entre etnia e pobreza, pelas elites políticas e intelectuais dos respectivos períodos. Assim:

[1] Na última metade do século XIX, o termo foi originalmente apropriado, em "sentido contraído", para referir-se a concentrações residenciais de judeus europeus nos portos do Atlântico.

[2] Na Era Progressista, com a atuação dos reformistas, o termo foi "expandido" na medida em que passou a incluir todos os distritos urbanos do *inner city* (ou da "zona de transição", nos termos propostos por Burgess) onde imigrantes e negros (migrados do Sul) se aglomeravam. Significava, portanto, uma mistura entre *slums*, bairros étnicos, abandono físico e superpopulação. Segundo o autor, esse sentido

> Recebeu autoridade científica com o paradigma ecológico da Escola de Chicago. Em seu livro clássico, *The Ghetto*, Louis Wirth assimila ao gueto judeu da Europa medieval outros guetos: "Pequenas Sicílias, Pequenas Polônias, Chinatowns e Cinturões Negros de nossas cidades grandes", assim como as "áreas do vício", que abrigam os tipos desviantes, tais como vagabundos, boêmios e prostitutas – todas elas consideradas áreas "naturais", nascidas do desejo universal de diferentes grupos de "preservar suas formas culturais", e cada uma cumprindo uma "função" especializada no seio do organismo urbano geral. (Wacquant 2004 *in* Wacquant 2008, p. 76).

[3] No pós Segunda Guerra Mundial, com os movimentos de direitos civis e com as revoltas negras dos anos 1960, o termo voltou a ser "contraído" para denunciar os

---

Complementei a análise desse verbete de Wacquant com os artigos: "Estado e destino do gueto: retraçando a linha da cor urbana nos Estados Unidos pós-fordista" (1994) e "'Uma cidade negra dentro da branca': o gueto norte-americano revisitado" (1998). Optei por não incluir um artigo importante: "Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano". Esse artigo foi publicado pela primeira vez em 1996, numa versão reduzida para língua portuguesa na revista *Mana* (vol. 2, nº. 2). No ano seguinte, o autor publicou a versão completa, em inglês, no *International Journal of Urban and Regional Research* (vol.21, nº. 2, junho de 1997), que foi intensamente debatida, inclusive com seis comentários, publicado nos números seguintes da revista, de nomes importantes em estudos urbanos: Michael B. Katz, Janet Abu-Lughod, Herbert J. Gans, Javier Auyero, Kenneth L. Kusmer, Paul A. Jargowsky, Ceri Peach e Sharon Zukin. Entretanto, o alvo da crítica de Wacquant nesse artigo não é a formulação de Louis Wirth ou a ecologia humana da Escola de Chicago, mas os políticos e teóricos que diluíram o gueto no termo "*underclass*" (neologismo por eles mesmos criado). Wacquant até chega a citar Wirth, porém, num conjunto confuso de abordagens sobre o tema e muito diferente da apresentação sobre as formulações de Chicago demonstrada em outros artigos.

enclaves compactos e saturados aos quais os negros eram relegados ao migrarem para centros industriais.

[4] Nas décadas de 1970 e 1980, o termo foi novamente "expandido" para incluir o *inner city* e suas *underclass*, consideradas como as porções inferiores da população negra, moralmente julgadas por comportamentos antissociais, desemprego endêmico e isolamento social.

[5] A partir de 1990, o termo foi mais uma vez "expandido", diluindo-se na identificação de qualquer área ou grupo de pobreza extrema. Assim, o elemento etnorracial de sua definição foi secundarizado, o que lhe permitiu ser aplicado tanto no estudo de segregação de populações estigmatizadas, como por exemplo, os homossexuais, quanto nos debates científicos e políticos europeus sobre os imigrantes pós-coloniais.

Com esse retrospecto histórico, Wacquant não apenas criticou os usos do termo gueto, mas também extraiu os elementos essenciais para construí-lo como um conceito relacional, isto é, de uma instituição com posição específica no campo de relações assimétricas de poder e dominação que definem as sociedades. Assim, o autor construiu o conceito de gueto, concretamente, como um instrumento de enclausuramento e controle étnico e, analiticamente, como uma ferramenta para evidenciar as relações sociais de dominação etnorraciais e as desigualdades urbanas.

Dessas primeiras colocações de Wacquant, podemos retirar duas questões importantes: [1] a posição do autor na própria linha histórica dos usos do termo e [2] a concepção de Sociologia na qual sua construção está ancorada.

Quanto à primeira questão, é claro que Wacquant não apresenta a discussão nesses termos, porém, podemos pensar sua formulação na mesma lógica com a qual ele avaliou o histórico do campo semântico de gueto. Isso porque acreditamos que ele propõe um "sentido contraído" para o termo. E, na medida em que ele apresenta seu conceito como uma ferramenta para evidenciar relações sociais de dominação, ele possui certo componente político de denúncia. Essas duas características aproximam bastante sua formulação com a identificada no terceiro momento histórico de uso do termo, o que parece sugerir que ela configuraria um sexto momento na história do termo.

Quanto à segunda questão, ela pode ser percebida se compararmos a construção de Wacquant com a de Louis Wirth. Pelas palavras iniciais do autor, podemos logo inferir que ele não considera a formulação de Wirth um conceito analítico. Mesmo reconhecendo que

Wirth foi o primeiro a dar *status* científico ao termo, Wacquant o inclui no conjunto de pesquisas que tomou para si o sentido do termo dado pelo senso comum da sociedade que pesquisou e que, assim, confundiu conceito nativo (ou conceito *folk*, nos termos originais de Wacquant) com conceito sociológico.

Entretanto, tendo em vista que Wirth se propôs, literalmente, a construir um conceito sociológico de gueto e que também o pensa como uma instituição, isso evidencia que estamos diante de autores com concepções muito diferentes do que é conceito, Sociologia e, consequentemente, ciência.

Essas diferenças ficam evidentes se tivermos em conta o contexto histórico e da Sociologia em que cada autor se insere. Enquanto Louis Wirth e a Escola de Chicago localizaram-se no início da história da disciplina nos EUA, quando uma preocupação importante era dar a ela o *status* das ciências naturais, Wacquant situa-se em outro contexto acadêmico, quando a disciplina já era entendida como uma ciência específica com métodos e técnicas de pesquisa próprios. Enquanto os primeiros, de alguma forma, se vincularam a Sociologia empirista e pragmatista norte-americana, o segundo está completamente inserido na tradição da Sociologia Reflexiva, inicialmente, proposta por por Pierre Bourdieu, mas que ganha contornos específicos com o próprio Wacquant, que corresponde a um complexo intricado de contribuições do pensamento funcional-institucionalista de Émile Durkheim e Marcel Mauss, das posições críticas de Karl Marx, do viés histórico-compreensivo de Max Weber, da compreensão estruturalista de Claude Levi-Strauss e do interacionismo simbólico de Erving Goffman.

Em termos da definição de conceito, Wirth entendia que um conceito sociológico servia para classificar, ou mesmo nomear, a realidade social e empírica e identificar seus processos mais gerais. Assim, pensou seu conceito de gueto como uma ferramenta sociológica para a análise da segregação, do isolamento, da concentração espacial e cultural. Já Wacquant, o entende como uma categoria de conhecimento crítico para a revelação dos campos de dominação e poder que compõe a sociedade mais ampla. Por isso, define seu conceito de gueto como um instrumento para análise da dominação racial e da desigualdade urbana.

O conceito relacional de gueto

Para identificar os elementos centrais que compõem seu conceito relacional de gueto, Wacquant (assim como Wirth) voltou-se à origem histórica do termo e ao fenômeno que ele

descrevia na Veneza durante o Renascimento. Porém, chegou a conclusões distintas do autor de Chicago.

Para Wacquant, as características principais da instituição veneziana de consignação forçada de judeus foram: [1] estigma; [2] coerção, [3] confinamento espacial e [4] encapsulamento institucional. A síntese e generalização dessas quatro características permitem entender o gueto como:

> um dispositivo sócio-organizacional que usa o espaço com o fim de conciliar dois objetivos antinômicos: maximizar os lucros materiais extraídos de um grupo visto como pervertido e perversor e minimizar qualquer contato íntimo com seus membros, a fim de evitar a ameaça de corrosão e de contágio simbólicos, dos quais são supostamente portadores. (Wacquant 2004 *in* Wacquant 2008, p. 79)

Wacquant verifica a validade dessa formulação do conceito com duas outras experiências históricas que considerou comparáveis à dos judeus na Idade Média: a dos afro-americanos na metrópole fordista durante a maior parte do século XX e a dos Burakumin nas cidades japonesas após o fim da era Tokugawa (1868). Com base nelas, o autor reafirmou sua definição do termo, postulando que os guetos são resultados de uma lógica dupla de exploração econômica e de ostracismo social e que correspondem à violência coletiva concretizada no espaço.

Com o conceito definido nesses termos, Wacquant aproveitou para, uma vez mais, posicionar-se criticamente em relação a Wirth e à Escola de Chicago. Textualmente, ele se colocou da seguinte forma:

> Dispersos por três continentes e cinco séculos, os casos dos judeus, dos afro-americanos e dos Burakumin demonstram que o gueto não é, *a despeito de* Wirth, uma "área natural", cuja formação resultaria de um processo de adaptação ao ambiente governado por uma lógica biótica "semelhante à cooperação competitiva em que se baseia a comunidade vegetal". O erro da primeira Escola de Chicago constituiu "em converter história em história natural" e tomar a guetoização por uma "manifestação da natureza humana", virtualmente coextensiva à "história das imigrações", quando na verdade é uma forma muito peculiar de urbanização modificada por relações assimétricas de poder entre grupos etnoraciais: uma forma especial de *violência coletiva concretizada no espaço urbano*. O fato de a guetoização *não* ser um processo "descontrolado e desintencional", como afirmava Robert E. Park em seu prefácio a *The Ghetto* de Louis Wirth, foi demonstrado de maneira particularmente estrondosa após a Segunda Guerra Mundial, quando o gueto negro norte-americano foi reconstruído "de cima" pelo Estado por meio de políticas de habitação pública, renovação urbana e desenvolvimento econômico das zonas periféricas. (Wacquant 2004 *in* Wacquant 2008, p. 81; grifos do autor).

Sobre essa crítica, há pelo menos três comentários importantes a serem feitos. O primeiro diz respeito à leitura que Wacquant faz dos autores de Chicago, o segundo, à sua concepção de espaço urbano e o terceiro, à realidade empírica que ele problematiza.

Quanto à leitura que Wacquant faz dos autores de Chicago, parece-nos haver alguns equívocos. Isso se evidenciou nos três momentos em que citou Wirth e Chicago:

[1] “área natural”: Wacquant acertadamente identificou que Wirth considera o gueto uma área natural da cidade. Entretanto, não seria de todo correto apresentá-la apenas como resultado de processo de lógica biótica. Tanto Wirth, quanto Burgess (1925 e 1929) na formulação original do termo, considera, sim, uma área natural resultado de forças bióticas, ou melhor, ecológicas, mas também vê nelas a influência de elementos ou forças geográficas, econômicas, culturais e políticas;

[2] “história natural”: Wacquant parece ter lido o termo apenas com o que a expressão literal poderia sugerir. Não se atentou para o fato, já colocado aqui, de que na Escola de Chicago a ideia de conversão da “história em história natural” era mais uma proposta de construção de conhecimento científico (aos moldes das ciências naturais), que propriamente a naturalização de um fenômeno;

[3] “descontrolado e desintencional”: ao utilizar esses dois adjetivos no prefácio a *The Ghetto*, Park referia-se não ao surgimento ou crescimento do gueto, mas a cidade como um todo:

> nada é mais certo, como os estudos recentes da comunidade urbana têm demonstrado, que o fato de que a cidade como ela existe é em grande parte o produto de tendências sobre as quais temos ainda pouco conhecimento e menor controle. Sob a influência dessas forças, e dentro dos limites que o acidente geográfico e histórico impõe, a cidade está constantemente assumindo uma forma que não é meramente convencional, mas típica. Em suma, a cidade não é meramente um artefato, mas um organismo. Seu crescimento é fundamentalmente como um todo, natural, isto é, *descontrolado* e *desintencional*. As formas que tende a assumir são aquelas que representam e correspondem às funções que é chamada a desempenhar. (Apud Park Wirth [1928] 1998, p. lxvi; tradução e grifos meus).

E, ainda que tenha estendido essas características e forças que organizam a cidade às áreas naturais, Park tinha consciência de que, uma vez criadas, elas cumpriam funções especificas na cidade como um todo. Na realidade, as afirmações de Park sobre a cidade, desde o artigo de 1915, possuem uma dupla dimensão. Ao mesmo tempo em que ele caracteriza a cidade como complexa e caótica, procura ter sobre ela uma visão ampla e geral.

Apesar dos equívocos nas citações aos autores de Chicago, elas dizem respeito a certa concepção de espaço urbano, que colocam em Wacquant a necessidade de se pronunciar com relação a isso. Assim, ele enunciou o gueto como uma forma peculiar de urbanização. Peculiar porque modificada por relações entre grupos étnicos, que em termos de poder estavam em dessimetria e, portanto, em conflito. Daí, a violência coletiva que confina uma determinada população num determinado espaço físico. Disso, podemos entender que a urbanização é a concretização de relações sociais, entendidas quase sempre como relações de

poder, num espaço. Consequentemente, o espaço urbano é o local onde relações de poder se concretizam.

Essa é uma percepção do espaço urbano, e consequentemente de cidade, nos moldes da definição de espaço físico de Bourdieu, que considerava que as estruturas sociais se retraduziam em estruturas físicas.

> Efetivamente, o espaço social se retraduz no espaço físico, mas sempre de maneira mais ou menos *confusa*: o poder sobre o espaço que a posse do capital proporciona, sob suas diferentes espécies, se manifesta no espaço físico apropriado sob a forma de uma certa relação entre a estrutura espacial da distribuição dos agentes e a estrutura espacial da distribuição dos bens ou dos serviços, privados ou públicos. (Bourdieu, [1993] 2003: 160; grifos do autor).

Com essa citação de Bourdieu, podemos entender também por que o encapsulamento e o paralelismo institucional são importantes para Wacquant em sua definição de gueto.

Do conceito de gueto tal como formulado por Wacquant, temos evidenciado também a realidade empírica que sustenta sua concepção. Wacquant exemplifica sua crítica a Chicago e sua concepção relacional de gueto com a metrópole norte-americana do pós-Segunda Guerra Mundial. Uma realidade urbana um tanto quanto diferente da problematizada pela Escola de Chicago, que se preocupou com a metrópole do entre guerras. Isso de alguma forma pode explicar porque que para os autores de Chicago a questão da mobilidade é tão importante, enquanto para Wacquant o que se configura como mais essencial é o isolamento e o imobilismo.

Essa cidade problematizada por Wacquant é outro elemento que evidencia sua vinculação a Bourdieu, porque ela também exemplifica as percepções desse autor sobre o lugar do Estado nas relações de poder e nas lutas pelo espaço físico:

> As lutas pelo espaço podem também assumir formas mais *coletivas*, como é o caso daquelas que se desenrolam a nível nacional em torno das políticas de habitação, ou daquelas que ocorrem a nível local, a propósito da construção e da distribuição de moradias sociais ou das escolhas em matéria de equipamentos públicos. Os mais decisivos têm como aposta última a política do Estado que detém um imenso poder sobre o espaço através da capacidade que ele tem de fazer o mercado do solo, da moradia e também, para uma grande parte, do trabalho e da escola. Assim, no confronto e nos ajustamentos entre os altos funcionários do Estado, eles próprios divididos, os membros dos grupos financeiros, diretamente interessados no mercado de crédito imobiliário, e os representantes das coletividades locais e das repartições públicas, foi sendo elaborada a política da habitação, que principalmente através do sistema fiscal e das ajudas à construção, operou uma verdadeira *construção política do espaço*: na medida em que ela favoreceu a *construção de grupos homogêneos em base espacial*, esta política é, para uma grande parte, responsável pelo que se pode observar diretamente nos grandes conjuntos degradados ou nos bairros tornados desertos pelo Estado. (Bourdieu [1993] 2003, p. 166).

As funções sociais do gueto

Tendo definido o conceito relacional de "gueto", Wacquant chama a atenção para as funções sociais que o gueto, como instituição, possui na sociedade capitalista. Para o autor, o gueto é como a figura de Janus: bifacetada; porque corresponde a uma só instituição que cumpre funções opostas para o grupo dominante e para o dominado.

Para o grupo dominante, o gueto tem a função, já enunciada, de circunscrever e de controlar. Wacquant explica essa função como sendo a tradução do que Max Weber chamou de "cercamento excludente" da categoria dominada. Sua metáfora seria a "arma". Já para o grupo dominado, o gueto tem a função de integrar e de proteger, o que pode ser metaforizado pela figura do escudo.

Essas duas faces decorrem de elementos externos e internos ao gueto que se ligam numa relação dialética. "Os guetos são o produto de uma dialética móvel e tensa entre hostilidade externa e afinidade interna, que se traduz no nível da consciência coletiva pela ambivalência" (Wacquant, [1991] 2008: 82).

Sua segunda face − isto é, a função social que possui para o grupo dominado − corresponde a um produto do próprio isolamento espacial, que ganha feições sociais e culturais, na medida em que leva a uma intensificação do intercâmbio social e cultural entre a população isolada. Essa intensificação se concretiza em instituições que muitas vezes reproduzem as instituições mais gerais da sociedade que, no entanto, são relegadas aos habitantes do gueto. É, nesse sentido, portanto, que Wacquant vê o paralelismo institucional como uma das características constitutivas do gueto. Ele pode ser pensado pela metáfora do escudo porque explica a sobrevivência tanto física e quanto cultural do grupo, apesar da violência e da brutalidade de sua condição. Explica também porque parte de seus membros paradoxalmente, ou alienadamente, passam a salvaguardar e reproduzir o gueto, e a considerá-lo um momento de auge na trajetória do grupo.

Esse duplo caráter do gueto como instituição, ao mesmo tempo, de dominação e de proteção também foi identificada por Wirth: no caso do gueto medieval, por ser um momento de grande florescimento cultural para os judeus, apesar da violência do confinamento, e, no caso do gueto moderno, por ser onde os judeus conseguiram preservar suas principais instituições culturais. Por meio dessa duplicidade, Wirth também explicou a resistência que encontrou nos judeus a saírem do gueto, quando este já não era mais uma obrigação legal, situação que só foi modificada na grande cidade, ainda que mesmo nela também haja espaço para o gueto.

No entanto, Wacquant evidenciou outro elemento decorrente dessa duplicidade do gueto que não é discutido por Wirth: a intensificação da função exclusivista do gueto[68]. Em geral, essa intensificação ocorre quando o grupo dominado por algum motivo perde seu valor econômico para o grupo dominante. Nesse momento, a função de circunscrever e controlar se intensifica e o lado protetor e integrador do gueto diminui. Sua completude institucional e autonomia mínguam e o gueto torna-se ou um dispositivo de estocagem – o que Wacquant defende ter ocorrido com "hipergueto" afro-americano nos EUA – ou um dispositivo para aniquilação do grupo – o que ocorreu com os judeus na Alemanha nazista. Para Wacquant, quando o gueto assume essas configurações, ele não deve ser pensado como uma instituição peculiar do processo de urbanização e/ou do espaço urbano, mas em analogia "com as reservas, os campos de refugiados e a prisão, enquanto representante de uma categoria mais geral de instituições de contenção de grupos despossuídos e desonrados" (Wacquant 2004 *in* Wacquant 2008, p. 91).

O estigma do gueto

Segundo Wacquant, essa dupla funcionalidade do gueto faz com que a dominação etnorracial que ele representa se materialize não apenas espacialmente, mas também culturalmente. Isso, porque o gueto tem consequências sobre a formação de identidades de grupo e, consequentemente, serve de matriz para produção de identidades maculadas ou deterioradas.

Essa consequência cultural do gueto de formação de identidades coletivas, como o próprio Wacquant reconhece, já havia sido identificado por Louis Wirth. Entretanto, se para Wirth o gueto produziu tipos sociais e de personalidade, para Wacquant, ele produz estigma, tal como Goffman entendeu o termo.

Para Wacquant, esse processo cultural é duplo. Num primeiro momento, o gueto apenas reafirma a distinção entre a população dominada e a dominante, porque representa a objetivação de um abismo sociocultural anteriormente existente. Entretanto, uma vez objetivado, como instrumento de proteção, o gueto intensifica a vida cultural da população confinada e, assim,

[68] De fato, Wirth não toca na questão em sua tese de doutorado. Entretanto, no verbete "segregation" que escreveu para a *Encyclopedia of the Social Sciences*, publicada em 1934, é possível identificar uma pequena menção a questão quando o autor evidencia a necessidade de distinguir segregação ativa e segregação passiva.

> derrete as divisões dentro do grupo confinado e alimenta o orgulho coletivo ao mesmo tempo em que fortifica o estigma que o assola. A armadilha espacial e institucional esconde as diferenças de classe e corrói as diferenças culturais dentro da categoria etnorracial. (Wacquant, [1991] 2004: 161).

O resultado disso é uma identidade de grupo unificada, porém estigmatizada, numa lógica que Wacquant considera semelhante ao que Weber chamou de "avaliação negativa da honra". E, apesar de unificada, essa identidade gera dúvida entre seus membros, na medida em que é alvo de ódio e preconceito e na medida em que não pode ser empiricamente definida como específica do gueto, porque dissolveu distinções culturais ao mesmo tempo em que amalgamou características étnicas.

As diferenças entre gueto e pobreza, segregação e aglomeração étnica

Tendo definido o gueto nesses termos, Wacquant sentiu a necessidade de diferenciar seu conceito de outros igualmente importantes, que também são produtos ou instrumentos das relações de poder materializadas no espaço urbano, que comumente são confundidos ou tomados como definidores do gueto. Esses termos são: pobreza, segregação e aglomeração étnica.

Com relação à distinção entre gueto e pobreza, Wacquant, certamente, tinha como alvo de crítica os intelectuais e políticos que se valeram do termo *underclass*, e que fundiram um termo no outro. Entretanto, Wacquant salientou que assim como nem todos os guetos são áreas de pobreza, nem todas as áreas de pobreza são guetos. A pobreza não é uma característica intrínseca ao gueto, mas derivativa e variável, de acordo com fatores externos que o circunda, como demografia, ecologia, políticas públicas e economia.

Com relação à distinção entre gueto e segregação, seus alvos de crítica eram, em geral, autores europeus que tentaram caracterizar conjuntos habitacionais de baixa renda e subúrbios como guetos, quando na realidade trata-se de segregação social baseada em renda e classe social e não propriamente em distinções etnorraciais. Tomando por exemplo os condomínios fechados das classes de altas rendas, Wacquant demonstra que todos os guetos são áreas segregadas, mas nem todas as áreas segregadas são guetos. Os guetos se formam pela coerção, o que os diferenciam dos enclaves de altas rendas, e se caracterizam pela duplicação institucional, o que os diferenciam das zonas de baixas rendas que exemplificam a ausência institucional.

Por fim, com relação à distinção entre guetos e bairros étnicos, o alvo de crítica de Wacquant, mais uma vez, eram os autores da Escola de Chicago:

> As "colônias" estrangeiras da Chicago do entre-guerras que Robert Park, Ernest Burgess e Louis Wirth – e depois deles, a tradição dita progressista [liberal] da sociologia e da historiografia assimilacionista – tomaram por engano por guetos brancos eram, na verdade, constelações dispersas e móveis, advindas da afinidade cultural e da concentração socioprofissional. A segregação aí era parcial e porosa, produto da solidariedade entre imigrantes e da atração étnica: não foi imposta pela hostilidade implacável de grupos externos. Como consequência, a separação residencial não era nem uniforme nem rigidamente aplicada a essas populações (...). Além disso, as instituições distintivas dos enclaves de imigrantes europeus voltavam-se para fora: eles funcionavam de maneira que a adaptação ao novo ambiente da metrópole norte-americana fosse facilitada. Elas não reproduziam as organizações do país de origem, tampouco perpetuavam o isolamento social e a separação cultural. Por isso, elas geralmente desapareciam em duas gerações, à medida que os usuários obtinham acesso aos equivalentes norte-americanos e galgavam a ordem das classes e, em seguida, a escala dos lugares correspondentes a estas (...). Tudo isso contrasta com a imutável exclusividade racial e com a alteridade institucional perene do Cinturão Negro. O exemplo de Chicago ilustra com clareza o fato de que o bairro de imigrantes e o gueto exercem duas funções diametralmente opostas: o primeiro é um trampolim para a *assimilação* por meio do aprendizado cultural e da mobilidade socioespacial; o segundo é um 'pavilhão' de isolamento material e simbólico, direcionado para a *dissimilação*. O primeiro pode ser representado pela figura de uma ponte, o segundo pela do muro. (Wacquant 2004 *in* Wacquant 2008, pp. 87-8; grifos do autor)

Entretanto, essa parece ser a crítica mais suavizada que Wacquant faz aos autores da Escola de Chicago. Ele sintetizou bem a percepção de Wirth e dos demais de que o gueto foi pensado como uma área de primeira fixação de imigrantes e, portanto, uma etapa num processo mais geral de assimilação em curso na metrópole, possibilitado por sua dinâmica cultural e social. No entanto, percebe que esse modelo não dá conta das configurações que a cidade assumiu no momento histórico posterior, o qual aqueles autores não presenciaram. As exceções ao modelo, em especial o caso dos cinturões negros[69], parecem trazer a necessidade de uma nova classificação do fenômeno, com a diferenciação entre os dois termos e inserida em seu modelo de disposição espacial de relações de poder.

Wacquant atentou para o fato de que essa diferenciação entre gueto e aglomerações étnicas é sutil. Por isso, propôs que os dois termos fossem pensados como dois tipos-ideais situados nas extremidades opostas de um *continuum*, graduado por casos empíricos

---

[69] Outro elemento que pode ser evocado para justificar esse abrandamento da crítica é o de que Wacquant tem conhecimento de que dentro da própria Escola de Chicago há o reconhecimento de que a segregação dos negros configurara um caso especial. Isso é reconhecido por Wirth em seu verbete de 1934, mas principalmente pelos trabalhos de Franklin Frazier, que Wacquant discute em seu artigo de 1998: "Em seu panorama da urbanização negra no século XX, E. Franklin Frazier confirma que 'a expansão da comunidade negra seguiu o modelo de uma cidade autônoma', dotada da maioria das funções e serviços dos quais a população precisa para organizar sua vida sociocultural em semi-independência da sociedade branca circundante que a rejeita: hospitais, igrejas, comércios, locais de lazer e até mesmo associações caritativas e de assistência social. O relato de Frazier sobre a estrutura socioespacial da população negra urbana não é totalmente consistente, em razão da inconsistente tensão entre o paradigma ecológico que ele adota e a realidade empírica que ele analisa com a ajuda deste. (...) Mas, por outro lado, ele é um observador da vida urbana perspicaz e diligente demais para não reconhecer que 'a triagem e o ordenamento da população, das classes socioprofissionais e das instituições' assumem um contorno muito particular no caso dos afro-americanos, porque ocorrem totalmente *dentro dos limites do Cinturão Negro*" (Wacquant [1998] 2008, p. 68-9; grifos do autor).

diferenciados pela intensidade das quatro características que definem o gueto: estigma, coerção, confinamento espacial e duplicação institucional.

Com essa comparação entre o conceito de gueto construído por Louis Wirth e por Loïc Wacquant, esperamos ter conseguido explicitar os elementos empíricos e teóricos que aproximam e distanciam os autores, que em grande parte correspondem às aproximações e distâncias entre as abordagens sociológicas as quais cada um se filia. Isso se evidencia se lembrarmos de que os dois autores, cada um a sua maneira, recontou a história e construiu o gueto como objeto teórico de modo a validar o modelo e as teorias sociais mais amplas as quais se vinculam.

Assim, Wirth definiu o gueto de modo a corroborar com uma concepção de cidade em círculos concêntricos, organizada por forças sociais de processos relativos à ecologia humana e palco de inúmeras transformações culturais. Wacquant, por sua vez, definiu o gueto de modo a posicioná-lo numa cidade explicitamente organizada pela concretização de relações de poder entre grupos assimétricos. Apesar das diferenças, os dois autores, portanto, fazem o mesmo movimento analítico de buscar na história elementos que lhes permitam confirmar suas respectivas concepções de cidade, que são igualmente concepções a-históricas.

Dada essa semelhança, poderíamos ler a crítica que Wacquant faz a Wirth como uma tentativa de invalidar o modelo mais geral dado pela ecologia humana. Com isso, utilizando alguns aspectos da orientação analítica de Bourdieu da qual Wacquant se vale, poderíamos ainda dizer que tal tentativa corresponde de alguma forma a uma posição específica dentro do campo social de relações de poder que define o que é ou não conhecimento científico.

Entretanto, nosso objetivo aqui não é invalidar uma formulação do conceito em beneficio da outra, mas evidenciar os processos históricos, teóricos e metodológicos que envolvem a formulação de um conceito científico e sociológico.

Considerações Finais

Nesta dissertação buscamos apresentar alguns dos elementos principais dos escritos de formação de Louis Wirth, concentrados na temática dos imigrantes na cidade grande moderna. Certamente, não esgotamos o amplo campo de questões que mesmo apenas esses textos colocam. Apesar das limitações, acreditamos ter coberto aqui algumas lacunas dos estudos sobre o autor.

Em nosso contexto, acreditamos ter contribuído para a divulgação desse autor, cuja obra traduzida para língua portuguesa se resume a 6 artigos e 2 prefácios. Conforme apresentado na listagem bibliográfica do autor ao qual tivemos acesso, esses correspondem aos textos indicados como: 1931a, 1933,1936b, 1938, 1940a, 1944a, 1945c e 1950d. Uma breve leitura dos títulos desses artigos já seria suficiente para perceber que se concentram em textos do autor sobre a temática da ecologia humana e da cidade. Isso se passa também quanto aos poucos trabalhos que encontramos sobre o autor em língua portuguesa, cujo principal parece-nos ser Morris 1972. Ou seja, as discussões do autor sobre o tema da imigração não encontraram lugar em nosso contexto, apesar da forte influência e importância que a Escola de Chicago um dia teve na organização do ensino e da pesquisa da Sociologia no Brasil.

Num contexto mais amplo, encontramos duas importantes obras sobre o Wirth como um todo: o doutorado de Roger Salerno, *Louis Wirth: Urbanism as a Liberal Perspective*, de 1983, que foi publicado em forma de livro em 1987, sob o título de *Louis Wirth: A Bio-Bibliography*, cujo título explicita melhor que o primeiro a abordagem que realizou sobre a obra do autor; e o doutorado de Wolfgang Vortkamp, *Partizipation und soziale Integration in heterogenen Gesellschaften: Louis Wirth Konzeption socialer Organisation in der Tradition de Chicagoer Schule*, publicado em 2003, o qual não pudemos aproveitar plenamente devido a barreira de língua.

Mais especificamente sobre o tema da imigração no autor, encontramos três materiais: a dissertação de mestrado de Ina Abrahams, *Louis Wirth: on race relatios*, de 1963, na qual a autora focaliza sua análise sobre o período final da produção de Wirth, em suas discussões sobre minorias e políticas raciais; e dois importantes artigos, um de Fred Matthews, “Louis Wirth and American Ethinic Studies: the worldview of enlightened assimilationism, 1925-1950”, de 1987, no qual o autor faz uma abordagem da teoria da assimilação de Wirth relacionando com aquilo que chamou de uma visão liberal da América e da humanidade da primeira metade do século XX; e outro de Zane Miller, “Pluralism, Chicago School Style:

Louis Wirth, the Ghetto, the City, and 'Integration'", de 1992, no qual analisa a obra de Wirth desde *The Ghetto* até seus últimos escritos sobre planejamento, visando o entendimento da teoria urbana de Wirth e daquilo que chamou de tendências não-deterministas da sociologia da Escola de Chicago[70], expressa principalmente na abordagem do pluralismo democrático presente em alguns escritos do autor.

Todos esses trabalhos foram importantes para os desenvolvimentos aqui realizados. Entretanto, acreditamos que há pelo menos dois elementos que não aparecem nos escritos desses autores e que conseguimos desenvolver aqui.

Primeiro, a abordagem da dissertação de Wirth, *Culture Conflicts and the Immigrant Family*, que foi citada mas não analisada por esses autores, provavelmente porque superestimaram a simplicidade do texto, e não perceberam que ele dava indicativos importantes sobre a maneira como Wirth estruturaria sua abordagem sobre os fenômenos sociais e sua carreira acadêmica e profissional.

Segundo, um esclarecimento quanto à influência de William Thomas e Ernest Burgess sobre Wirth. Entre os comentadores que citamos, no que diz respeito às influências que o autor sofreu, identificação de Robert Park é unanimidade. Salerno (1983) acrescenta a influência de Albion Small e Vortkamp (2003), a de John Dewey. Em termos mais amplos, a influência de Mannheim também foi com frequência lembrada. Mas, os limites e a estensão da influência dos outros dois principais nomes da Escola de Chicago: Burgess e Thomas, ficaram em segundo plano, quando foram indicadas. Acreditamos ter conseguido demonstrar aqui que, no caso de Thomas, essa influência se deu para além da simples inspiração de realizar uma monografia sobre um grupo de imigrantes específicos. Ela se refletiu também no entendimento do autor sobre a teoria social, seus conceitos, seus métodos e sua possibilidade de ser instrumentalizada para intervenção social, fosse nos moldes da sociologia clínica, fosse na ideia de planejamento democrático, tal como foi sugerida ao final de *The Old Traits Transplanted*, obra esse que nos parece ter tido impacto muito significativo sobre Wirth. Quanto a Burgess, nos parece que sua parceria com Park, muitas vezes ofuscou uma maior

[70] Acreditamos que equivocadamente, Miller vê na tradição de Chicago um tratamento determinista da realidade social sobre o indivíduo. Por isso, pensa a carreira de Wirth dividida em duas fases principais: uma determinista, entre as décadas de 1920 e de 1930, quando o autor está mais associado às temáticas e formulações de seus orientadores em Chicago, e ou outra não-determinista, a partir de meados da década de 1930, quando Wirth intensifica sua atuação social e se desvincula do que seria um determinismo ecológico e materialista da Escola. Ainda que não tenhamos abordado essa segunda fase da obra do autor identificada por Miller, acreditamos que o que desenvolvemos aqui seja suficiente para indicar que a definição de elementos deterministas na primeira fase do autor, ou na escola de Chicago, nos parece infundada. Pelo contrário, como destacou Bulmer, é possível encontrar nesse Escola, a partir de Thomas a consolidação do afastamento da sociologia norte-americana do reducionismo biológico, pela ênfase na explicação dos fenômenos sócias por fatores sociológicos e psicológicos. Tal percepção certamente se estende a Wirth.

divulgação e reconhecimento de sua obra e de suas formulações. Aqui podemos indicar, ainda que muito brevemente que a influência desse autor sobre seus alunos, entre eles Wirth, estava para além dos esquema da estrutura urbana, incluía entendimentos sobre a família e sobre a delinquência.

Para além disso, o exame desses escritos de formação de Wirth nos colocou uma séria de questões de pesquisa, principalmente no sentido de entende-los de modo comparativo aos amadurecimentos posteriores do autor, em especial, os de discussão sobre minorias sociais, que não pudemos abordar aqui. Dessa maneira, esperamos que esta dissertação sirva como primeiro passo e incentivo para desenvolvimentos futuros sobre a obra de Louis Wirth, tanto no tema da imigração e das relações raciais, quanto nos demais temas que desenvolveu.

Bibliografia de Louis Wirth[71]

1925

a. *Culture Conflicts in the Immigrant Family*. Master's Thesis. Chicago: University of Chicago, Department of Sociology and Anthropology.

b. "A Bibliography of the Urban Community". In: Park, R. E.; Burgess, E.W. & McKenzie, R. D. [& Wirth, L.]. *The City*. Chicago: University of Chicago Press; 1984 [orig. 1925], pp. 161 -228.

1926

a. "Some Jewish Types of Personality". In: Burgess, E. W. (ed). *The Urban Community*. Selected Papers from the Proceedings of the American Sociological Society 1925. Chicago: University of Chicago Press, 1926, pp. 106-12. Reproduzido em: Wirth 1956, pp. 275-80; Wirth 1964, pp. 99-105

b. "The Sociology of Ferdinand Tönnies". In: *American Journal of Sociology*, vol. 32, nº. 3, November 1926, pp. 412-22.

c. "Topical Summaries of Current Literature: Modern German Conceptions of Sociology". In: *American Journal of Sociology*, vol. 32, nº. 3, November 1926, pp. 461-7.

1927

a. "The Ghetto". In: *American Journal of Sociology*, vol. 33, nº. 1, July 1927, pp. 57-71. Reproduzido em: Wirth 1956, pp. 261-74; Wirth 1964, pp. 84-98.

b. "Review of *Der Wirtschaftende Mensch in der Geschichte*, by Lujo Brentano, Leipzig 1923". In: *American Journal of Sociology*, vol. 32, nº. 5, March 1927, pp. 836-8.

c. "Review of *Monographien Deutscher Landkreise*. Edited by Dr. Otto Constantin and Erwin Stein. Vol. I. *Der Landkreis Reckling-Hause*, pp.197; Vol. II. *Der Landkreis Sorau*, N-L, pp. 218; Vol. III. *Die Landgemeinde Diemitz*, pp.170. Deutscher Kommunal-Verlag. Berlin, 1925. *Monographien Deutscher Städte: Darstellung deutscher Städte und ihrer Arbeit in Wirtschaft, Finanzwesen, Hygiene Socialpolitik und Technik*. Edited by Erwin Stein. Vol. XII. *Gleiwitz*, pp. 296; Vol. XIII. *Görlitz*, pp.301; Vol. XIV. *Neisse*, pp. 311;

[71] A bibliografia de Louis Wirth aqui apresentada corresponde a listagem, não apenas dos títulos do autor que foram utilizados nesta dissertação, mas de todos aqueles que conseguimos levantar. Esse levantamento foi realizado com base na listagem de Vortkamp 2003, que se mostrou a mais completa do da obra de Wirth. Vortkamp identificou 377 títulos do autor, dos quais: 204 correspondem a textos publicados (livros, capítulos de livros, resenhas, comunicações em congressos, conferências e simpósios etc.); 108, a materiais inéditos arquivados na biblioteca da Universidade de Chicago (Special Collections Research Center/ The Joseph Regenstein Library); e 65, a textos transcritos das participações de Louis Wirth nas mesas redondas transmitidas pela rádio NBC e publicados pela University of Chicago Press. Tendo em vista a impossibilidade de acesso aos materiais em arquivos nos EUA e a dificuldade em conseguir as transcrições das mesas redondas, concentramos o levantamento nos seus materiais publicados do autor. Dos 204 identificados por Vortkamp, tivemos acesso à metade, 102 títulos, que estão listados aqui, organizados pelo ano de primeira publicação. Quando foi o caso, indicamos na sequencia as traduções existentes e consultadas.

Vol. XV. *Die Deutsche Stadt Beuthen*, O-S, pp. 272. Deutscher Kommunal-Verlag. Berlin, 1925". In: *American Journal of Sociology*, Vol. 32, nº. 6, May 1927, pp. 1014-5.

d. "Review of *Protective Labor Legislation: With Special Reference to Woman in the State of New York*, by Elizabeth Faulkner Baker, Ph.D. 'Columbia University Studies in Political Science', Vol. CXVI, nº. 2, New York 1925". In: *American Journal of Sociology*, vol. 32, nº. 6, May 1927, pp. 1020-1.

1928

a. *The Ghetto*. New Jersey: Transaction Publishers, 1998. Publicado originalmente por: The University of Chicago Press, 1928. Publicação da tese de doutoramento *The Ghetto: a study in isolation*, submetida ao departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago em 1926. Tradução francesa: *Le Ghetto*. Traduit de l'americain par Pierre-Jacques Rojtman. Grenoble: Presses universitaires de Grenoble, [1980] 2006. [não inclui a bibliografia final presente na publicação original em inglês.]

b. "Review of *Theoretical Biology*, by J. von Uexküll, translated by D.L. MacKinnon, New York 1926". In: *American Journal of Sociology*, vol. 33, nº. 6, May 1928, pp. 995-8.

c. "Social Science Builds a Monument. Review of: *The Polish Peasant in Europe and America*, by W.I. Thomas, F. Znaniecki". In: *Survey*, vol. 60, September 1928, p. 559. Disponível no Portal *Internet Archive* <www.archive.org>; acesso em julho/2009.

d. "Sociology for Nurses". In: *American Journal of Nursing*, vol. 28, nº. 11, November 1928, pp. 1131-4.

1930

a. "Review of *Clinical and Experimental Studies in Personality*, by Morton Prince, Cambridge 1929. In: *American Journal of Sociology*, vo1.35, nº. 4, January 1930, pp. 659-60.

b. "Review of *Die Soziologische Methode*, by Fritz Lewy, Karlsruhe 1927". In: *American Journal of Sociology*, vol. 35, nº. 5, March 1930, p. 861.

c. "Review of *Frankfort*, by A. Freimann and F. Kracauer, translated from German by Bertha Szold Levin. Philadelphia 1929". In: *American Journal of Sociology*, vol. 35, nº. 5, March 1930, pp. 861-2.

d. "Review *Social Insects: Their Origin and Evolution*, by William M. Wheeler, New York 1928; *How Animals Find Their Way About*, by Etienne Rabaud, translated from French by I. H. Myers, New York 1928; and, *Social Life in the Animal World*, by Friedrich Alverdes, translated from German by K. C. Creasy, New York 1927". In: *American Journal of Sociology*, vol. 36, nº. 1, July 1930, pp. 140-2.

1931

a. "The Meaning of Environment in Social Life". In: The Social Science Staff (ed). *Introductory General Course in the Study of Contemporary Society* (Social Science I). Selected Readings. Chicago: University of Chicago Bookstore, 10th edition, 1940 [1st ed.:

1931], cap. V. Tradução brasileira: "Significado do 'ambiente' na vida social". Tradução de Mauro Brandão Lopes. In: Pierson 1970b, pp. 19-30.

b. "Race and Nationalism". In: The Social Science Staff (ed). *Introductory General Course in the Study of Contemporary Society* (Social Science I). Selected Readings. Chicago: University of Chicago Bookstore, 10th edition, 1940 [1st ed.: 1931], cap. XXIV.

c. "Culture Conflict and Misconduct". In: *Social Forces*, vol. 9, nº. 4, June 1931, pp. 484-92. Reproduzido em: Wirth 1964, pp. 229-43.

d. "Clinical Sociology". In: *American Journal of Sociology*, vol. 37, nº. 1, July 1931, pp. 49-66.

e. "Review of *Sittlichkeit in Ziffern: Kritik der Moralstatistik*, by Robert Michels, Leipzig and Munich 1928; *Wirtschaftliche und Politische Betrachtungen zur alten und neuen Welt*, by Robert Michels, Leipzig 1928; and, *Der Patriotismus, Prolegomena zu seiner soziologischen Analyse*, by Robert Michels, Leipzig and Munich 1929". In: *American Journal of Sociology*, vol. 36, nº. 4, January 1931, pp. 663-4.

f. "Review of *Systematic Sociology in Germany*, by Theodore Abel, New York 1929". In: *American Journal of Sociology*, vol. 36, nº. 4, January 1931, pp. 664-5.

g. "Review of *Verhandlungen des vierten Deutschen Soziologentage*; *Verhandlungen des funften Deutschen Soziologentage*; *Verhandlungen des sechsten Deutschen Soziologentage*, Tübingen 1925/ 1927/ 1929". In: *American Journal of Sociology*, vol. 36, nº. 4, January 1931, pp. 665-6.

h. "Review of *Witchcraft in Old and New England*, by George Lyman Kittredge, Cambridge 1929". In: *American Journal of Sociology*, vol. 36, nº. 4, January 1931, pp. 668-9.

i. "Review of *Social Case Work, Generic and Specific: An Outline. A Report of the Milford Conference*, New York 1929". In: *American Journal of Sociology*, vol. 36, nº. 4, January 1931, p. 676.

j. "Review of *Über die Form des Amerikanischen Geistes*, by Erich Voegelin, Tübingen 1928". In: *American Journal of Sociology*, vol. 36, nº. 4, January 1931, p. 681.

k. "Review of *Wort, Wert, Gemeinschaft*, by Gerhard von Mutius, Munich 1929". In: *American Journal of Sociology*, vol. 36, nº. 4, January 1931, pp. 681-2.

l. "Review of *Soziologische Studien und Kritiken: Dritte Sammlung*, by Ferdinand Tönnies, Jena 1929". In: *American Journal of Sociology*, vol. 36, nº. 4, January 1931, p. 682.

m. "Review of *The Jews in the Christian Era from the First to the Eighteenth Century and Their Contributions to Its Civilization*, by Laurie Magnus, New York 1930". In: *American Journal of Sociology*, vol. 36, nº. 5, March 1931, p. 851.

1933

"The Scope and Problems of the Community". In: Wirth 1956, pp. 9-20; Wirth 1964, pp. 165-177. Publicado originalmente em: *Publications of the American Sociological Society*; 27th Annual Meeting, held at Cincinnati, Ohio, December 28-31, 1932; Papers and Proceedings; vol. 27, nº.2, May 1933, pp. 6 1-73. Chicago: University of Chicago Press. Traduções brasileiras: "Âmbito e Problemas da Comunidade". Tradução de Olga Dória. In:

Pierson 1970a, pp. 112-26. “Delineamentos e Problemas da Comunidade”. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. In: Fernandes, Florestan (org). *Comunidade e Sociedade*. Leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Companhia Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1973, pp. 82-95.

1934

a. “Segregation”. In: Seligman, Edwin R.; Johnson, Alvin (eds.). *Encyclopedia of the Social Sciences*. Volume 13. New York: MacMillan Co., pp. 643-647.

b. “Small, Albion Woodbury”. In: Seligman, Edwin R.; Johnson, Alvin (eds.). *Encyclopedia of the Social Sciences*. Volume 14. New York: MacMillan Co., pp. 98-9.

c. “The Nature, Scope and Essential Elements of General Education”. In: Gray, William S. (ed.). *General Education: its nature, scope, and essential elements*. Proceedings of the Institute for Administrative Officers of Higher Institutions, vol. 6, September 1934. Chicago: University of Chicago Press, pp. 25-35.

d. “Chicago: the land and the people”. In: *Survey Graphic*, Magazine of Social Interpretation, vol. 23, nº. 10, October 1934, pp. 468-471, 520-525. Disponível no Portal *Internet Archive* <www.archive.org>; acesso em julho/2009]

1935

“The Prospects of Regional Research in Relation to Social Planning”. In: Wirth 1956, pp. 292-300. Publicado originalmente em: *Publications of the American Sociological Society. Proceedings*, vol. 29, nº. 3, August 1935, pp.107-14.

1936

a. “Types of Nationalism”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 41, nº. 6, May 1936, pp. 723-37. Reproduzido em: Wirth 1956, pp. 354-67; Wirth 1964, pp. 106-21.

b. “Preface to *Ideology and Utopia*”. In: Wirth 1956, pp. 35-54; Wirth 1964, pp. 125-45. Publicado originalmente en: Mannheim, Karl. *Ideology and Utopia*. Translated by Edward Shils and Louis Wirth. New York: Harcourt Brace & Co., 1936, pp. xiii-xxxi. Traduções brasileiras: “Prefácio”. Tradução de Emilio Willems. In: Mannheim, Karl. *Ideologia e Utopia*. Porto Alegre: editora Globo, 1954, pp. xii-xxxii. “Prefácio”. Tradução de Sergio Magalhães Santeiro. In Mannheim, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, pp. 9-28.

1937

a. “Localism, Regionalism, and Centralization”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 42, nº. 1, January 1937, pp. 493-509. Reproduzido em: Wirth 1956, pp. 143-58; Wirth 1964, pp. 189-206.

b. “The Urban Mode of Life”. In: *New Horizons in Planning*. Proceedings of the National Planning Conference of the American Society of Planning Officials, held at Detroit, Michigan, June 1-3, 1937. Chicago: American Society of Planning Officials, pp. 23-30.

Disponível no Portal *Internet Archive* <www.archive.org>; acesso em maio/2009. Reproduzido em: James, Harlean. American Planning and Civic Annual. Washington D. C.: American Planning and Civic Association, pp. 374-9. Disponível no Portal *Internet Archive* <www.archive.org>; acesso em maio/2009.

& National Resources Committee (eds.). *Our Cities: Their Role in the National Economy*. Report of the Urbanism Committee to the National Resources Committee. Washington D.C.: United States Government Printing Office. Disponível no Portal *Internet Archive* <www.archive.org>; acesso em maio/2009.

1938

"Urbanism as a Way of Life". In: *American Journal of Sociology*, vol. 44, nº. 1, July 1938, pp. 1-24. Reproduzido em: Wirth 1956, pp. 110-32; Wirth 1964, pp. 60-83. Traduções brasileiras: "Urbanismo como Modo de Vida". Tradução de Asdrúbal Mendes Gonçalves. In: Pierson 1970b, pp. 618-44. "O Urbanismo como Modo de Vida" Tradução de Marina Corrêa Truherz. In: Velho 1967, pp. 97-122. Tradução argentina: *El Urbanismo como Modo de Vida*. Traducción de Víctor Sigal. Buenos Aires: Ediciones 3, 1962. Reproduzido em: *Bifurcaciones*, nº. 2, outubro de 2005. Disponível em <www.bifurcaciones.cl>; acesso em abril/2007. Tradução portuguesa: "Urbanismo como Modo de Vida". Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. In: Fortuna, Carlos (org). *Cidade, Cultura e Globalização*. Oieras: Celta editora, 1997, pp. 45-65.

1939

a. "Social Interaction: the problem of the individual and the group". In: *American Journal of Sociology*, vol. 44, nº. 6, May 1939, pp. 965-79. Reproduzido em: Wirth 1956, pp. 21-34; Wirth 1964, pp. 3-17.

b. "Review of *The Structure of Social Action: a study in social theory with special reference to a group of recent European writers*, by Talcott Parsons. New York 1937". In: *American Sociological Review*, vol. 4, nº. 3, June 1939, pp. 399-404.

& Shils, Edward. "Urban Living Conditions". In: National Resources Committee (ed.). *Urban Planning and Land Policies*. Supplementary Report of the Urbanism Committee to the National Resources Committee, vol. 2. Washington D.C: United States Government Printing Office, part II, pp. 163-209. Disponivel no Portal *Internet Archive* <www.archive.org>; acesso em julho/2009.

1940

a. "The Urban Society and Civilization". In: *American Journal of Sociology*, vol. 45, nº. 5, March 1940, pp. 743-55. Originalmente: Paper read at the 10th anniversary celebration of the Social Science Research Building, U.O.C., December 1-2, 1939. Publicado em: Wirth, Louis (ed.). *Eleven Twenty Six*: A Decade of Social Science Research. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 51-63. Tradução brasileira: "Sociedade Urbana". Tradução de Olga Dória. In: Pierson 1970b, pp. 603-17.

b. “Ideological Aspects of Social Disorganization”. In: *American Sociological Review*, vol. 5, nº. 4, August 1940, pp. 472-82. Reproduzido em: Wirth 1956, pp.192-205; Wirth 1964, pp. 44-59.

1941

a. “Is a Hitler Defeat Essential to the Preservation of Democracy in the Western Hemisphere?”. In: *Journal of Negro Education*, vol. 10, nº. 3, July 1941, pp. 420-5.

b. “Morale and Minority Groups”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 47, nº. 3, November 1941, pp. 415-33. Originalmente: Paper read to the Twentieth Annual Institute of the Society for Social Research, August 15, 1941, Chicago.

c. “The Present Position of Minorities in the United States”. In: Wirth 1956, pp. 218-36. Publicado originalmente em: *Studies in Political Science and Sociology*. University of Pennsylvania Bicentennial Conference. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, pp. 137-56.

d. “Editor's Foreword to *Technology and Society. The Influence of Machines in the United States*” In: Rosen, S. McKee & Rosen, Laura. *Technology and Society. The Influence of Machines in the United States*. New York: MacMillan Co., pp. vii-viii.

1942

a. “Urban Communities”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 47, nº. 6, May 1942, pp. 829-40.

b. “The Metropolitan Region as a Planning Unit”. In: Wirth 1956, pp. 301-13; Wirth 1964, pp. 304-18. Publicado originalmente em: *National Conference on Planning*. Proceedings of the Conference of the American Society of Planning Officials, held at Indianapolis, Indiana, May 25-27, 1942. Chicago: American Society of Planning Officials, pp. 141-51.

c. “Foreword to *Introduction to Social Science*”. In: Attebeny, George C.; Auble, John, L. & Hunt, Elgin, F. (eds.). *Introduction to Social Science: a Survey of Social Problems*. 2 vols. New York: MacMillan Co.; pp. v-viii.

1943

a. “Education for Survival: The Jews”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 48, nº. 6, May 1943, pp. 682-91.

b. “Collective Enterprise. Review of *Development of Collective Enterprise: Dynamics of an Emergent Economy*, by Eldridge, Seba et al., 1943”. In: *Public Administration Review*, vol. 3, nº. 4, Autumn 1943, pp. 369-74.

c. “The Urban Community”. In: Ogburn, William F. (ed.). *American Society in Wartime*. Chicago: University of Chicago Press; pp. 63-81.

d. “Sociology and Local History”. In: Wirth 1956, pp. 177-88. Originalmente: manuscrito não-publicado. Definição de ano de elaboração por Vortkamp 2003.

1944

a. "Life in the City". In: Wirth 1956, pp. 206-217. Publicado originalmente em: Carnovsky, L.; Martin, L. (eds.). *The Library in the Community*. Chicago: University of Chicago Press, 1944, pp. 12-22. Tradução brasileira: "Os Desafios da Cidade e da Metrópole". Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. In: Fernandes, Florestan (org.). 1973. *Comunidade e Sociedade*. Leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Companhia Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, pp. 501-14.

b. "The Bearing of Recent Social Trends upon Attainable Programs for Peace and World Organization". In: Bryson, Lyman; Finkelstein, Louis; Maciver, Robert M. (eds.). *Approches to World Peace*. Fourth Symposium of the Conference on Science, Philosophy and Religion in their Relation to the Democratic Way of Life, held at the Men's Faculty Club of Columbia University on September 9-13, 1943. New York: Harper & Brothers, 1944, cap. 8, pp. 110-123.

c. "Postwar Political and Social Conditions and Higher Education". In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 231 – Higher Education and the War, January 1944, pp. 154- 62.

d. "Race and Public Policy". In: Wirth 1956, pp.334-53; Wirth 1964, pp. 270-91. Publicado originalmente em: *Scientific Monthly*, vol. 58, April 1944, pp. 302-12.

e. "Chicago: Where Now?" In: Wirth 1956; pp. 314-26. Originalmente: Address presented to the Commercial Club of Chicago. Sept.22, 1944.

& Goldhamer, Herbert. "The Hybrid and the Problem of Miscegenation". In: Klineberg, Otto (ed.). *Characteristics of the American Negro*. New York/ London: Harper & Brothers, pp. 249-369.

& Johnson, Charles S. & Nef, John. "Phylon Profile I: Robert Ezra Park". In: *Phylon (1940-1956)*, vol. 5, nº. 3, 3rd Qtr., pp. 233-40.

1945

a. "The Problem of Minority Groups". In: Wirth 1956, pp.237-60; Wirth 1964, pp. 244-69. Publicado originalmente em: Linton, Ralph (ed.). *The Science of Man in the World Crisis*. New York: Columbia University Press, 1945, pp. 347-72.

b. "Effect of Recent Social and Economic Trends on Urban Planning". In: *Public Management*, vol. 27, January 1945, pp. 10-3. Originalmente: Address presented at the 31st Annual Conference of International City Managers in Chicago on October 13, 1944.

c. "Human Ecology". In: *American Journal of Sociology*, vol. 50, nº. 6, May 1945, pp. 483-8. Reproduzido em: Wirth 1956, pp. 133-42; Wirth 1964. pp. 178-88. Tradução brasileira: "Histórico da Ecologia Humana". Tradução de Maria Aparecida Madeira Kerbeg. In: Pierson 1970a, pp. 64-76.

d. "Negro Life in Urban North. Review of *Black Metropolis*, by Horace Cayton and St. Clair Drake. New York: Harcourt, Brace & Co., 1945". In: *The New York Times*, Book Reviews, 4th November 1945, Section 7, p. 5.

& Grunsfeld, Ernest A. “A Plan for Metropolitan Chicago”. In: *Town Planning Review*, vol. 25, nº. 1, April 1954, pp. 5-35.

1946

“The Unfinished Business of American Democracy”. In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 244 – Controlling Group Prejudice, March 1946, pp. 1-9.

1947

a. “Ideas and Ideals as Sources of Power in the Modern World”. In: Wirth 1964, pp. 146-56. Publicado originalmente em: Bryson, Lyman; Finkelstein, Louis; Maclver, R. M. (eds.). *Conflicts of Power in Modern Culture*. New York: Harper & Row, cap. 47, pp. 499-508.

b. “Responsibility of Social Science”. In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 249 – Social Implications of Modern Science, January 1947, pp. 143-51.

c. “The Price of Prejudice”. In: *Survey Graphic*, vol. 36, nº. 1, January 1947, pp. 19-22. Disponível no Portal *Internet Archive* <www.archive.org>; acesso em julho/2009.

d. “Housing as a Field of Sociological Research”. In: *American Sociological Review*, vol. 12, nº. 2, April 1947, pp. 137-43. Originalmente: Address presented at the Annual Meeting of the American Sociological Society, Chicago, December 27-30, 1946. Reimpresso em: Wirth 1964, pp. 292-303.

e. “Planning Means Freedom”. In: *Planning 1947*. Proceedings of the Annual Meeting of the American Society of Planning Officials, held in Cincinnati, May 5-9, 1947. Chicago: American Society of Planning Officials, pp. 3-19. Disponível no Portal *Internet Archive* <www.archive.org>; acesso em maio/2009.

f. “Karl Mannheim (1893 - 1947)”. In: *American Sociological Review*, vol. 12, nº. 3, June 1947, pp. 356-357.

g. “Racial Discrimination, and its Consequences. Review of *The High Cost of Prejudice*, by Bucklin Moon. New York: Julian Messner, 1947”. In: *New York Times*, Book Reviews, 1st June 1947, pp. 20.

1948

a. “What We Know - and Don't Know - About ‘Race’. Review of *Race and Nationality as Factors in American Life*, by Henry Pratt Fairchild. New York: The Ronald Press Company, 1948”. In: *The New York Times*, Book Reviews, 18th January 1948, pp. 6, 25.

b. “Consensus and Mass Communication”. In: *American Sociological Review*, vol. 13, nº. 1, February 1948, pp. 1-15. Originalmente: Presidential Address before the Annual Meeting of the American Sociological Society, New York, December 28, 1947. Reproduzido em: Wirth 1956. pp. 368-91; Wirth 1964. pp. 18-43

c. “Sociological Factors in Urban Design”. In: Wirth 1956, pp. 284-91. Originalmente: Lecture delivered in the Convention Seminars of the American institute of Architects, Salt Lake City, June 25, 1948.

d. "Research in Racial and Cultural Relations". In: *Proceedings of the American Philosophical Society*, vol. 92, nº. 5, November 1948, pp. 381-6.

e. "World Community, World Society, and World Government: an attempt at a clarification of terms". In: Wirth 1964, pp. 319-32. Publicado originalmente em: Wright, Quincy (ed.). *The World Community*. Chicago: University of Chicago Press, 1948, pp. 9-20.

1949

a. "Comment on 'Sociopsychological and Cultural Factors in Race Relations', by Gustav Ichheiser [In: *American Journal of Sociology*, vol. 54, nº. 5, pp. 395-401]". In: *American Journal of Sociology*, vol. 54, nº. 5, March 1949, pp. 399-400.

b. "On Making Values Explicit". In: Wirth 1964, pp. 157-61. Originalmente: Discussion of the Committee on Commissions of Inquiry Divison of the Social Sciences, May 1949.

c. "Comments on the Resolution of the Economic and Social Council on the Prevention of Discrimination and the Protection of Minorities". In: *International Social Science Bulletin* (UNESCO), Paris, vol. 1, nºs. 3-4, pp. 137-145. Versão francesa: "Commentaires sur l'application de la resolution du conseil économique et social relative a la lutte contre les mesures discriminatoires et a la protection des minorités". In: *Bulletin International des Sciences Sociales* (UNESCO), Paris, vol. 1, nºs. 3-4, pp. 137-145. Disponível no Portal *Unesco Documents and Publications* <unesdoc.unesco.org>; acesso em maio/2009.

d. "Introduction to *The Negro in the United States*". In: Frazier, Edward Franklin. *The Negro in the United States*. New York: MacMillan Co., pp. vii-ix.

1950

a. "Problems and Orientations of Research in Race Relations in the United States". In: *British Journal of Sociology*, vol. 1, nº. 2, June 1950, pp. 117- 25.

b. "Domestic Ethnic and Racial Tensions and American Foreign Policy". Tension Project/Unesco. Paper presented on a Joint Session of the International Political Science and Sociological Association, Zurich, September 1950. Disponível no Portal *Unesco Documents and Publications* < unesdoc.unesco.org >; acesso em maio/2009.

c. "Foreword to *Social Anthropology*". In: Slotkin, James Sydney. *Social Anthropology. The Science of Human Society and Culture*. New York: MacMillan Co., pp. vii-ix.

d. "Foreword to *Community Organization and Planning*". In: Hillman, Arthur. *Community Organization and Planning*. New York: MacMillan Co., pp. xv-xviii. Tradução brasileira: "Introdução a *Organização da Comunidade e Planejamento*". In: Hillman, Arthur. *Organização da Comunidade e Planejamento*. Tradução de Marília Diniz Carneiro e Marina Teles de Menezes. Rio de Janeiro: Agir, 1956, pp.13-5.

1951

a. "The Significance of Sociology". In: *International Social Science Bulletin* (UNESCO), vol. 3, nº. .2, pp. 197-202. Disponível no Portal *Unesco Documents and Publications*

<unesdoc.unesco.org>; acesso em maio/2009. Originalmente: Opening address presented at The World Congress of Sociology, Zurich, September 4-9, 1950.

b. "Joint Roundtable on the Role of Minorities in International Affairs". In: *International Social Science Bulletin* (UNESCO), vol. 3, nº. 2, pp. 409-20. Disponível no Portal *Unesco Documents and Publications* <unesdoc.unesco.org>; acesso em maio/2009.

c. "The Limitations of Regionalism". In: Wirth 1956, pp. 159-71; Wirth 1964, pp. 207-20. Publicado originalmente em: Jensen, Merrill (ed.). Regionalism in America. Madison: University of Wisconsin Press, 1951, pp. 381-93.

d. "Rural-Urban Differences". In: Wirth 1956; pp. 172-6; Wirth 1964, pp. 221-5. Originalmente: Taken from a uncompleted manuscript and an abstract for a talk on the University of Wisconsin in 1951.

1952

a. "Freedom, Power and Values in Our Present Crisis". In: Wirth 1956, pp. 392-405. Publicado originalmente em: Cook, Lloyd Allen. *Toward Better Human Relations*. Detroit: Wayne University Press, 1952, pp. 3-18. Disponível para leitura pelo *Google Books*; acesso em outubro/2008.

b. "Introduction to a Study of Crime". In: Wirth 1956, pp. 327-33. Original: Burgess, Ernest W.; Wirth, Louis; Reiss Jr, Albert J & Blackiston, Don T. (eds.). *Survey of the Chicago Crime Commission* [a mimeographed report prepared for the commission], 1952.

& Glas, David & Smets, Georges (eds). *Current Sociology/ La Sociologie Contemporaine*, vol. 1, nos 1-3 (An International Bibliography of Sociology) e nº. 4 (Social Implications of Technical Advance). UNESCO, Paris 1952-53.

1953

a. "The Social Sciences". In: Wirth 1956, pp. 55-106. Publicado originalmente em: Curti, Merle (ed.). *American Scholarship in the Twentieth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1953, pp. 33-82.

b. "Social Stratification and Social Mobility in the United States". In: *Current Sociology/ La Sociologie Contemporaine*, nº. 4 (Social Stratification and Social Mobility. U.S.A., Sweden and Japan), pp. 279-84. UNESCO, Paris 1953-54.

1956

Community Life and Social Policy. Selected papers by Louis Wirth. Edited by, Elizabeth Wirth Marvik and Albert J. Reiss Jr. Foreword by Herbert Blumer. Introduction by Philip M. Houser. Chicago: University of Chicago Press, 1956.

1964

On Cities and Social Life. Selected papers. Edited and with an Introduction by Albert J. Reiss Jr. Chicago, London: The University of Chicago Press/ Phenix Books, 1964.

Bibliografia

ABRAHAMS, Ina B. 1963. *Louis Wirth: on race relations*. Dissertação de Mestrado. Arizona State University.

ABU-LUGHOD, Janet. 1997. "The Specificity of Chicago Ghetto: Comment on Wacquant's 'Three Pernicious Premises'". In: *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 21, nº. 2, pp. 357-62.

ALBA, Richard e Nee, Victor. 1997. "Rethinking Assimilation Theory for a New Era of Immigration". In: *International Migration Review*, vol. 31, nº. 4 (Special issue: Immigrant Adaptation and Native-Born Responses in the Making of Americans), pp. 826-74.

ALLPORT, Floyd H.. 1931. "Culture Conflict versus the Individual as Factor in Delinquency". In: *Social Forces*, vol. 9, nº. 4, pp. 493-7.

ANDERSON, Nels. 1962. "The Urban Way of Life". In: *International Journal of Comparative Sociology*, vol. 3, nº 2, pp. 175-88.

AUYERO, Javier. 1997. "Wacquant in the Argentine Slums: Comment on Loïc Wacquant's 'Three Pernicious Premises in the Study of American Ghetto'". In: *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 21, nº. 3, pp. 508-11.

BECKER, Howard. [1990] 1996. "A Escola de Chicago". Tradução de Vera Pereira. *Mana*, vol. 2, nº 2, Rio de Janeiro, outubro de 1996, pp. 177-88.

BENDIX, Reinhard. 1954. "Social Theory and Social Action in the Sociology of Louis Wirth". In: *American Journal of Sociology*, vol. 59, nº. 6, May 1954, pp. 523-529.

BERNARD, Luther Lee. 1930. "Schools of Sociology". In: *Southwestern Political and Social Science Quarterly*, vol. 11, pp. 117-34. Disponível no portal *A Mead Project source page* <www.brocku.ca/MeadProject>. Acesso em: abril/2008.

BEVERIDGE, Andrew A. 2008. "A Century of Harlem in New York City: Some Notes on Migration, Consolidation, Segregation, and Recent Developments". In: "Symposium on the Ghetto". *City & Community*, vol. 7, nº. 4, December 2008, pp. 358-65.

BLOKLAND, Talja. 2008. "From the Outside Looking in: A 'European' Perspective on the Ghetto". In: "Symposium on the Ghetto". *City & Community*, vol. 7, nº. 4, December 2008, pp. 372-7.

BLUMER, Hebert. 1939. *Critiques of Research in the Social Sciences: an appraisal of Thomas and Znaniecki´s The Polish Peasant in Europe and America*. New York: Social Science Research Council.

BLUMER, Herbert. 1952. “In Memoriam: Louis Wirth, 1897-1952”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 58, nº. 1, p. 69.

BLUMER, Herbert. 1956. “Foreword to *Community Life and Social Policy*”. In: Wirth 1956, pp. v-x.

BOURDIEU, Pierre (cood.). 2003. *A Miséria do Mundo*. Tradução de Mateus S. Soares Azevedo *et alli*. Petropolis: Vozes. [1ª ed.: 1993]

BRAUDE, Lee. 1970. “Louis Wirth and the Locus of Sociological Commitment”. In: *American Sociologist*, vol. 3, nº. 5, August 1970, pp. 233-235.

BULMER, Martin. 1984. *The Chicago School of Sociology: institutionalization, diversity, and rise of sociological research*. Chicago: The University of Chicago Press.

BULMER, Martin. 1985. “A Escola de Chicago de Sociologia: o que a tornou uma escola?”. Tradução de Mário A. Eufrasio. In: Eufrasio 2004, pp. 57-75. Publicado originalmente em: *History of Sociology: an internacional review*, vol. 5, nº. 2, Primavera de 1985, pp. 61-77.

BULMER, Martin. 1997. “W. I. Thomas and Robert Park: conceptualizing, theorizing and investigating social processes”. In: Charles Camic (ed). *Reclaming the Sociological Classics: the state of scholarship*. Oxford: Blacwell, 1997, capítulo 08, pp. 242-261.

BURGESS, Ernest W. 1916. ‘The Social Survey a Field for Constructive Service by Departments of Sociology”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 21, nº. 4, January 1916, pp. 492-500.

BURGESS, Ernest W. 1923a. “The Study of the Delinquent as a Person”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 28, nº. 6, May 1923, pp. 657-80.

BURGESS, Ernest W. 1923b. “The Interdependence of Sociology and Social Work”. In: *Social Forces*, vol. 1, nº. 4, May 1923, pp. 366-370.

BURGESS, Ernest W. 1924. “O Crescimento da Cidade: introdução a um projeto de pesquisa”. Tradução de Olga Dória. In: Pierson 1970a, pp. 353-68. Revisão de Mário A. Eufrasio. Apostilado. Publicado originalmente em: *Proceedings of the American Sociological Society*, vol. XVIII, 1924, pp. 85-97. Reproduzido em Park, Burgess & McKenzie 1925, pp. 353-68.

BURGESS, Ernest W. [1926] 1970. “A Família como ‘unidade de personalidades em interação’”. Tradução de Asdrúbal Mendes Gonçalves. In: Pierson 1970b, pp. 543-557.

BURGESS, Ernest W. 1929. “As Áreas Urbanas”. Tradução de Mário A. Eufrasio. Apostilado. Publicado originalmente em: T H Smith & L D White (eds), *Chicago: an experiment in social science research*, Chicago: University of Chicago Press, 1929, capítulo VIII, pp. 113-138.

BURGESS, Ernest W. 1931. “Family Tradition and Personality”. In: K. Young (ed). *Social Attitudes*. New York: Henry Holt, 1931, pp. 188-207.

BURGESS, Ernest W. 1952. “Louis Wirth, 1897 – 1952”. In: *American Sociological Review*, vol. 17, nº. 4, August 1952, p. 499.

CAREY, James T. 1975. *Sociology and Public Affairs: The Chicago School*. Sage Library of Social Research, vol. 16. Bervely Hills; Londres: Sage Publications.

CEFAÏ, Daniel. 2008. “Recension de Louis Wirth, *Le ghetto*, Grenoble, PUG, 2006”. In: *Sociologie du travail*, vol. 50, nº 3, pp.442-4.

CHADDHA, Anmol & WILSON, William Julius. 2008. “Reconsidering the ‘Ghetto’; In: “Symposium on the Ghetto”. *City & Community*, vol. 7, nº. 4, December 2008, pp. 384-8.

CHAPOULIE; Jean-Michel. 2001. *La Tradition Sociologique de Chicago: 1892-1961*. Paris: Seuil.

CHRISTENSON, James. 1979. “Urbanism and Community Sentiment: extending Wirth’s model”. In: *Social Science Quarterly*, vol. 60, nº. 3, December 1979, pp. 387-400.

COSER, Lewis. 1980. “Tendências Americanas”. In: T. Bottomore e R. Nisbet (orgs). *História da Análise Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, pp. 379-420.

COULON, Alain. 1995. *A Escola de Chicago*. São Paulo: Papirus editora.

CUTLER, Irving. 1996. *The Jews of Chicago: from shtetl to suburb*. The Ethnic History of Chicago. Chicago: University of Illinois Press.

DURÃO, Susana. 2008. “O Corpo, o gueto e o Estado Penal. Entrevista com Loïc Wacquant”. In: *Etnográfica*, vol. 12, nº. 2, Lisboa, nov. 2008.

ETZIONI, Amitai. 1959. “The Ghetto – a re-evaluation”. In: *Social Forces*, vol. 37, nº. 3, pp. 255-262.

EUFRASIO, Mário A. 1999. *A Estrutura Urbana e Ecologia Humana: a Escola Sociológica de Chicago (1915-1940)*. São Paulo: editora 34.

EUFRASIO, Mário A. 2000. “Introdução: a ‘Nota Metodológica’ de Thomas e Znaniecki, uma fonte de metateoria e teoria social da Escola de Chicago”. In: Thomas e Znaniecki [1918] 2000, pp. vii-xvii.

EUFRASIO, Mário A. (org). 2004. *O Surgimento da Sociologia Americana e a Formação da Escola de Chicago*. Textos reunidos de História da Sociologia e História da Teoria Sociológica nos Estados Unidos de: Martin Bulmer, Roscoe C. Hinkle & Gisela J. Hinkle, S. N. Eisenstadt & M. Curelaru e Mário A. Eufrasio. Organização, tradução e introdução de Mário A. Eufrasio. São Paulo: Deptº. de Sociologia, FFLCH/USP.

EUFRASIO, Mário A. 2008. "A Escola de Chicago de Sociologia: perfil e atualidade". In: C. T. Lucena e M. C. de S. Campos (orgs). *Práticas e Representações*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2008.

EUFRASIO, Mário A. (org). 2009. *O Surgimento da Sociologia Americana e a Formação da Escola de Chicago*. Volume Complementar. Textos reunidos de História da Sociologia e História da Teoria Sociológica nos Estados Unidos de: Roger Salerno e George Psathas. Organização, tradução e introdução de Mário A. Eufrasio. São Paulo: Deptº. de Sociologia, FFLCH/USP e NAP-CERU, USP.

FARIS, Robert E. L. & DUNHAM, Warren. 1939. "Pertubações mentais em áreas urbanas". Tradução de Mauro Brandão Lopes e Olga Dória. In: Pierson 1970a, pp. 406-435.

FERNANDES, Florestan. 1957. "Resenha bibliográfica: Louis Wirth, *Community Life and Social Policy*". In: *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, 01 de junho de 1957, p. 2.

FISCHER, Claude S. 1972. "'Urbanism as a Way of Life': a review and an agenda". In: *Sociological Methods & Research*, vol. 1, nº. 2, November 1972, pp. 187-242.

FISCHER, Claude S. 1975. "Toward a Subcultural Theory of Urbanism". In: *The American Journal of Sociology*, vol. 80, nº. 6, May 1975, pp. 1319-41.

FITZPATRICK, Ellen. 2003. "Social Welfare". In: Porte, Theodore M. & Ross, Dorothy (eds). *The Cambridge History of Science*. Volume 7 – The Modern Social Science. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FRITZ, Jan Marie. 2008. "The history of clinical sociology in the United States". In: Fritz, J. M. (ed). *International Clinical Sociology*. New York: Springer, 2008.

GANS, Herbert J. 1962. "Urbanism and Suburbanism as Ways of Life: a re-evaluation of definitions". In: Rose, Arnold M. (ed.) *Human Behavior and Social Process: an interactionist approach*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1962, pp. 625-48.

GANS, Herbert J. 1997a. "Toward a Reconciliation of 'Assimilation' and 'Pluralism': the interplay of acculturation and ethnic retention". In: *International Migration Review*, vol. 31, nº. 4 (Special issue: Immigrant Adaptation and Native-Born Responses in the Making of Americans), Winter 1997, pp. 875-92.

GANS, Herbert J. 1997b. "Uses and Misuses of Concepts in American Social Science Research: Variations on Loïc Wacquant's Theme of 'Three Pernicious Premises in the Study of the American Ghetto'". In: *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 21, nº. 3, June 1997, pp. 504-7.

GANS, Herbert J. 2008. "Involuntary Segregation and the Ghetto: Disconnecting Process and Place". In: "Symposium on the Ghetto". *City & Community*, vol. 7, nº. 4, December 2008, pp. 353-7.

GIDDENS, Anthony. 2005. *Sociologia*. Tradução de Snadra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 4ª edição, reimpressão de 2008.

GLEASON, Philip. 1991. "Minorities (Almost) All: the minority concept in American social thought". In: *American Quarterly*, vol. 43, nº. 3, September 1991, pp. 392-424.

GOLD, Bruce Charles. 1996. *Karl Mannheim´s Program for a Sociology of Knowledge: selected response from sociologists in America*. Dissertação de mestrado. University of Victoria.

GORDON, Milton M. 1964. *Assimilation in American Life*. The Role of Race, Religion, and National Origins. New York: Oxford University Press.

GUTERMAN, Stanley S. 1969. "In Defense of Wirth's 'Urbanism as a Way of Life'". In: *American Journal of Sociology*, vol. 74, nº. 5, March 1969, pp. 492-499.

HAYNES, Bruce & HUTCHISON, Ray. 2008. "The Ghetto: Origins, History, Discourse". In: "Symposium on the Ghetto". *City & Community*, vol. 7, nº. 4, December 2008, pp. 347-52.

HINKLE, Roscoe C. & HINKLE, Gisela J. 1954. "A Fundação da Sociologia Norte-Americana (1905-1918)". Tradução de Mário A. Eufrasio. In: Eufrasio 2004, pp. 1-23. Publicado originalmente em: *The Development of Modern Sociology: its nature and growth in the United States*. Garden City (NY): Doubleday, 1954, cap. 1, pp. 1-17.

HOUSE, Floyd N. 1957. "Book Review of *Community Life and Social Policy: Selected Papers by Louis Wirth* by Louis Wirth; Elizabeth Marvick Wirth; Albert J. Reiss, Jr." In: *American Journal of Sociology*, vol. 62, nº. 5, pp. 524-5.

HOUSER, Philip M. 1952. "Louis Wirth: an obituary". In: *British Journal of Sociology*, vol. 3, nº. 4, pp. 365-6.

HOUSER, Philip M. 1956. "Introduction to *Community Life and Social Policy*". In: Wirth, 1956, pp. 1-3.

ICHHEISER, Gustav. 1949. "Sociopychological and Cultural Factors in Race Relations". In: *American Journal of Sociology*, vol. 54, nº. 5, March 1949, pp. 395-401.

JARGOWSKY, Paul A. 1998. "Response to Loïc J. D. Wacquant's 'Three Pernicious Premices in the Study of the American Ghetto'". In: *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 22, nº. 1, pp. 160-3.

KATZ, Michael B. 1997. "Comment on Loïc J. D. Wacquant, 'Three Pernicious Premises in the Study of the American Ghetto'". In: *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 21, nº. 2, pp. 354-6.

KAZAL, Rusell A. 1995. “Revisiting Assimilation: the rise, fall and reappraisal of a concept in American Ethnic History”. In: *The American Historical Review*, vol. 100, nº. 2, pp. 437-71.

KLEIN, Philip & BURNETT, Mary Clarke. 1934. “Social Work”. In: Seligman, Edwin R.; Johnson, Alvin (eds.). *Encyclopedia of the Social Sciences*. Volume 14. New York: MacMillan Co., pp. 165-87.

KOLB, William L. 1956. “Book Review of *Community Life and Social Policy* by Louis Wirth; Elizabeth Wirth Marvick; Albert J. Reiss, Jr.; Herbert Blumer; Philip M. Hauser.” In: *American Sociological Review*, vol. 21, nº. 6, pp. 788-9.

KUSMER, Kenneth L. 1997. “Ghettos Real and Imagined: A Historical Comment on Loïc Wacquant’s ‘Three Pernicious Premises in the Study of the American Ghetto’”. In: *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 21, nº. 4, pp. 706-11.

LANNOY, Pierre. 2004. “When Robert E. Park was (Re)writing ‘The City’: biography, the social survey, and the science of sociology”. In: *The American Sociologist*, Springer New York, vol. 35, nº. 1, March 2004.

LENGERMANN, Patricia & NIEBRUGGE, Gillian. 2002. “Back to the Future: Settlement Sociology, 1885-1930”. In: *The American Sociologist*, vol. 33, nº. 3, pp. 5-20.

LENGERMANN, Patricia & NIEBRUGGE, Gillian. 2007. “Thrice Told: Narratives of Sociology´s Relations to Social Work”. In: Calhoun, Craig J. (ed.). *Sociology in America: a history*. Chicago: University of Chicago Press.

LIND, Andrew W. 1930. “The Ghetto and the Slum”. In: *Social Forces*, vol. 9, nº. 2, pp. 206-15.

LOFLAND, Lyn. 1983. “Understanding Urban Life: The Chicago Legacy”. In: *Urban Life*, vol. 11, nº. 4, January 1983, pp. 491-511.

LUBOVE, Roy. 1965. *The Professional Altruíst*. The emergence of social work as a career. 1880-1930. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

MADGE, John. 1962. “Peasants and workers”. In: *The Origins of Scientific Sociology*. Glencoe: Free Press, pp. 52-87 e 570-1.

MATTHEWS, Fred H. 1987. “Louis Wirth and American Ethinic Studies: the worldview of enlightened assimilationism, 1925-1950”. In: Moses Rischin (ed). *The Jews of North America*. Detroit: Wayne State University Press, 1987.

McKENZIE, Roderick D. 1929. “Review of *The Gold Coast and the Slum*, by Harvey W. Zorbaugh; *The Ghetto*, by Louis Wirth”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 35, nº. 3, pp. 486-7.

MEIRELLES TEIXEIRA, J. H. 1947. "A teoria dos quatro desejos fundamentais de W. I. Thomas". In: *Revista do Arquivo Municipal* [de São Paulo], ano VIII, vol. LXXXVI, out-nov 1947, pp. 31-66.

MILLER, Zane L. 1992. "Pluralism, Chicago School Style: Louis Wirth, the Ghetto, the City, and 'Integration'". In: *Journal of Urban History*, vol. 18, nº. 3, May 1992, pp. 251-279.

MONTEIRO, Circe. 2008. "Enclaves, Condominiums, and Favelas: Where Are the Ghettos in Brazil?" In: "Symposium on the Ghetto". *City & Community*, vol. 7, nº. 4, December 2008, pp. 378-83.

MORRIS, R. N. 1972. *Sociologia Urbana*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1972. [1ª ed.: 1968]

ODUM, Howard W. 1951. *American Sociology: The Story of Sociology in the United States through 1950*. New York, London and Toronto: Longmans, Green and Co, 1951.

PARK, Robert E. 1914. "Racial Assimilation in Secondary Groups With Particular Reference to the Negro". In: *American Journal of Sociology*, vol. 19, nº. 5, March 1914, pp. 606-23.

PARK, Robert E. 1915. "The City: suggestions for the investigation of human behavior in the city environment". In: *American Journal of Sociology*, vol. 20, nº. 5, pp. 577-612.

PARK, Robert E. 1919. "Education in its Relation to the Conflict and Fusion of Cultures: with special reference to the problem of the immigrant, the negro, and missions". In: *Publications of the American Sociological Society*. Papers and Proceedings. 13th Annual Meeting of American Sociological Society, held at Richmond, VA, December 27-28, 1918. Vol. 13. Sociology and Education. Chicago: University of Chicago Press, pp. 38-63.

PARK, Robert E. 1922. *The Immigrant Press and Its Control*. New York: Harper & Brothers Publishers.

PARK, Robert E. & BURGESS, Ernest W. 1921. *Introduction to the Science of Sociology*. Chicago: The University of Chicago Press. Disponível no Portal *Internet Archive* < www.archive.org >. Acesso: julho/2007.

PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest W. & McKENZIE, Roderick D. 1925. *The City*. Chicago: University of Chicago Press, 1925.

PARK, Robert E. 1925. "The City: suggestions for the investigation of human behavior in the urban environment". In: Park, Burgess & McKenzie 1925, pp. 13-51. Traduzido como: "A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro. In: Velho 1967, pp. 29-72.

PARK, Robert E. 1926. "Behind our masks". In: Park 1950, pp. 244-255. Publicado originalmente em: *Survey Graphic*, vol. 16, May 1926, pp. 135-39.

PARK, Robert E. 1928. “Human migration and the marginal man”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 33, nº. 6, May 1928, pp. 881-93. Traduzido como: “Migração humana e o ‘homem marginal’”. Tradução de Olga Dória. In: Stonequist 1948, pp. 13-26.

PARK, Robert E. 1931. “The sociological methods of William Graham Sumner, and of William I. Thomas and Florian Znaniecki”. In: Stewart A. Rice (ed). *Methods in Social Science: a case book*. Chicago: The University of Chicago Press. Reproduzido em: Robert Ezra Park. *Society: collective behavior, news and opinion, sociology and modern society* The collected papers of Robert Ezra Park. Volume III. Edited by Everett C. Hughes, Charles S. Johnson, Jitsuichi Matsuoka, Rober Redfield & Louis Wirth. Glencoe: Free Press, 1955, pp. 243-266.

PARK, Robert E. & THOMAS, William I. 1931. “Participação e assimilação social”. Tradução de Mário A. Eufrasio. Apostilado. Publicado originalmente como: “Participation and Social Assimilation”. In: Young, Kimball. *Source Book for Social Psychology*. New York: F. S. Crofts, 1931.

PARK, Robert E. [1938] 1952. “Hawaii and the natural history of world economy”. In: Park, Robert. *Human Communities: the city and human ecology* The collected papers of Robert Ezra Park. Volume II. Edited by Everett C. Hughes, Charles S. Johnson, Jitsuichi Matsuoka, Rober Redfield & Louis Wirth. Glencoe: Free Press, 1952, pp. 233-39.

PARK, Robert E. 1939. “Review of *Social Ecology* by Mila Aïssa Alihan, 1938”. In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 22 − Appraising the Social Security Program, pp. 264-5.

PARK, Robert E. [1942] 1970. “A sociedade moderna”. Tradução de Maria Apparecida Madeira Kerbeg. In: Pierson 1970b, pp. 463-85.

PARK, Robert E. 1950. *Race and Culture*. The collected papers of Robert Ezra Park. Volume I. Edited by Everett C. Hughes, Charles S. Johnson, Jitsuichi Masouka, Robert Redfield & Louis Wirth. Glencoe, Illinois: The Free Press.

PATILLO, Mary. 2003. “Extending the Boundaries and Definition of the Ghetto”. In: *Ethnic and Racial Studies*, vol. 26, nº. 6, pp. 1046-57.

PEACH, Ceri. 1998. “Loïc Wacquant’s ‘Three Pernicious Premises in the Study of the American Ghetto’”. In: *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 22, nº. 3, pp. 507-10.

PEREIRA, Paulo Henrique. 2001. *A Teoria Social de William I. Thomas: contribuição para uma reconstrução metodológica*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.

PIERSON, Donald (org). 1970a. *Estudos de Ecologia Humana*. Leituras de Sociologia e Antropologia, Tomo I. São Paulo: Editora Martins, 2ª ed. revista [1ª ed.: 1948].

PIERSON, Donald (org). 1970b. *Estudos de Organização Social*. Leituras de Sociologia e Antropologia, Tomo II. São Paulo: Editora Martins, 2ª edição [1ª ed.: 1947].

QUEEN, Stuart A. 1956. “Book Review of *Community Life and Social Policy* by Louis Wirth; Elizabeth Wirth Marvick; Albert J. Reis, Jr.” In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 307 – The Office of the American Presidency, pp. 192-3.

QUINN, James A. 1950. “Descrições resumidas de algumas sub-áreas residenciais da cidade”. Tradução de Mário A. Eufrasio. Apostilado. Publicado originalmente como: seções 2.1, 2.2, 2.3 e 2.6 do capítulo VII de James A. Quinn. *Human Ecology*. New York: Prentice-Hall, 1950, pp. 139-146 e 152-155.

REISS JR., Albert J. 1964. “Sociology as a Discipline. Introduction to *On Cities and Social Life*”. In: Wirth 1964, pp. ix-xxx.

RUFATO, Marcela de A. “Sucessão de imigrantes no bairro do Bom Retiro (São Paulo)”. In: Lucena, Célia Toledo & Gusmão, Neusa Maria Mendes (orgs). *Discutindo Identidades*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006, pp. 93-109.

SALERNO, Roger. 1983. *Louis Wirth: Urbanism as a Liberal Perspective*. Ph. D. dissertation. New York University.

SALERNO, Roger. 1987. *Louis Wirth: A Bio-Bibliography*. New York, Westport, London: Greenwood Press.

SAVAGE, Mike & WARDE, Alan. 2002. *Sociologia Urbana, Capitalismo e Modernidade*. Tradução de Francisco Roque de Oliveira. Oeiras: Celta editora. [1ª ed.: 1993]

SMALL, Albion. 1916. “Fifty years of sociology in the United States (1865-1915)”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 21, nº. 6, May, 1916, pp. 721-864.

SMALL, Mario Luis. 2008. “Four Reasons to Abandon the Idea of ‘The Ghetto’”. In: “Symposium on the Ghetto”. *City & Community*, vol. 7, nº. 4, December 2008, pp. 389-96.

SMITH, Michael P. 1979. *The City and Social Theory*. New York: St. Martin´s Press.

STONEQUIST, Everett V. 1930. *The Marginal Man:* a study in the subjective aspects of cultural conflict. Ph. D. dissertation. University of Chicago.

STONEQUIST, Everett V. 1948. *O Homem Marginal*. Estudo de personalidade e conflito cultural. Tradução de Asdrúbal Mendes Gonçalves. São Paulo: livraria Martins editora. [Orig. de: 1937]

SUMNER, William Graham. 1906. *Folkways*. A study of the sociological importance of usages, manner, costumes, mores, and morals. Boston: Ginn & Company Publishers, The Athenaeum Press.

SUMNER, William Graham. 1970. “‘Folkways’, ‘mores’ e ‘instituições’”. Tradução de Lavínia Costa Vilela. In: Pierson 1970b, pp. 365-371.

THOMAS, William I. 1912a. “Race Psycology: standpoint and questionnaire, with particular reference to the immigrant and the negro”. In: *American Journal of Sociology*, vol. 17, nº. 6, May 1912, pp. 725-775.

THOMAS, William I. [1912] 2006. “Educação e Características Raciais”. Tradução de Mário A. Eufrasio. In *Cadernos CERU*, série 2, nº. 17, 2006, pp. 11-31. Publicado originalmente em: *The Southern Workman*, vol. 141, June 1912, pp. 378-86.

THOMAS, William I. 1917. “The Persistence of Primary-Group Norms in Present-Day Society and their Influence in our Educational System”. In: Herbert S. Jennings; John B. Watson; Adolf Meyer & William I. Thomas. *Suggestions of Modern Science Concerning Education*. New York: Macmillan Company, 1917, pp. 159-97.

THOMAS, William I. & ZNANIECKI, Florian. [1918] 2000. “Nota Metodológica” (Capítulo introdutório de *The Polish Peasant in Europe and America*). Organização, tradução (com a colaboração de Paulo Henrique Pereira) e introdução de Mário A Eufrasio. Departamento de Sociologia/FFLCH/USP, São Paulo, 2000.

THOMAS, William I. & ZNANIECKI, Florian. 1918-1920. *The Polish Peasant in Europe and America*. Vols I-V. Boston: Richard Badger/Gorham Press. Disponível para download no Portal *Internet Archive* <www.archive.org>. Excertos traduzidos por Mário A. Eufrasio (apostilado).

THOMAS, William I. [& Robert Park & Herbert Miller]. 1921. *Old World Traits Transplanted*. New York: Harper & Brothers Publishers. Excertos traduzidos por Mário A. Eufrasio (apostilado).

THOMAS, William I. 1926. “O problema da personalidade no ambiente urbano”. Tradução de Mário A. Eufrasio e Paulo Henrique Pereira. In: *Plural*, Sociologia – USP, nº. 8, 2º semestre de 2001, pp. 145-156. Publicado originalmente em: Burgess, E. W. (ed). *The Urban Community*. Selected Papers from the Proceedings of the American Sociological Society 1925. Chicago: University of Chicago Press, 1926, pp. 38-47.

THOMAS, William I. [1936] 1970. “O estudo comparativo das culturas”. Tradução de Paulo F. Lopes. In. Pierson 1970b, pp. 486-96. Publicado originalmente em: *American Journal of Sociology*, vol. 42, nº. 2, Sept 1936, pp. 177-85.

TODD, T. Wingate. 1931. “Culture Conflict and Physical Inadequacy as Bases for Misconduct”. In: *Social Forces*, vol. 9, nº. 4, pp. 497-9.

TOMASI, Luigi (ed.). 1998. *The Tradition of the Chicago School of Sociology*. Aldershot: Ashgate.

TOPEL, Marta F. 2005. “Judaísmo(s) brasileiro(s): uma incursão antropológica”. In: *Revista da Usp*, vol. 67, set-out/2005, pp. 186-97.

TUCH, Steven A. 1987. “Urbanism, Region, and Tolerance Revisited: the case of racial prejudice”. In: *American Sociologial Review*, vol. 52, nº. 4, August 1987, pp. 504-510.

VANCE, Rupert B. 1952. “Louis Wirth, 1897-1952”. In: *Social Forces*, vol. 31, nº. 1, p. 96.

VELHO, Otavio Guilherme (org). 1967. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

VELHO, Otavio Guilherme et alli. 1990. “Uma entrevista com Howard S. Becker”. In: *Estudos Históricos*, vol. 3, nº. 5, pp.114-136.

VIGIL, Diego. 2008. “Barrio Geneology”. In: “Symposium on the Ghetto”. *City & Community*, vol. 7, nº. 4, December 2008, pp. 366-71.

VORTKAMP, Wolfgang. 1998. “Partizipation und Gemeischaft. Louis Wirths Soziologie der Moderne in der Tradition der Chicagoer Schule”. *Soziale Welt*, Jg. 49, Heft 3, S. 275-294.

VORTKAMP, Wolfgang. 2003. *Partizipation und soziale Integration in heterogenen Gesellschaften: Louis Wirth Konzeption socialer Organisation in der Tradition de Chicagoer Schule*. Leske + Budrich, Opladen.

WACQUANT, Loïc & WILSON, William Julius. 1989. “The Cost of Racial and Class Exclusion in the Inner City”. In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 501 - The Ghetto Underclass: Social Science Perspectives, pp.8-25.

WACQUANT, Loïc. 1993. “A Zona”. In: Bourdieu, 2003, pp. 167-75.

WACQUANT, Loïc. 1994. “Estado e destino do gueto: retraçando a linha da cor urbana nos Estados Unidos pós-fordista”. Tradução de João Roberto Martins Filho. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 26, Rio de Janeiro, setembro 1994. Reimpresso em Wacquant 2005, pp. 47- 94.

WACQUANT, Loïc. 1997. “Three Pernicious Premises in the Study of the American Ghetto”. In: *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 21, nº. 2, pp. 341-53. Tradução brasileira [versão reduzida]: “Três Premissas Perniciosas no Estudo do Gueto Norte-Americano”. Tradução de Vera Pereira. In: *Mana*, vol. 2, nº. 2, Rio de Janeiro, Outubro 1996, pp. 145-61.

WACQUANT, Loïc. 1998. “‘Uma cidade negra entre os brancos’: revisitando o gueto negro da América”. Tradução Taís Blauth. *Política e Sociedade*, nº. 5, outubro de 2004, pp. 263-278. Reimpresso com alterações como “‘Uma cidade negra dentro da branca’: o gueto norte-americano revisitado”, tradução de Paulo Cezar Castanheira. In: Wacquant 2008, pp. 61-73 e 147-9.

WACQUANT, Loïc. 2001. *Parias Urbanos: marginalidad en la ciudad a comienzos del milenio*. Buenos Aires: Manantal.

WACQUANT, Loïc. 2003. *Punir os Pobres*. A nova gestão da miséria nos Estados Unidos. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Revan, [1ª ed.: 2001].

WACQUANT, Loïc. 2004. “Ghetto”. In Smelser, Neil J. & Baltes, Paul B . (eds). *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. London: Pergamon Press, rev. ed. 2004. Disponível na página pessoal do autor: <http://sociology.berkeley.edu/faculty/wacquant>; acesso em: julho/2007. Tradução brasileira: “Que é gueto? Construindo um conceito sociológico”. Tradução de Zena Eisenberg e João Feres Júnior. In: *Revista de Sociologia e Política*, nº. 23, Curitiba, novembro 2004, pp. 153-64. Reimpresso com alterações como “As duas faces do gueto”, tradução de Paulo Cezar Castanheira. In: Wacquant 2008, pp.75-91 e 150-2.

WACQUANT, Loïc. 2005. *Os Condenados da Cidade*. Estudos sobre marginalidade avançada. Tradução de João Roberto Martins Filho *et alli*. Rio de Janeiro: Revan. [1ª ed.: 2001]

WACQUANT, Loïc. 2008. *As duas faces do gueto*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo.

WARD, Seth. 1999. “Review of Louis Wirth, *The Ghetto*”. In: *History*, vol. 27, nº. 3, p.102.

WALKER, Sydnor. 1928. *Social Work and the Training of the Social Workers*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press. Disponível para leitura no portal *HathiTrust Digital Library* <www.hathitrust.org>.

WILSON, Thomas C. 1985. “Settlement Type and Interpersonal Estrangement: a test of the theories of Wirth and Gans”. In: *Social Forces*, vol. 64, nº. 1, September 1985, pp.139-150.

WIRTH MARVICK, Elizabeth. 1964. “Louis Wirth: a biographical memorandum”. In: Wirth, 1964: pp. 333-40. Tradução francesa: “Louis Wirth: notice biographique”. In: Wirth, Louis. *Le Ghetto*. Traduit de l’americain par Pierre-Jacques Rojtman. Grenoble: Presses universitaires de Grenoble, [1980] 2006, pp. 243-50.

WOLF, Kurt H. 1967. “The Sociology of Knowlodge in the United States of America”. In: *Current Sociology*, vol. 15, nº. 5, pp. 5-25.

ZORBAUGH, Harvey. 1929. *The Gold Coast and the Slum*. Chicago: The University of Chicago Press.

ZUKIN, Sharon. 1998. “How ‘Bad’ Is It?: Institutions and Intentions in the Study of the American Ghetto”. In: *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 22, nº. 3, pp. 511-20.